

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

Maurício Fernando Schneider Kist

MONTEVIDEO, ¿QUÉ ES ESO EN LOS MUROS?

Dissertação de Mestrado

Goiânia
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Maurício Fernando Schneider Kist

Título do trabalho: Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

3. Informações de acesso ao documento:

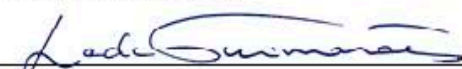
Concorda com a liberação total do documento ☐ SIM ☒ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 16/07/2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual

Maurício Fernando Schneider Kist

MONTEVIDEO, ¿QUÉ ES ESO EN LOS MUROS?

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM ARTE E CULTURA VISUAL, sob orientação da Prof.^a Dra. Leda Maria de Barros Guimarães.

Área de Concentração: Arte, Cultura e Visualidades

Linha de Pesquisa: Culturas da imagem e processos de mediação

Goiânia
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Schneider Kist, Maurício Fernando
Montevideo, ¿qué es eso en los muros? [manuscrito] / Maurício
Fernando Schneider Kist. - 2018.
CXXV, 126 f.

Orientador: Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte
e Cultura Visual, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, lista de
figuras.

1. Pintadas. 2. Intervenções urbanas. 3. Pluriterritorialidade. 4.
Movimentos sociais. 5. Maconha. I. Guimarães, Leda Maria de Barros,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL
Campus Samambaia – Caixa Postal 131 – CEP: 74.001-970 – Goiânia/GO.
Fones: (62) 3521-1440 www.fav.ufg.br/culturavisual

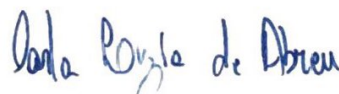
Ata nº 010/2018 da reunião da banca examinadora da defesa de dissertação de **MAURÍCIO FERNANDO SCHNEIDER KIST**- Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito (28/06/2018), às 10h00min, reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: Professores Doutores: Leda Maria de Barros Guimarães (FAV/UFG) – orientadora, Ricardo Klein Caballero (FCS/UDELAR) e Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) para, sob a presidência da primeira, e em sessão pública realizada no Auditório da Faculdade de Artes Visuais, Campus Samambaia, procederem à avaliação da defesa de dissertação intitulada: MONTEVIDEO, ¿QUÉ ES ESO EN LOS MUROS?, em nível de Mestrado, área de concentração em Arte, Cultura e Visualidades, linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação, de autoria de MAURÍCIO FERNANDO SCHNEIDER KIST, discente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora Leda Maria de Barros Guimarães, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e fez constar em ata a participação via Skype do membro externo Prof. Ricardo Klein Caballero. A palavra a seguir, foi concedida ao autor da dissertação que, em 20 minutos procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu o examinando. Terminada a arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº.1403/2016 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, a dissertação foi considerada APROVADA por unanimidade, com as seguintes observações por parte da banca: Aprofundar o conceito de pluriteritorialidade.
A banca destaca a originalidade do trabalho e o desenvolvimento da pesquisa sobre o tema. Destaca também a apresentação oral na sua estruturação, fluência e precisão do tempo.
Recomenda a publicação do trabalho em forma de artigos e outros meios e indica a continuidade do trabalho para doutorado. Cumpridas as formalidades de pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e para constar eu, Alzira Martins Prado, secretária do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, lavrei a presente Ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em quatro vias de igual teor.



Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães
Presidente - FAV/UFG



Prof. Dr. Ricardo Klein Caballero
Membro – FCS/UDELAR



Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu
Membro - FAV/UFG

Maurício Fernando Schneider Kist

MONTEVIDEO, ¿QUÉ ES ESO EN LOS MUROS?

Dissertação de Mestrado

Defesa em
28/06/2018

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães
FAV/UFG
Orientadora – Presidente da Banca



Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu
FAV/UFG
Membro Interno



Prof. Dr. Ricardo Klein Caballero
FCS/UDELAR
Membro externo

Profa. Dra. Alice Fátima Martins
FAV/UFG
Suplente interno



Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto
FAV/UFG
Suplente externo

A los cirujanos del tiempo

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é dedicado com a mesma intensidade a todos que sobrevivemos porque pensamos. *Gracias a la vida* e ao velho sábio que nos rege, guarda e GUIA. Meu guia.

- À professora Leda Guimarães, que me ensinou a enxergar mais que olhar. Que topou esse desafio nos extramuros;
- Às professoras Carla de Abreu e Janine Collaço pelos aportes na qualificação;
- Ao professor Ricardo Klein, da FCS-UdelaR, que me auxiliou na compreensão do mundo do grafite em Montevideu e do processo investigativo em campo;
- Ao PPGACV, por aceitar meu projeto de pesquisa, julgando-o potente e confiando em mim para desenvolvê-lo;
- Ao IENBA-UdelaR, pela recepção institucional e aportes acadêmicos através dos professores Fernando Miranda, Gonzalo Vicci e Melissa Ardanche;
- À Secretaria de *Medios* do MPP, pela recepção e apoio através de inúmeros contatos para a pesquisa através da Camila Martínez, Camilo Cejas e Gabriela Luna. A todos os colegas de profissão e militância que desenvolvem suas atividades ali;
- À Gabriela Luna, pela confiança e amor dedicados através de inúmeros gestos no meu viver no Uruguai;
- À Sabrina Busqué, pelos incontáveis momentos de acalento quando o coração desesperava e a cabeça já não sabia como seguir na pesquisa;
- À minha família uruguaia, Balbina, Taketo e Saiuri, por sempre me receberem e dedicarem seu tempo a mim;
- À minha mãe, Isabel, pelo apoio constante e eterno, pelo amor incondicional e por, pacientemente, tentar explicar à minha avó, Ilda, onde e o que eu estava fazendo;
- À Paula Perez, que me direcionou a muitos contatos e entreviu por mim diversas vezes;
- À Agatha Couto pela revisão e por me livrar dos mil apostos.
- À FAPEG, pelo aporte através da bolsa de estudos regida pelo edital 03/2016, durante 21 meses;
- Ao IF Goiano, pelo Afastamento para Participação em Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu no País, concedido através de edital interno, e pela Licença para Capacitação, ambos garantindo o que preconiza a Lei 8.112/1990, além da concessão de horário para capacitação em serviço, conforme Regulamento interno;
- Ao CDF e ao *semanario El Popular*, através de Laura Casartelli, pelas fotografias históricas cedidas a essa pesquisa e;
- A todos os interlocutores referenciados no Mapa 4, cujos conhecimento e vivência foram certos na construção dessa pesquisa.

RESUMO

Essa pesquisa teve por objetivo o estudo de intervenções urbanas no Uruguai. Propriamente, de produções visuais em muros (grafite, pichação, *pintadas*), com enfoque em Montevideu, capital uruguaia. Essas intervenções urbanas, determina Tavares (2008), são ações que interessam promover reflexões nos fluxos tensos e intensos da sociedade/cidade, problematizando o processo de comunicação de ideais pela subversão dos meios. Dentre tantos temas expressados nessas visualidades, a pesquisa trilhou o caminho das *pintadas* sobre a reformulação da lei de drogas, alçada fortemente na regulação dos processos envolvidos no uso da cannabis, onde movimentos sociais de diferentes matizes lutam nessa frente a partir de um direito social. A pesquisa foi desenvolvida por meio do estudo de aspectos históricos das produções visuais em muros e do tema cannabis, com imersão etnográfica no contexto cultural e político do país. Resulta que a pesquisa pôde dialogar sobre a maturidade dos processos de tensões na e sobre a arena pública que suscita Corrigan (2011), discutindo a reconstrução identitária a partir dos processos pluriterritoriais por onde transitam as imagens.

Palavras-chave: *Pintadas*; Intervenções urbanas; Pluriterritorialidade; Movimentos sociais; Maconha.

ABSTRACT

This research had as objective the study of urban interventions in Uruguay. Properly, visual productions on walls (graffiti, graffiti, graffiti), focusing on Montevideo, Uruguayan capital. These urban interventions, according to Tavares (2008), are actions that are interesting to promote reflections in the tense and intense flows of society / city, problematizing the process of communication of ideals by the subversion of the means. Among so many themes expressed in these visuals, the research has traced the path of the painted ones on the reformulation of the drug law, strongly elevated in the regulation of the processes involved in the use of cannabis, where social movements of different shades struggle in this front from a social right. The research was developed through the study of historical aspects of visual productions in walls and the cannabis theme, with ethnographic immersion in the cultural and political context of the country. It turns out that the research was able to discuss the maturity of the processes of tensions in and on the public arena that Corrigan (2011) evokes, discussing the reconstruction of identity from the processes of plurality through which images move.

Keywords: *Pintadas*; Urban interventions; Plurality; Social movements; Marijuana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Pintada</i> : el Frente vota, Uruguay regula. Montevideú, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: Nicolás Pérez).....	27
Figura 2: Anotações diário de campo, 2016. (Foto: arquivo pessoal).	29
Figura 3: Mapa do Departamento de Montevideú, 2018. (Foto: Google Maps. Editado pelo autor)	30
Figura 4: Puerta y muralla de la Ciudadela. Entrada del Mercado Viejo. Adelante: calle Sarandí. Año 1870 (aprox.). (Foto: 0987FMHB.CDF.IMO.UY - Autor: s.d./IMO).	33
Figura 5: Publicidad política durante una campaña electoral. Calle Sarandí, esquina Juncal. Año 1950. (Foto: 08573FMHGE.CDF.IMO.UY - Autor: S.d./IMO).	34
Figura 6: Anotações diário de campo, 2016. (Foto: arquivo pessoal).	36
Figura 7: recorte do diário de campo (Foto: acervo pessoal).	39
Figura 8: recorte do diário de campo (Foto: acervo pessoal).	40
Figura 9: recorte do diário de campo (Foto: acervo pessoal).	41
Figura 10: Mural en calle Paysandú esquina Tacuarembó. Año 1953 (aprox.). (Foto: 1112FMHB.CDF.IMO.UY - Autor: S.d./IMO).	55
Figura 11: Protesto obreiro/estudiantil. Montevideú, 11 de junho de 1958. (Foto: Recorte do Jornal "el Popular" - Autor: S.d.).	56
Figura 12: Cartelón pintado frente a "La Autora" llamando al acto del Partido Comunista. Montevideú, 25 de junho de 1962. (Foto: Recorte do Jornal "el Popular" - Autor: S.d.).	57
Figura 13: Muro pintado em chamamento a paralisação. Montevideú, 29 de maio de 1972. (Foto: Recorte do Jornal "el Popular" - Autor: S.d.).	59
Figura 14: <i>Pintada</i> em ônibus: resistir a ditadura militar fascista. Montevideú, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).	61
Figura 15: <i>Pintada</i> : viva a CNT. Montevideú, década de 1970. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).....	61
Figura 16: <i>Pintada</i> de operários. Montevideú, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).....	62
Figura 17: <i>Pintada</i> : a ditadura cairá. Montevideú, década de 1970. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).....	62

Figura 18: <i>Pintada</i> de exaltação a classe operária. Montevideu, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).....	63
Figura 19: <i>Pintada</i> em portão de fábrica: oficinas ocupadas. Montevideu, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).	63
Figura 20: Mural en apoyo al Frente Amplio y en oposición al gobierno dictatorial. S.l. Año 1985. (Foto: 0070_10FPCT.CDF.IMO.UY - Autor: Agencia fotográfica Camaratres).	65
Figura 21: : Intersección de las calles Obligado y Maldonado, durante el "paro cívico" convocado por la Intersectorial y la Multipartidaria. 27 de junio de 1984. (Foto: 0055_39FPCT.CDF.IMO.UY - Autor: Agencia fotográfica Camaratres).	65
Figura 22: infográfico do Movimento por la Legalización del Cannabis, Montevideu, 2007. (Foto: Retirado do Relatório sobre Movimentos Sociais Juvenis no Uruguai. Autor: (AGUIAR e MUÑOZ, 2007, p. 9)).	77
Figura 23: Colagem de imagens vinculadas a Plantatuplanta no Museu da Cannábis de Montevideo, Montevideu, 2017. (Foto: Feita pelo autor - Autor: S.d.).	82
Figura 24: Folheto convocando à primeira <i>fumata</i> . Pinamar, 2017. (Foto: Feita pelo autor - Autor: Federico Marin).	83
Figura 25: Stencil: mi planta crece en tierra uruguaya. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).	89
Figura 26: Stencil: planta de cannabis. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).	90
Figura 27: Stencil: plantate. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).....	90
Figura 28: Intervenção em busto de Gardel. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).....	91
Figura 29: Agenciamentos territoriais. (Foto: feita pelo autor - Autor: criado pelo autor).....	95
Figura 30: <i>Pintada</i> : el Frente vota, Uruguay regula. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).	102
Figura 31: <i>Pintada</i> : cultiva tu libertad. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).	103
Figura 32: <i>Pintada</i> : no más narcos. Marihuana legal. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).	103
Figura 33: <i>Pintada</i> : flor de debate. Montevideu, 2017. (Foto: feita pelo autor - Autor: Gurises MPP).	107

Mapa 1: localizando...	15
Mapa 2: Capítulo 1 - Origem da pesquisa.....	21
Mapa 3: Entrada no campo. Caminhando por Montevideu	28
Mapa 4: Conexões. Rede de contatos.	43
Mapa 5: Materiais produzidos pelos componentes do MLC ao longo dos anos prévios a Regulação. (Foto: Montagem feita pelo autor - Autor: S.d.).....	85

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
NASCI DO LADO ERRADO DO RIO	21
1.1 Ecos PAMPEANOS: Alguns 800 primeiros quilômetros	22
1.2 Ecos GOIANOS: outros 3000 próximos quilômetros	29
1.3 Convidar o vento a uma contradança.....	37
PASAME LA UBICACIÓN	44
2.1 A história antes da história.....	44
2.2 Ximango não dança em baile de maragato	46
2.3 Um novo século, novos (?) movimentos.....	51
2.4 "La vida es lucha y, mientras viva, el hombre debe luchar"	60
¿TE MOLESTA SI ARMO UN PORRO?	67
3.1 Uma flor proibida.....	67
3.2 Uma democracia em movimentos pela flor	73
3.3 Uma p[í]ntada por mil palavras	80
¿VAMOS A HACER UNA PINTADA?	88
4.1 Um breve interior.....	88
4.2 Possibilidades a partir das visualidades capitalinas	100
"EL MUNDO DEBE UNA A LA MARIHUANA"	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXO A	123

APRESENTAÇÃO

Mapa 1: localizando...

No ano de 2013, depois de um debate de meses, o Uruguai reformou sua lei antidrogas, em especial o que era relativo à maconha. Neste contexto, diversos atores se envolveram na construção do projeto de lei e em campanhas para a aprovação da mesma na instância legislativa. Em meio a isso, os muros falavam. E essas falas, ainda mais as falas políticas, são o foco desta pesquisa, partindo da problemática de como os movimentos sociais, responsáveis por essas intervenções, constroem e se constroem no espaço urbano a partir dos grafites e das pichações em prol da defesa da regulação do consumo, produção e venda de cannabis, entendendo essa ação como um direito social.

Essa ideia de intervenção urbana "são procedimentos que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los", sustenta Mazetti (2006, p. 6), onde o desvelar dos constructos ideológicos da sociedade presentes nos signos das pintadas provocam, comunicam, desmascaram e resistem ao velho conservadorismo, numa luta dos seus atores pelo reconhecimento intersubjetivo, formação da sua identidade e reconhecimento das suas ações pelo confronto que questiona os conceitos de verdade. *Pintadas* será referida sempre em itálico, pois não foi possível, nem apetente, encontrar uma tradução. *Pintada* ou *pintadas* é como são referidas as manifestações visuais grafite, pichação e pinturas em muros feitas com tinta em *spray* ou tinta e pincel.

Em 2016, no repensar do projeto de pesquisa, algumas questões me vinham à mente:

Quais são as fronteiras onde essas produções estão? Quais são os fatores geradores nessa cultura visual? Qual a relação entre imagem e pensamento (s)? Como eu e tu olhamos para essas imagens/visualidades? Como eu e tu interagimos com elas? O que não conseguimos ver? Como e quais processos de mediação acontecem das ideologias de quem produz para quem é atravessado/fruído/fluído pelas imagens produzidas nesse estudo de cultura visual? (SCHNEIDER KIST, 2017, p. 216)

Durante o campo, entre os meses de fevereiro e maio de 2017, fui percebendo que os questionamentos que impulsaram a escrita do pré-projeto, apresentado à Faculdade de Artes Visuais em 2015, sobre os discursos procedentes da cultura visual, sobre os processos históricos que contextualizam o ato de utilizar muros para expressar demandas, sobre as instâncias em que agem essas produções, davam lugar, também, a questões de resignificação do espaço urbano pelos movimentos sociais e políticos envolvidos com as *pintadas*.

Esse trabalho nasce com o objetivo de estudar as relações, os atravessamentos e os desbordamentos das/nas *pintadas* pela regulação da cannabis no Uruguai em 2013. Essa inquietação é antiga, crescente ao longo de 11 anos de visitas ao Uruguai: Por que tanto pintam os muros em Montevideu? Esta inquietação se une a outra, ao meu próprio despertencimento territorial.

Nasci latino, brasileiro, gaúcho de Santa Cruz do Sul, mas meu coração nunca pertenceu a um só lugar. Recordo-me das viagens que fazia quando piá¹. Conheci muitos rincões do Sul e Sudeste do Brasil. Viajava na boleia de um caminhão com minha mãe e meu padrasto. Às vezes, eu ficava em alguma cidade, na casa de alguém que havíamos conhecido durante as andanças, enquanto eles dois retornavam para o Sul, para casa, a casa deles, minha, também, mas eu gostava mesmo era da casa dos outros. Um mês se passava até que eles retornassem à cidade onde eu havia ficado, a cidade que eu já havia adotado como minha. Eu subia naquele caminhão e seguia a viagem com eles.

Certa vez, numa das viagens pelo Rio Grande do Sul, um estado com tantas culturas e paisagens diferentes, conheci Bagé. Pacata cidade cravada no Pampa gaúcho, distante 130 quilômetros da rodovia principal que corta aquele estado. Colonização espanhola, casas com a porta para a calçada... Um estranhamento tomou conta de mim. Hoje, me questiono se não foi amor à primeira vista. A paisagem daquele lugar era muito diferente do lugar onde nasci e cresci, Santa Cruz do Sul. Cidade de colonização alemã, com casas ajardinadas e à vista de todos. Poucos muros, ainda que a violência crescente obrigou muitos a colocarem grades de ferro ou telas de arame nos seus perímetros. Anos depois, mudei-me para lá.

Nessa época, já havia conhecido o Uruguai, e sabia que algo me atraía para aqueles pagos². Antes dessa mudança, morava há dois anos em outro canto do Rio Grande do Sul, na fronteira com a Argentina. Por ali, me dei conta que eu havia nascido no lado errado do rio.

A mudança para São Borja ocorreu em razão de trabalho, assim como a mudança para Bagé. Porém, foi diferente. Sair da região das Missões para a região do Pampa implicava aproximar-me daquele país que, desde criança, me despertava

¹ Criança

² Terras

curiosidade pelo idioma. Certa vez, na ponte entre Artigas e Quaraí, escutei duas pessoas numa conversa pouco decifrável para mim naqueles tempos. Não sei o que elas vinham fazer no lado brasileiro. Enfim, todas essas memórias me fizeram aceitar a mudança para aquele rincão empolgadamente.

Costumo dizer que eu nasci uruguaio, porém, do lado uruguaio pertencente à colonização portuguesa. Na escola, estudamos sobre a província Cisplatina, e eu sabia que aquela terra onde eu nasci um dia foi uma coisa só. De um intercâmbio de um *plugin* para edição de vídeo, conheci um uruguaio e a família dele. Com 18 anos, comprei uma moto com o que havia juntado de dinheiro desde os primeiros trabalhos de estagiário e percorri 814 quilômetros até a *calle 39, Solymar, Ciudad de la Costa*, departamento de *Canelones*, com meu espanhol truncado, que havia aprendido com minha chefe. Dali nasceu uma amizade, uma irmandade e uma família - dizem que família é a que escolhemos.

Quase todos os anos passei a peregrinar para o Uruguai. Eu gostava do ritmo da vida por lá. O tamanho das notas de Peso uruguaio. Do doce de leite. Do sorvete. Do trâmite na fronteira. Do *Pomelo Paso de los Toros*. Com o passar dos anos e meu amadurecimento, comecei a questionar-me sobre a política naquele país. Sobre os controles estatais sobre o preço do leite e do combustível. Em largas caminhadas pelas ruas cheias de folhas de Plátano na cidade de Montevideu, já com um espanhol mais apurado, debatia sobre a vida com meu irmão uruguaio, o Taketo. Existia uma inexplicável magia em estar lá, e a proximidade de Bagé com a fronteira me permitia amanhecer um sábado por mês naquela cidade.

Em 2005, ascende a esquerda pela primeira vez no Governo daquele País. A cada ano, comecei a perceber mudanças políticas, econômicas e sociais. Muitos carros novos, de modelos compactos. Desenvolvimento da telefonia e da internet, onde é possível se conectar via rede 4G em muitos rincões³. Plano *Ceibal*, que oferece um computador portátil por criança em idade escolar e um por professor da rede pública de ensino. Mas, a mudança que mais me instigava era a forma de organização social para lutar por aquilo que queriam, especialmente, a forma como expressavam e comunicavam essas lutas, a exemplo, a legalização do aborto, do

³ Lugares

casamento entre pessoas do mesmo sexo, o 'não' à redução da maioridade penal e a regulação da maconha.

Porém, a vida muda. Em 2015, fui trabalhar em Goiânia. Conheci o programa em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais (FAV) e fiz uma disciplina como aluno especial. Dessa disciplina, nasce o pré-projeto. No começo, eu sabia que queria trabalhar com aquelas imagens gravadas na minha memória dos muros pintados com frases de protesto, mas eu precisava delimitar melhor minha pesquisa. Estudando sobre os movimentos sociais daquele país, percebi que um tema, apesar de estar devidamente regulamentado, com lei aprovada, ainda não estava completamente resolvido em termos de aplicação: o uso da maconha. Na reformulação da lei de drogas, em especial no que tange a cannabis, o estado fica responsável pela produção, distribuição e venda de maconha nas farmácias. Esse é um dos três caminhos legais para um cidadão uruguaio ter acesso à planta. Porém, entraves de alguma natureza faziam com que este caminho não estivesse acessível à população. Esse fator, aliado a muitos casos de pessoas ainda presas por possuir plantas em casa, ainda que registrados no órgão de controle e dentro do limite estipulado pela lei (outro caminho possível de se ter cannabis), fizeram-me perceber que este tema ainda é motivo de grandes mobilizações. Seria, então, um bom caminho a seguir com a pesquisa.

Dessa forma, o trabalho está estruturado em quatro capítulos: "Nasci do lado errado do rio"; "*Pasame la ubicación*"; "*¿Te molesta si armo un porro?*"; e "*¿Vamos a hacer una pintada?*". Cada título apresenta a justificativa do nome dado, num diálogo com a própria pesquisa. Três deles estão em língua espanhola, pois foram frases presentes nas comunicações durante o campo.

"Nasci do lado errado do rio" é o capítulo onde conto o processo de chegada ao Uruguai, a chegada à Goiânia e até a pesquisa. Apresento o caminho percorrido no campo para encontrar meus interlocutores, minhas inquietações, objetivos e processos metodológicos, além de trazer a imagem que desatou primeiramente todo o processo desta pesquisa.

Em "*Pasame la ubicación*", trago o contexto de lutas na formação de um país independente, lutas de pertencimento e despertamento, de influências externas, sociais, econômicas e políticas, e lutas sociais no transcorrer das décadas. Marco a

formação da sociedade civil organizada do antes e do depois da ditadura, buscando fundamentar o paralelo com o tema cannabis apresentado no capítulo seguinte, para chegarmos ao *corpus* da investigação: as *pintadas* levadas a cabo durante a tramitação da lei de regulação da maconha naquele país.

Em "*¿Te molesta si armo un porro?*", discuto a possível chegada da cannabis no Brasil e no Uruguai, seus acercamentos, intercâmbios e divergências históricas, o proibicionismo e o estigma social que uma planta chega a causar, culminando na reformulação da lei de drogas daquele país, que tornou a maconha regulada, com produção e dispensa governamental, além de autorizar o autocultivo, os clubes de adesão e o uso medicinal. Buscando a relação com o histórico de formação de movimentos sociais ao longo da história do país e suas reformulações, aproximo ambos os temas para uma posterior discussão das visualidades produzidas em prol da despenalização do plantio e porte da planta, uma vez que o consumo já não era crime.

"*¿Vamos a hacer una pintada?*" aproxima-se dos atravessamentos na cultura visual sobre essas *pintadas*, as relações de movimento social, cannabis e visualidades. O que nos dizem essas imagens? Por onde transitam? Ao refletir sobre o campo, dialogo com os interlocutores do processo investigativo, dialogo com as imagens, enfrento suas potencialidades como ressignificadoras dos seus espaços de convivência, o espaço urbano e a si mesmas enquanto movimentos geradores de saberes em todo este contexto, buscando uma compreensão sobre o *¿qué es eso en los muros?*

NASCI DO LADO ERRADO DO RIO

Rio imaginário, rio hipotético, rio figurativo. Esse rio que, de fato, nunca existiu em sua plenitude, de forma única, cortando divisas de ponta a ponta, como faz o Uruguai ao longo da fronteira oeste do Rio Grande do Sul com Misiones e Corrientes, na Argentina, existe aqui e acolá em Barra do Quaraí, Quaraí e Jaguarão, deixando secas as fronteiras do Chuí, de Aceguá e de Santana do Livramento, ainda que os rios Quaraí e Jaguarão delimitem praticamente dois terços das divisas castelhanas, fluem em sentidos contrários. Já não se pode jogar a balsa com cedro, angico e canjerana, revendo maravilhas que ninguém descobriu, rezando a Deus e a São Miguel, despedindo-se desse mundo ao chegar no Salto Grande, como diria Barbosa Lessa, mas pode-se, sim, entender esse rio do qual nasço do lado errado como a própria linha divisória da praça Internacional em Santana do Livramento, ou do canteiro central entre as Avenidas Brasil e Uruguai, no Chuí ou da Avenida Internacional, que ora é BR 153, ora é Ruta 8, em Aceguá. O que é certo, é que sempre mirei para o lado de lá, como se soubesse que daqueles pagos fora eu, um dia, filho. Aos sonhos que quero sonhar, num pedido que faço a esse rio, na poesia de Ramón Ayala (1976), conto nesse capítulo o caminho da pesquisa em Arte e Cultura Visual, cantarolando: “Río, río, mío, mío, dame sueños dame, que quiero soñar”.

1º de fevereiro de 2008, às 7h30, saímos em direção a Ciudad de la Costa

a fronteira do RS com o Uruguai não possui um rio na mesma proporção do Rio Uruguai, que nasce entre o RS e SC e corre em direção ao mar, dividindo esses estados, RS e Uruguai e Uruguai e Argentina, depois; mesmo não possuindo um rio nessa dimensão, a representação do rio sempre foi muito presente em minha vida, principalmente depois de 2010, quando fui morar em São Borja, fronteira do RS com Corrientes, AR. o despertencimento territorial faz nascer esse trabalho

nascentes que formam o rio Quaraí que segue em direção a tríplice fronteira para desaguar no rio Uruguai

área de fronteira seca

Aceguá, fronteira seca, onde a BR se tranforma em Ruta. Três horas de espera para fazer a imigração na primeira viagem

Bagé, a cidade que já havia conhecido quando criança e tempo depois, com 24 anos, passei a viver. Estreitamento da minha relação com o uruguai.

os 60km de reta até Aceguá

confluência do arroio da Mina com o arroio Jaguarão Chico formando o Rio Jaguarão que segue em direção à lagoa Mirim

nascente do arroio da Mina

Chuí, fronteira seca

chegamos a Solymar às 23h. Incomunicáveis desde às 19h, quando paramos para lanchar em Minas

Mapa 2: Capítulo 1 - Origem da pesquisa.

1.1 Ecos PAMPEANOS: Alguns 800 primeiros quilômetros

Era 2008. Primeiro de fevereiro. Às 7h30 da manhã, subimos em uma moto *Honda Strada* 200cc e rumamos em direção ao Uruguai. Da Rua Parque Real, em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, à *Calle* 40 de *Solymar*, em *Ciudad de la Costa*, departamento de *Canelones*.

A previsão de 10 horas de viagem não se cumpriu. Só na fronteira de Aceguá, foram 3 horas para fazer a imigração. Já rumando para os lados de Bagé, saindo da BR 290, rodovia que liga o estado de ponta a ponta, da fronteira com a Argentina à capital, Porto Alegre, uma manga d'água assolou a viagem. Não desanimemos, pois! Mal sabia eu que, 130 quilômetros depois, estaria passando pela cidade que seria minha guarida muitos anos depois, e que por aquela cidade eu me apaixonaria também.

Entre Bagé e Aceguá, são aproximadamente 60 quilômetros de asfalto em linha reta. Era água que São Pedro mandava sem dó de quem viajava de forma tão aventureira, como viajamos Ricardo e eu. Ah, sim! Nunca fui de fazer aventuras sozinho, sempre carrego uma pobre alma disposta a aventurar-se. O Ricardo é amigo meu desde o curso de Mecânica Multifuncional no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), que cursei em Santa Cruz do Sul quando eu tinha 15 anos. Com o passar do tempo, acabei mudando de área, fui para a Comunicação Social. Efetivamente, acredito que acredito que nunca mudamos de área, pois uso a mesma lógica do processo de construção das peças da indústria metalmeccânica para a construção dos meus textos e dos materiais em audiovisual com os quais trabalho.

Já na fronteira, pegamos a fila para fazer a imigração. Aceguá é uma cidade bastante particular. Um canteiro central entre duas ruas divide os países, cujos nomes das cidades não se alteram. Ali são todos brasileiros e uruguaios. Não é difícil encontrar a casa da imigração. Quando a rodovia brasileira que vem de Bagé faz uma curva e vira uruguaia, seguindo em direção a Melo, ali está!

Molhados e com fome, já impacientes, assim como os outros turistas que aguardavam naquela fila que não caminhava, inteiramo-nos que recém havia

chegado um ônibus com pescadores para darem entrada no país. Uma hora e meia depois, chegamos ao balcão de atendimento. Aquela senhora, a única que preenchia os cartõezinhos de imigração com sua própria letra, olhou-nos e disse: “Esperenme un rato que voy a almorzar”. Pois, o que nos restava fazer, senão aguardar? Ali, na nossa frente, a senhora come aquele prato de massa com toda a vontade do mundo. Terminado o almoço, feita a digestão acompanhada de um cigarro de filtro, ela faz nossa imigração e vamos nós dois procurar algo para almoçar.

Tantas horas depois, chegamos a cidade uruguaia de Minas. Comemos uma boa *milanesa napolitana* (bife empanado com queijo e presunto por cima), alface, tomate e pão. Dali, fiz uma ligação para a família que nos receberia avisando que demoraríamos mais que o previsto para chegar e partimos. *Solís de Mataojo, Empalme Olmos, La Montañesa, Neptunia, El Pinar, Lomas de Solymar e Solymar*. Nada de celular nos acompanhava naquela época. Muito menos internet. Tínhamos mapas do *Google Maps* impressos em folhas A4. Cada esquina, cada trevo, cada desvio. Combinamos o encontro na Avenida *Giannattasio* com Avenida Uruguai, no supermercado *Multiahorro*. Porém, já eram 22h30. Não havia ninguém ali. Estávamos incomunicáveis.

Decidimos seguir pela Avenida Uruguai. Eu sabia que nosso destino final era a Rua 40, porém, as ruas não tinham placas com seus nomes nas esquinas. Também não sabia o número da casa. Encontramos a Rua 40 com a ajuda de uma pedestre, ao seguir por ali, vejo uma pessoa saindo de casa, logo comentei com Ricardo, vamos por essa pessoa pedir informação, quem sabe ele conheça a família que buscamos a residência. Já eram onze horas da noite e, naquela época, as ruas não tinham iluminação pública. Ao apontar o farol da moto para aquela pessoa, bingo! Era o Taketo, nosso anfitrião. Ele estava saindo para retornar ao *Multiahorro* para nos esperar. Beijos, abraços e muita fome, partimos para encontrar a mãe dele que estava comemorando seu aniversário com alguns amigos em um bar da mesma Avenida *Giannattasio*. Com muita vergonha por encontrar tanta gente, ainda arranhando bastante no idioma, provei o melhor e mais curioso sorvete da minha vida, servido em um prato.

Então, nasce uma relação intensa. Intensa de amores, de saudades, de culturas, de intercâmbios, de cores, texturas e *olores*⁴. O amor, do qual se pergunta Pedro Alborán onde está, cresce e me faz chegar a essa pesquisa. O que posso pedir, hoje, para aquela terra castelhana, está nas palavras do próprio Alborán:

Déjame que vuelva a acariciar tu pelo
Déjame que funda tu pecho en mi pecho
Volveré a pintar de colores el cielo
Haré que olvides de una vez el mundo entero
Déjame tan solo que hoy roce tu boca
Déjame que voy a detener las horas
Volveré a pintar de azul el universo
Haré que todo esto solo sea un sueño (2012)

Sonho que, sete anos depois do primeiro “cheiro matador”, como diria Alceu Valença (1987), converte-se num projeto de pesquisa movido, também, pela intrigante presença intensificada, ano após ano, dos grafites e pichações nos muros da cidade de Montevideu.

Movido pela pergunta, aparentemente simples, do porquê tanto picham os muros naquela cidade, fui abrindo outras picadas⁵ nesse processo de investigar, aprender e entrincheirar-me. Frente a essa pergunta, algumas hipóteses me surgiram: picham por anarquismo; picham por necessidade de expressarem-se; ou, picham com o intuito de dar vida às paredes e muros “cinzas-dória”⁶ dos bairros antigos da cidade de San Felipe y Santiago de Montevideo, posterior Montevideu. Cidade que, inclusive, passou a existir em 1724 pelas mãos do governador de Buenos Aires, Bruno Mauricio de Zabala, a mando do Rei Felipe V, como resposta espanhola à fundação de Colônia do Sacramento pelos portugueses.

Pelos idos de 1725, com 34 pessoas enviadas desde Buenos Aires, depois daqueles primeiros soldados, o capitão Pedro Gronardo, prático na navegação pelo Rio da Prata, bonaerense, avistou algo suspeito pelas bandas da cidade velha. Ao se aproximar, deu-se conta de que se tratava de portugueses ali instalados. Retornou perdendo as pernas para Buenos Aires e avisou ao então Governador Zabala. Gronardo, dono da primeira *pulpería*⁷ que Montevideu teve, precipitou a fundação dessa, hoje, charmosa cidade.

⁴ Cheiros.

⁵ Caminhos abertos em mata fechada a golpes de facão.

⁶ https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html

⁷ No Rio Grande do Sul, chamamos de venda. Pelo Goiás seria um pé sujo combinado com um armazém.

Toda gente muy joven componía el núcleo de 34 primeros pobladores de Montevideo, aquellos seis únicos matrimonios que se atrevieron a responder al llamamiento de Zabala, y que en los primeros meses de 1726 se vinieron de Buenos Aires hasta nuestra península desértica, con su caterva de hijos, alguna sobrina y un par de enteadas. (SCHINCA, 2017, p. 9)

Fechado esse parêntese, então, encontro outro detalhe importante. Muitas das pichações estavam vinculadas a temas políticos, como aborto, maconha, maioridade penal, realocação de casas desocupadas e casamento do mesmo sexo. Nesse estreitamento, percebi uma nova hipótese: Eles pichariam por protesto. Existiria, então, comunicação política através da produção de visualidades nos muros da cidade de Montevideu? Ou, a comunicação teria o intuito de atingir a classe legislativa? Esses protestos visuais eram estratégias publicitárias para campanhas em prol de cada tema desenhado naqueles muros? Ainda, seriam comunicação de ideias e ideais visando empoderar a sociedade frente a uma discussão política? Para saber a resposta, teria antes que entender o processo por trás das visualidades: Quem produziu? Com qual intuito? Qual o histórico de produção de murais, uma vez que a cidade estava se enchendo deles?

“Creo que he visto una luz al otro lado del río [...] En esta orilla del mundo lo que no es presa es baldío [...] Clavo mi remo en el agua. Llevo tu remo en el mío. Creo que he visto una luz al otro lado del río” (DREXLER, 2004). No século XVI, se já existisse Buenos Aires e Jorge Drexler fosse um portenho morador dessa cidade à época, já saberia, antes do vigia da nau de Magalhães, que do outro lado do rio estava aquela importante esquina. Essa, como já disse Mujica, com o melhor porto natural da América Latina, hoje chamada Montevideu. Afinal, vou me chegando por aquelas terras...

Escutei por aqui e por ali diversas histórias sobre o nome da cidade de Montevideu. Aparte de toda a explicação trazida por Schinca, baseada em Travieso, num livro lançado em 1923, eu gosto de duas delas: A primeira diz que o Cerro, hoje um bairro da capital uruguaia, era o sexto monte de leste a oeste naquela região, daí a lógica do nome – *Monte VI de Este a Oeste, Montevideo*; A segunda, corroborada pela publicação do diário de bordo da expedição de Fernão de Magalhães em 1519,

construído por Francisco Albo, diz que àquele cerro foi atribuído o nome de *Monte Vidi*⁸ (1783).

Nahum (2016) e Vives (2016) ainda nos contam que se funda o Cabildo Colonial em 1730, se inicia o amuralhamento do que hoje se chama Cidade Velha em 1741, a partir da região do atual centro político-administrativo do país, a Praça Independência, a *Ciudadela*, e, em 1749, se declara Montevideu uma praça-forte como forma de consolidação do poder espanhol na tentativa de barrar a expansão portuguesa. Pela mesma razão, se cria em seguida o Vice-Reinado do Rio da Prata, em 1776. Os avanços napoleônicos no velho continente repercutem pelas bandas orientais e criam "un precedente peligroso de desobediencia a la autoridad real" (NAHUN, 2016, p. 15) com a criação da Junta de Montevideu, em 1808, e, conseqüente, fratura da unidade vice monárquica. Não esqueçamos que, por esses anos finais, já se iniciava aquele processo revolucionário separatista nas bandas do Rio da Prata. Falando em revolução, há uma frase de Che Guevara que trata de revolução e amor. Ele diz que o revolucionário autêntico está guiado por grandes sentimentos de amor, pois, diria eu, o amor produz as verdadeiras revoluções e estas, sem esse, não passam de desmedidos emburros infantis.

Volta o rio em minha vida, e adentro a Montevideu como os britânicos pela brecha aberta na muralha da Cidade Velha. A *Brecha*, em espanhol, com o mesmo significado em português, foi aberta na muralha ao sul da *Ciudadela*, próximo à rua que hoje recebe tal nome pelo episódio fatídico de alguma noite de 1807, quando os ingleses resolvem tomar de assalto a Praça Forte e rompem um pedaço da muralha no qual eles entrarão e tomarão a cidade, não sem antes provocar o massacre mais cruento e feroz de toda a história montevidéana (SCHINCA, 2017).

Ainda, essa brecha dá nome a um dos melhores bares que eu frequentei enquanto vivi no Bairro Sul da capital, com uma das melhores, senão a melhor pizza de todo o país, e dá nome a um jornal de edição semanal. Reaberto com esse nome na saída democrática depois de a ditadura o haver fechado no começo dos seus

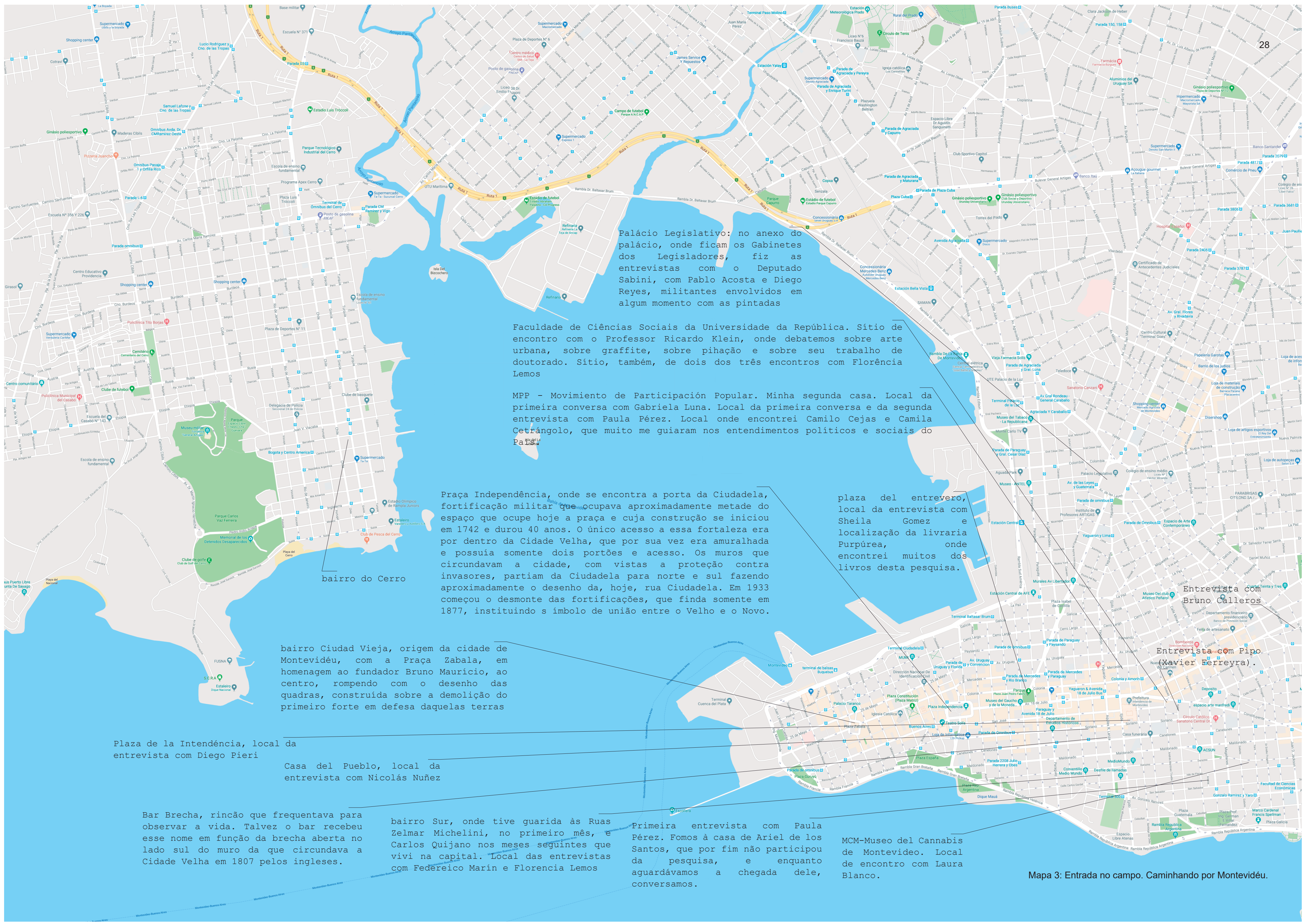
⁸ Martes 10 del dicho tomé el Sol en 75 g.~ tenía de declinación 20 g.~ vino a ser nuestra altura 35 gra~ y estabamos en derecho del Cabo de Sta Maria; de alli adelante corre la Costa Este, oeste, y la tierra es arenosa, y en derecho del Cabo, hay una montaña hecha como un sombrero, al qual le pusimos nombre Montevidi (corrutamente llaman ahora Santo-Vidio) – ahora llamamos Montevideo -, y en medio del y del Cabo Santa Maria hay un Rio que se llama Rio de los Patos, y por allí adelante, fuimos todavia por agua dulce, y la costa corre Leisueste Oesnoroeste 10 leg.~ de camino [...].

mandos, é a brecha pela qual eu consigo acessar os participantes da minha pesquisa depois de cruzar o rio. Entretanto, há uma grande diferença entre a brecha que acesso eu da que acessaram os britânicos há 2 séculos: A maneira com que ela foi feita.

Sem balas de canhão e granadas, como aqueles fizeram, a partir de uma foto avistada na rede social *Facebook*, no perfil de uma amiga uruguaia, como Gronardo avistou aos portugueses ocupando a *Ciudad Vieja* em 1725, garimpo sobre o tema presente naquela imagem. Uma parede branca com inscrições que faziam referência a cannabis e ao *Frente Amplio*, partido de esquerda uruguaio. Sendo o registro dessa visualidade a origem do meu projeto de pesquisa em Cultura Visual, entendi que o sensato era procurar a autora daquela publicação, Eleonor Gutiérrez.



Figura 1: *Pintada*: el Frente vota, Uruguay regula. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: Nicolás Pérez).



Palácio Legislativo: no anexo do palácio, onde ficam os Gabinetes dos Legisladores, fiz as entrevistas com o Deputado Sabini, com Pablo Acosta e Diego Reyes, militantes envolvidos em algum momento com as pintadas

Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República. Sítio de encontro com o Professor Ricardo Klein, onde debatemos sobre arte urbana, sobre graffiti, sobre pihação e sobre seu trabalho de doutorado. Sítio, também, de dois dos três encontros com Flôrência Lemos

MPP - Movimiento de Participación Popular. Minha segunda casa. Local da primeira conversa com Gabriela Luna. Local da primeira conversa e da segunda entrevista com Paula Pérez. Local onde encontrei Camilo Cejas e Camila Cetrángolo, que muito me guiaram nos entendimentos políticos e sociais do País

Praça Independência, onde se encontra a porta da Ciudadela, fortificação militar que ocupava aproximadamente metade do espaço que ocupe hoje a praça e cuja construção se iniciou em 1742 e durou 40 anos. O único acesso a essa fortaleza era por dentro da Cidade Velha, que por sua vez era amuralhada e possuía somente dois portões e acesso. Os muros que circundavam a cidade, com vistas a proteção contra invasores, partiam da Ciudadela para norte e sul fazendo aproximadamente o desenho da, hoje, rua Ciudadela. Em 1933 começou o desmonte das fortificações, que finda somente em 1877, instituindo s ímbolo de união entre o Velho e o Novo.

bairro Ciudad Vieja, origem da cidade de Montevideu, com a Praça Zabala, em homenagem ao fundador Bruno Mauricio, ao centro, rompendo com o desenho das quadras, construída sobre a demolição do primeiro forte em defesa daquelas terras

Plaza de la Intendencia, local da entrevista com Diego Pieri

Casa del Pueblo, local da entrevista com Nicolás Nuñez

Bar Brecha, rincão que frequentava para observar a vida. Talvez o bar recebeu esse nome em função da brecha aberta no lado sul do muro da que circundava a Cidade Velha em 1807 pelos ingleses.

bairro Sur, onde tive guarida às Ruas Zelmar Michelini, no primeiro mês, e Carlos Quijano nos meses seguintes que vivi na capital. Local das entrevistas com Federeico Marín e Florencia Lemos

Primeira entrevista com Paula Pérez. Fomos à casa de Ariel de los Santos, que por fim não participou da pesquisa, e enquanto aguardávamos a chegada dele, conversamos.

MCM-Museo del Cannabis de Montevideo. Local de encontro com Laura Blanco.

Mapa 3: Entrada no campo. Caminhando por Montevideu.

1.2 Ecos GOIANOS: outros 3000 próximos quilômetros

Em certa viagem a Montevideu, no trecho de Goiânia a São Paulo, sobrevoando alguma área alagada, talvez do Rio Grande, talvez do Atibainha, entre uma tainha e um tubarão, cruzei eu novamente aquele rio, que, num despertar assustado, num cruzar de olhos por aquelas formas serpenteadas, desatam-me quietudes e certezas. E com as palavras de Teresa Parodi, posso começar a atar esse outro fio solto que encontro nesse desencontro investigativo.

Apuráte José que ya está viniendo
La creciente otra vez y no sé por qué
Esta vuelta las aguas me dan más miedo
Todo el bicherío la está anunciando
Como nunca fue ¡haye José!
Ya junté los críos y el atadito en el terraplén (1995)

Na canção *Apurate José*, Parodi fala da realidade dos ribeirinhos a cada enchente e seus processos de desalojamentos temporários. No entanto, esses processos provocam mudanças significativas na vida das pessoas, pois, nos retornos, nunca encontram seus ambientes iguais. São obrigados a reconfigurar as rotinas do antes, adaptar e construir outra vez suas realidades. No processo investigativo e no processo investigado, tais desalojamentos permeiam as visualidades.

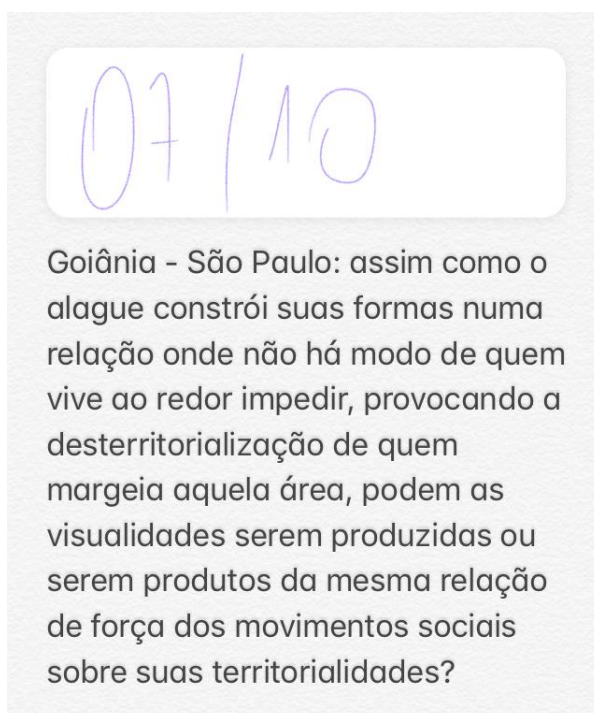


Figura 2: Anotações diário de campo, 2016. (Foto: arquivo pessoal).

Eu, enquanto participante do processo investigado, desalojo-me também, reconfiguro-me também. A partir da chegada no novo território, na nova realidade, faz-se necessário tal reencontro comigo mesmo. Porém, as certezas que construí ao longo dos anos caem por terra antes, quando visito Montevidéu a fundo, ou melhor, às margens. Eu saio do eixo das certezas e do conhecer tudo, visualizo aquela, então, nova realidade desde longe e procuro as novas brechas possíveis de adentrar àquele novo mundo.

Era 2016. Desde Goiânia, tento contato com Eleonor por *Facebook* e, em maio, quando viajo para o V Colóquio Internacional Educação e Visualidade, em Montevidéu, aproveito para encontrá-la. Em uma manhã fria, vou de carona com minha irmã de coração desde *Solyamar*, onde vive a família que acabei adotando e onde estava hospedado, até a entrada do bairro do *Cerro*, no cruzamento da *Ruta 1* com a *Av. Santini Rossi*. Dali, sigo caminhando em direção ao Cemitério e a Fortaleza, buscando *pintadas* bairro afora e aguardando o contato da Eleonor, que vivia nas cercanias.

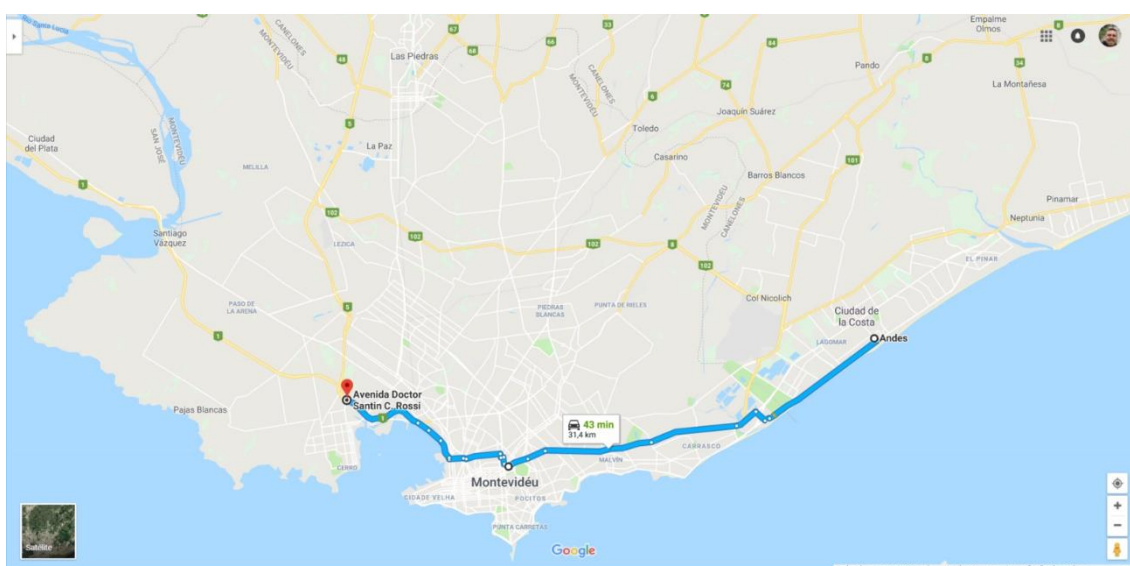


Figura 3: Mapa do Departamento de Montevidéu, 2018. (Foto: Google Maps. Editado pelo autor)

Com o tema das visualidades a ser pesquisado ainda muito insípido, essa primeira imersão no campo foi tida como um “sentir a temperatura”. Aproveitei para buscar *pintadas* pelo bairro do *Cerro*, por sua origem, que data de 1834 e tinha o intuito de receber imigrantes de todas as partes do mundo. Naquela época, se chamada *Villa Cosmópolis*. Nos primeiros sessenta anos, conta María Escudero (2003), houve naquela zona um grande desenvolvimento da indústria frigorífica, o que tornou aquela região conhecida como um bairro obreiro e, depois, num grande

cemitério de frigoríficos e fábricas (MOREIRA, 2008). Já terminando a manhã de coleta de imagens, encontro-me com Eleonor em sua casa, no caminho para o centro. Compartilhamos um café da manhã e conversamos sobre política. Ali, sinto que ela não seguiria na pesquisa comigo.

Ainda numa tentativa de entender o motivo que a levaria a não dialogar comigo, entendo o processo que vivem muitos uruguaios no campo político. O envolvimento das pessoas com a política raramente é superficial e, quando decidem militar em algum partido, o fazem verdadeiramente. Ao longo do tempo, desgastes nas relações são naturais e, muitas vezes, as lembranças da militância por determinada ideologia nos amargura e nos angustia. Talvez essa tenha sido a razão de eu não poder seguir dialogando com ela. Nesse momento, era como se eu estivesse sem saída, ou melhor, sem entrada no campo. A estada na capital era breve e eu retornei para Goiânia.

Decido procurar Sabrina Busqué, uma amiga que me apresentou Eleonor anos antes e que muito me ensinou sobre a história de Montevideu durante noites de conversa, sorvendo chimarrão, e largas caminhadas à tarde. Sabrina foi, de fato, meu primeiro vínculo com o campo. O intuito do novo contato era conversar sobre os muros e suas manifestações. Em outra oportunidade, ao perguntar a ela sobre o que acontece com Montevideu para a produção dessas visualidades, ela me responde que sempre foi assim, entendendo que essas *pintadas* são um recurso, muitas vezes de luta ou de protesto, utilizado por movimentos políticos e independentes (2015). Nesse novo contato telefônico, peço a ela algumas dicas dos movimentos envolvidos na construção dessas visualidades, afinal, ainda eram diversos temas possíveis de serem investigados/focados dentro da produção das visualidades (aborto, redução da maioridade penal, casamento homoafetivo...). Sabrina, então, indica-me uma pessoa que muitas dúvidas trar-me-ia, mas muito, também, esclarecer-me-ia sobre minha própria pesquisa: Raúl Speroni.

Contato Raúl pelo *Facebook* e iniciamos um diálogo que se desenrola e avança bastante sobre questões políticas. Ele havia trabalhado nos *Medios* do MPP⁹ na época da campanha para a presidência do José “Pepe” Mujica, em 2009. Decidimos nos encontrar pessoalmente em outubro, quando eu retornaria para dar

⁹ Espécie de Assessoria de Comunicação do Movimento de Participação Popular – MPP/Frente Amplio.

início ao campo, para seguirmos esse diálogo e analisarmos possíveis caminhos para a pesquisa, numa espécie de intensivo sobre *pintadas* montevidéanas.

Ainda sobre a *Villa del Cerro*, procuro conexões e entendimentos sobre a história daquele bairro que me fascina com as *pintadas*, mas não consigo estabelecer contato com o bairro, como se ele estivesse fechado para me receber ou eu a recebê-lo na pesquisa. Percebo, ao longo dessa semana, que minha busca dentro da pesquisa estava acontecendo de maneira errada. Estava eu começando pelo local, enquanto, o que realmente deveria ser feito era começar pelos elementos, ou seja, pelas visualidades, e, a partir delas, estabelecer as conexões com os locais, com os bairros, com as pessoas. Decido então partir para a conversa com Raúl, em busca desses elementos.

Já em outubro, enquanto viajo para esse processo de imersão junto a cidade e ao Instituto Escola Nacional de Belas Artes, da Universidade da República, onde mantive um estreito diálogo com os Professores Gonzalo Vicci e Fernando Miranda, encontro-me com Raúl em seu apartamento na Cidade Velha, a origem de Montevideú, que me conta entusiasmado todo o processo de construção da campanha política de Pepe: O trabalho nos muros, os *agites*¹⁰ que promoviam para a campanha e os materiais gráficos produzidos. Nesse momento, consigo sentir o quão importante e profundo é utilizar os muros como meio de comunicação de suas ideias. Independente do foco, eu estava muito mais cativado com a intensidade das expressões *callejeras*¹¹. Essa tarde de conversa, compartilhando um bom chimarrão, fez-me recordar de duas imagens: Uma de 1870 e outra de 1950. Ambas trazem os muros como suporte de material gráfico. Os muros que antes cercavam a cidade numa tentativa de proteção passaram a ser usados como forma de comunicação e expressão reivindicatória. Desse encontro com Raúl, saio com o nome de Gabriela Luna, militante do *Frente Amplio* e que trabalha na secretaria de *Medios* do MPP.

Eis que começo a indagar-me: Quão grande é a representação de um muro na vida de um montevidéano? As duas imagens que seguem pertencem ao Centro de Fotografia de Montevideú. Na primeira, passando pelos portões, no centro e ao fundo da imagem, já vemos a demolição da Ciudadela, sucedida pelas muralhas, anos depois. "En 1840, la población siempre creciente de Montevideo se sentía

¹⁰ Encontros musicais.

¹¹ De rua.

oprimida entre las antiguas murallas del tiempo de los españoles. Hubo que romper las fortificaciones para dar paso a la ola de inmigrantes [...]" (SCHINCA, 2017, p. 288). Na segunda, quase 100 anos depois, já no circuito da cidade definido como Cidade Nova, nos extramuros de antanho, a forte penetração dos cartazes em suportes de cimento.

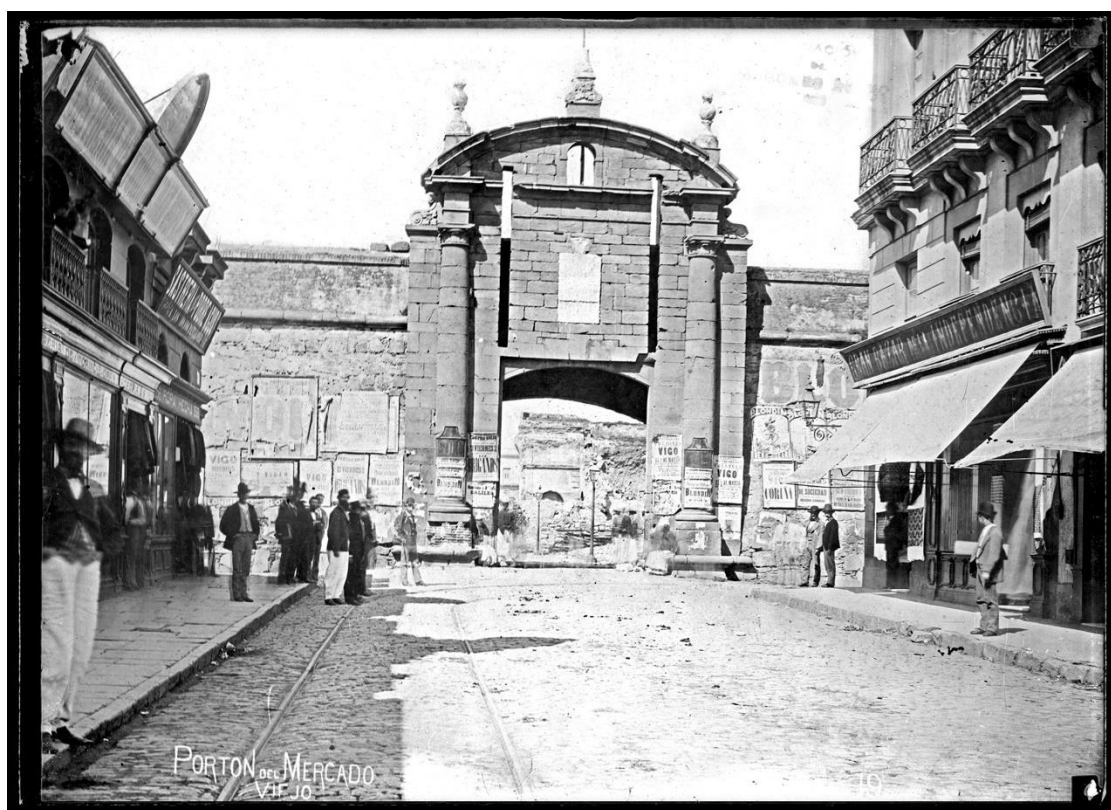


Figura 4: Puerta y muralla de la Ciudadela. Entrada del Mercado Viejo. Adelante: calle Sarandí. Año 1870 (aprox.). (Foto: 0987FMHB.CDF.IMO.UY - Autor: s.d./IMO).



Figura 5: Publicidad política durante una campaña electoral. Calle Sarandí, esquina Juncal. Año 1950. (Foto: 08573FMHGE.CDF.IMO.UY - Autor: S.d./IMO).

A necessidade de expansão territorial fez nascer uma nova cidade, conforme traz a reportagem do jornal El País, em 2016, sobre a história da expansão da cidade velha.

En 1829 una Asamblea Constituyente decretó la demolición de las murallas y fortificaciones de Montevideo, para que la población pudiera extenderse siguiendo el eje de la actual 18 de Julio. La "Ciudad Nueva" fue proyectada por el ingeniero José María Reyes y la Ciudad Vieja quedó rezagada. El plano damero delineado originalmente por Domingo Petrarca sería abandonado por una planificación urbana que, con los años, se hizo cuasi anárquica.

El período colonial pasó a ser historia definitivamente con el derrumbe de las murallas primero y de la Ciudadela después. Este fuerte, cuya construcción demandó 40 años (de 1742 a 1782), solamente subsistió medio siglo, hasta que en 1833 comenzó su demolición para emplear sus piedras en otras obras de la ciudad. Derrumbadas inicialmente las plataformas de sus esquinas, el cuerpo principal funcionó como mercado público hasta 1877, cuando fue demolido por completo.

En ese año la plaza adquirió su dimensión actual, tras la demolición de los últimos restos de la vieja fortificación que albergaban un maloliente mercado. La puerta de la Ciudadela fue desmontada y guardada. Doce años más tarde fue reconstruida sobre la fachada sur de la Escuela de Artes y Oficios y en 1959 volvió a ubicarse en el lugar aproximado al que se encontraba, frente a la Peatonal Sarandí. (EL PAÍS, 2016)

No dia 19 de outubro, entro em contato com Gabriela explicando-lhe o trabalho e pedindo-lhe uma conversa pessoalmente para detalhar meu estudo. Muito rapidamente, ela se disponibiliza a me receber. Prestativa e atenciosa, acolhe-me junto à equipe de *Medios* do MPP. No ano seguinte, aquele local seria meu porto seguro durante todo o meu campo.

Esse dia 19 de outubro tem um significado bastante especial dentro da minha pesquisa; nesse dia, Gabriela Luna me conta os bastidores administrativos de algumas *pintadas*, dá nome a quem as fez e faz e abre as portas dos *Medios* para o que eu precisar e tiver ao alcance deles. Essa experimentação teórico-prática me fez perceber o sustento de todo o projeto. Tenho esse momento como um pré-campo, onde pude sentir as vibrações internas em um dos tantos grupos que realizam intervenções pela cidade de Montevidéu, e pude delimitar melhor o campo (circuito) de atuação. Na verdade, não fui eu quem delimitou o campo, o campo acabou me escolhendo. Fui naturalmente levado a investigar *pintadas* de cunho político, produzidas por grupos vinculados a partidos políticos ou não, dentro de movimentos jovens, agrupações de bairro e nos *Medios*.

Dias depois, dialogo em casa com Sabrina Busqué e, em meio a devaneios, percebo que me era necessária uma desconstrução, um desalojar-se pela crescida do rio, como canta Parodi. Muito semelhante ao processo acontecido anos antes, quando conheci melhor a realidade capitalina, começo a questionar-me quem são aquelas pessoas que vivem na cidade de Montevidéu, como constroem as suas rotinas, quais são suas vontades... Sigo a mesma lógica do isqueiro vermelho da figura 6, que não é um isqueiro nem é de cor vermelha por si só, mas porque existe uma configuração de elementos que constroem o contexto e permitem que o vejam assim.

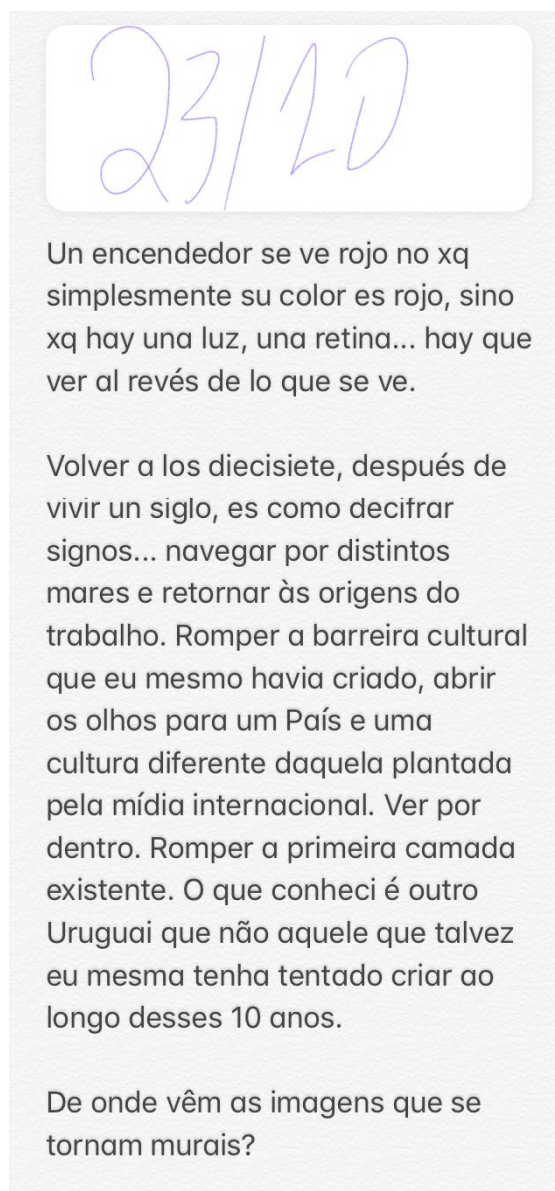


Figura 6: Anotações diário de campo, 2016. (Foto: arquivo pessoal).

Aquelas imagens não estão ali sozinhas, não existem e não pertencem àqueles lugares por si só, nem eternamente. Há uma configuração de elementos, e é atrás disso que preciso correr, afinal, como propõe Mitchell (2014), somente saberemos o que as imagens querem e como pensam a partir do enfrentamento delas com outras imagens, outros tempos e outros meios, tornando possível, então, novos outros sentidos.

1.3 Convidar o vento a uma contradança

Apenas nos pusimos en dos pies
Comenzamos a migrar por la sabana
Siguiendo la manada de bisontes
Más allá del horizonte
A nuevas tierras, lejanas
Los niños a la espalda y expectantes
Los ojos en alerta, todo oídos
Olfateando aquel desconcertante paisaje nuevo, desconocido [...]
(DREXLER, 2017)

Cheirando aquela desconcertante nova paisagem, em fevereiro de 2017 me reúno com o professor Gonzalo Vicci e com a professora assistente Melissa Ardanche, ambos do *Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes - IENBA*, da Universidade da República, em Montevideu. Apresento a eles o andamento da pesquisa e meu cronograma de atividades para os próximos meses e dali consigo alguns novos nomes para possíveis contatos. Porém, como quando os primeiros moradores de Montevideu desembarcaram naquelas terras, o campo para mim era a mesma península baldia e inospitaleira que eles encontraram.

¿Cómo habrá sido la vida de esos diecinueve niños cuando se vieron trasplantados aquí, a esta península baldía e inhospitalaria, sólo poblada por unos cuantos soldados que hacían guardia en una fortificación precaria? Nada sabemos del vivir que llevaron. No se conservan, como es natural, testimonios ni crónicas que lo relaten. ¿Quién iba a escribirlos, si casi todos nuestros fundadores eran analfabetos? ¿Y para qué, si ninguno de ellos tendría conciencia de estar protagonizando hechos “históricos”, que valiera la pena perpetuar? (SCHINCA, 2017, p. 10)

Paralelamente, apresento-me novamente nos *Medios* do MPP. Desenvolvo algumas atividades profissionais vinculadas a comunicação com eles ao mesmo tempo em que vou construindo pontes entre diversos caminhos de coleta e construção de dados para a pesquisa.

Parece-me difícil lembrar exatamente como, afinal, escolhi o caminho da cannabis como foco de pesquisa das *pintadas*, porém, essa decisão, recordando-me bem, foi se desenhando após uma conversa com os professores Gonzalo Vicci e Fernando Miranda, no IENBA do Bairro *Pocitos*, ainda em 2016. Nesse encontro, ambos me deram um panorama dos quatro grandes movimentos que mobilizaram a população nos últimos anos, liberação da maconha, aborto, casamento igualitário e redução da maioridade penal. O primeiro deles ainda requeria movimentações, uma vez que parte da lei não havia sido aplicada.

Naquele outubro de 2016, regresso a Goiânia e me reúno com minha orientadora numa espécie de abrir as cartas do jogo. Precisava mostrar a ela o que tinha até aquele momento e o que, com aquele panorama, seria possível desenvolver efetivamente. O que tínhamos em mãos, dentro do cerne do pré-projeto de 2015, ou seja, da proposta de investigar visualidades/*pintadas* nos muros de Montevideú, era um *abanico*¹² de vias a partir dessa rótula em que nos encontrávamos.

Já no estágio junto ao IENBA, em outubro de 2016, eu havia me aproximado de tais vias, focando em duas discussões que me pareciam muito instigantes: Uma delas nascida a partir daquela primeira conversa com Raúl sobre as visualidades nascidas da campanha à Presidência de Mujica; a outra, a pesquisa cannábica, da inquietude que a não aplicação da lei em sua totalidade gerava, pois faltava a venda em farmácias.

Apresento, então, essas duas possibilidades, já com a ressalva que me haviam feito os professores Gonzalo e Fernando de não estarem de acordo com a pesquisa sobre a campanha à Presidência de Mujica. Leda expressa a mesma opinião e decidimos seguir o caminho da fumaça.

Buscando encontrar, então, elementos para a construção da pesquisa, começo uma investigação em arquivos de *sites*, notícias, leis e nomes ligados ao processo; entretanto, só conseguirei construir realmente a cadeia de nomes e encontrar os participantes a partir de fevereiro de 2017.

Já no campo, daqueles encontros com os professores no IENBA, deslocamentos foram sendo produzidos nas certezas da minha pesquisa. O momento de recortar não era aquele; era o momento de juntar e construir informações, dados, histórias e relatos, como se vê no recorte do diário de campo da Figura 7.

¹² Leque

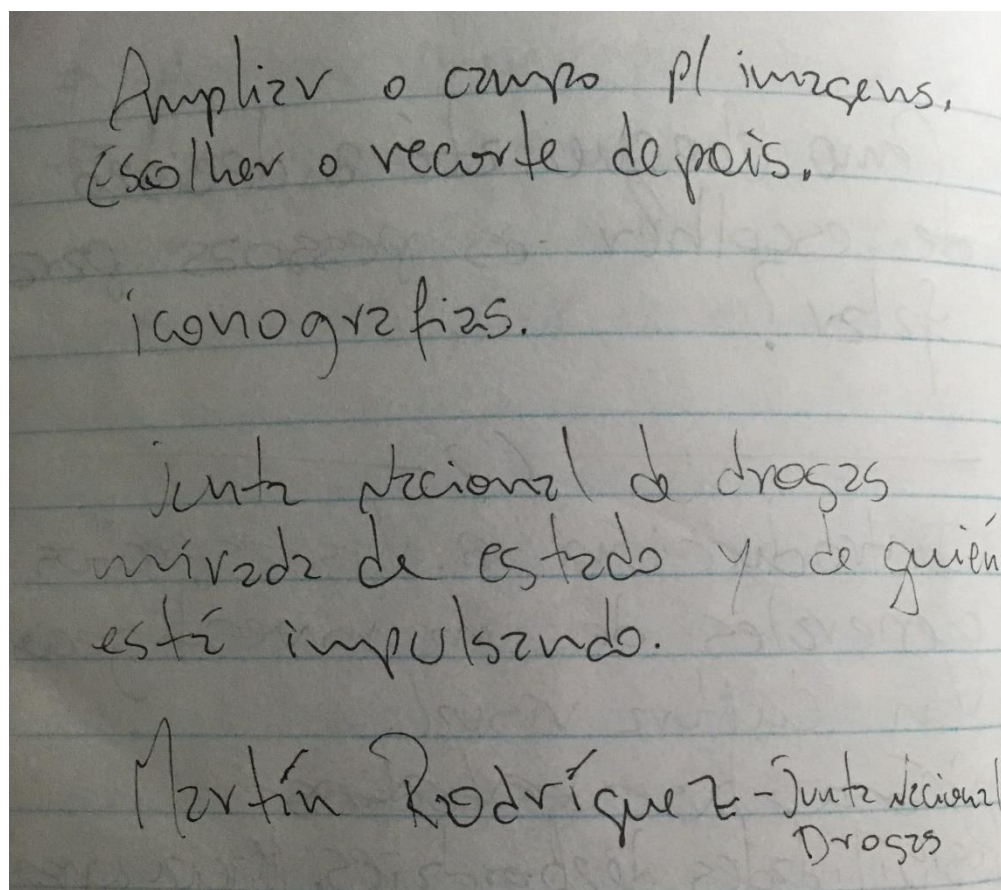


Figura 7: recorte do diário de campo (Foto: acervo pessoal).

Alguns lugares me foram sendo indicados para visitar e reunir material. Com base nisso, eu poderia ir montando um dossiê sobre o tema, com vistas a fundamentar a escrita final. Com a intenção de recheiar esse dossiê, o professor Gonzalo Vicci sugeriu que eu visitasse alguns sítios para averiguar o que se vinculava em termos de imagens sobre cannabis naquelas praças. Com essa ideia, decido mapear dois bairros da capital, *Ciudad Vieja* e *Cerro*, fotografando rua por rua. Uma questão acompanhou este exercício:

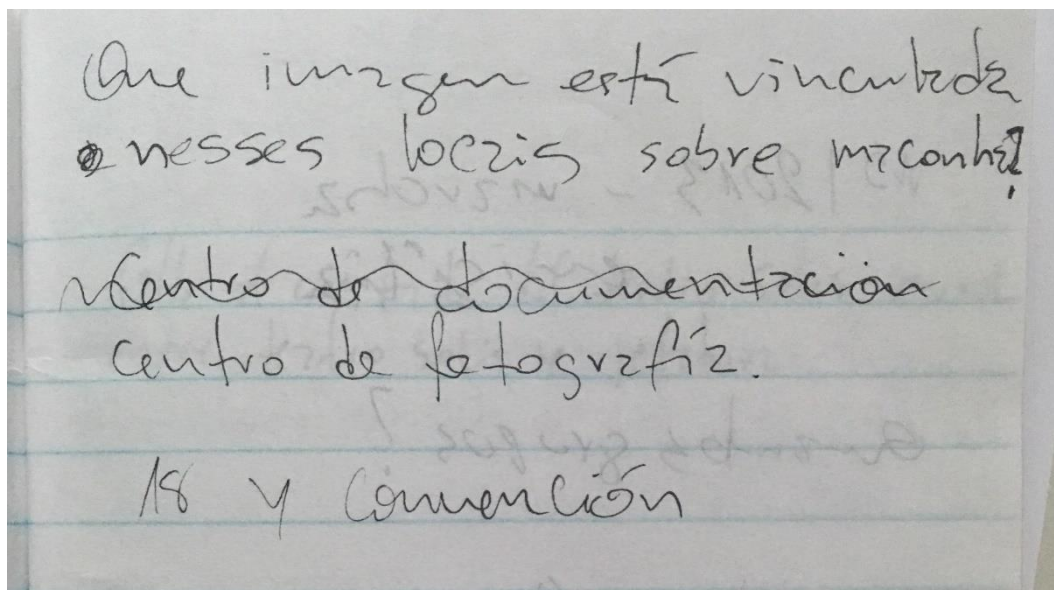


Figura 8: recorte do diário de campo (Foto: acervo pessoal).

Por outro lado, junto ao MPP, fui conseguindo novos nomes para figurar como possíveis participantes da pesquisa, seja pelo engajamento com as discussões políticas da campanha pela reforma da lei de drogas, em 2013, seja pelo engajamento com ato de fazer *pintadas*. Três nomes sobressaem como fundamentais para o caminhar do campo: Gabriela Luna, com seus aportes teóricos, livros e jornais; Camilo Cejas, com a indicação de nomes para contatos; e Camila Cetrángolo, com seus aportes históricos e, também, indicações de nomes.

A partir de então, vou construindo através de cadeias de referência minha lista de interlocutores. A amostragem por bola de neve, ressalta Juliana Vinuto, é útil para estudar questões delicadas que requerem o conhecimento das pessoas pertencentes a um grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para o estudo (2014).

Então, o estudo dessas visualidades, que são formas de protesto, de lutas, que são performances no sentido de prática crítica de cidadania e democracia radical que lhe confere Garoian (2003), está abarcado numa metodologia etnográfica experimental. Nessa, a pesquisa participante leva em conta as múltiplas vozes presentes em torno da produção das visualidades e não somente a minha voz como soberano visualizador à espreita das ações ilegais. Como elucida Vagner Gonçalves da Silva (2005, p. 151),

Especular sobre os conhecimentos de qualquer comunidade, sem questionar o próprio modo como se apreende esse conhecimento, é realizar apenas uma parte dos objetivos da etnografia. [...] o texto etnográfico, ao

privilegiar a voz do antropólogo, tende a anular as outras vozes que o compõem [...]. As relações de contato entre subjetividades de mundos culturais diferenciados ou divididos internamente por critérios societários são assim desconsideradas [...].

Mas, nesse processo, uma pergunta me foi feita pelo professor Gonzalo Vicci e pela minha orientadora:

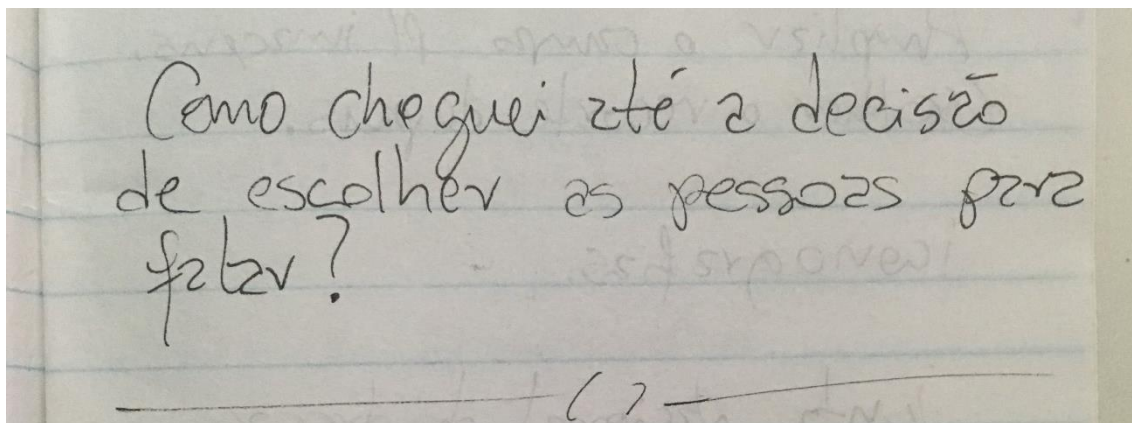


Figura 9: recorte do diário de campo (Foto: acervo pessoal).

A resposta pode parecer simples, mas eu não as escolhi, elas escolheram fazer parte desta caminhada comigo. Alguns se limitaram a contar a história do processo de reformulação da lei de drogas no Uruguai desde o ponto da sua função política e social no processo. Para outros, coube a função enquanto gerador de visualidades e, ainda, houve uma participante que aceitou revisitar sua própria cidade, passando a observar o que estava sendo dito nos muros sobre a cannabis para incorporar no nosso diálogo.

Então, convidar o vento a uma contradança é não apenas ser levado por ele, mas saber envolver-se no processo do fazer-investigar, configurando uma teia de apoio, de histórias, de visões e ambições.

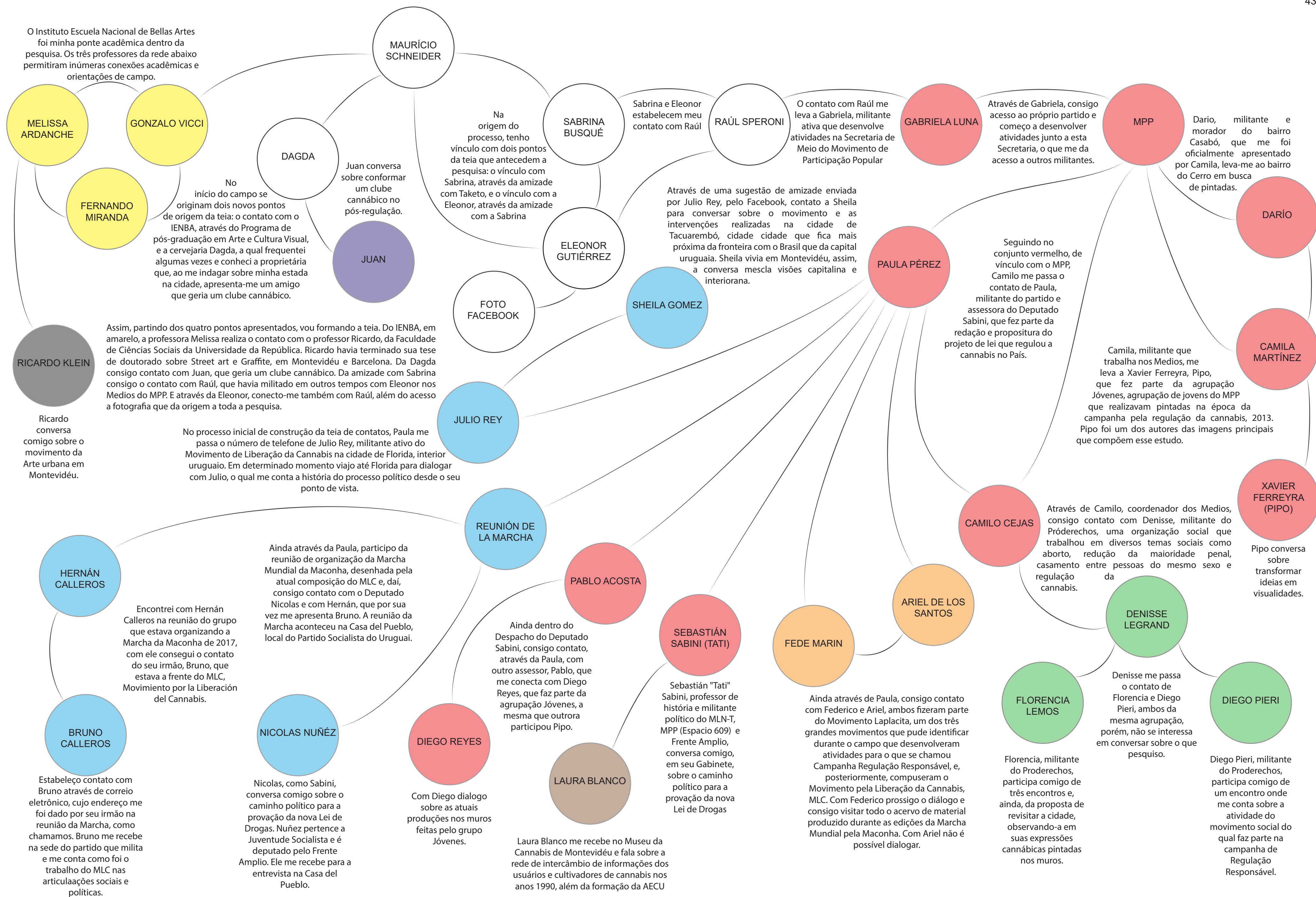
Numa construção inicialmente caótica, vou realizando os encontros para dialogar sobre o tema cannabis. No princípio, tentava seguir um roteiro de perguntas, porém, percebi que esse roteiro pedia adaptações frente a cada realidade, a cada grupo ou contexto de envolvimento do interlocutor com o processo que eu investigava. Joguei aquele roteiro fora e passei a começar os diálogos com uma pergunta que me permitia compreender e sentir a disposição do participante: qual o teu envolvimento com o tema cannabis?

O deslocamento de um roteiro com perguntas fixas para uma pergunta aberta, com esse intuito de sentir a disponibilidade do interlocutor, bem como o nível de

interação com a temática, propiciou uma quebra na dureza da relação entre entrevistador e entrevistado, dando leveza ao processo, reconfigurando a entrevista para diálogo, fazendo com o que o interlocutor percebesse que a história dele era importante para a pesquisa; que o que ele quisesse me contar a partir daquela pergunta inicial era muito mais importante do que a necessidade de responder às perguntas pré-definidas. No entanto, todas as respostas foram importantes na construção de uma rede de significados, que tento tornar visível no Mapa 4.

Ao longo do processo de construção de dados no campo, pude montar a rede apresentada no Mapa 3, que se formou no processo de pesquisar e destacar cada grupo de pessoas num segmento com seus vínculos pessoais. Não todas as pessoas que aparecem referenciadas neste mapa participaram dos diálogos, afinal, nem sempre o que elas estavam dispostas a contar, e quando estavam, dialogava com a temática da investigação. Ainda assim, elas merecem figurar no processo investigativo.

Dessa rede, estreito laços com alguns participantes, onde, cada um à sua maneira, vai me contando seu grau de participação e interação no processo da regulação do mercado de cannabis como um todo. Alguns no viés político, outros no viés comunicacional político, outros no de organização social e, ainda, alguns outros no olhar de consumidor.



Mapa 4: Conexões. Rede de contatos.

PASAME LA UBICACIÓN

Pasame la ubicación era a frase usada corriqueiramente nas comunicações com os convidados da pesquisa desenvolvida em Montevideu. *Pasame la ubicación*, que significa "passa-me a localização", era uma frase dita quando já se acordava a conversa com o participante, depois de passar as informações prévias sobre mim e sobre o projeto e o mesmo aceitar fazer parte da pesquisa. Este capítulo leva tal nome com o intuito de localizar o leitor no contexto em que a pesquisa acontece. O rasgo histórico está presente na formação dos movimentos operários e políticos organizados na vida uruguaia até a saída da ditadura, onde se reconfiguram, buscando fundamentar as discussões seguintes, na perspectiva de entender a organização social e seus trânsitos que culminam na aprovação de uma nova lei de drogas. Apresento aqui o histórico de formação do país, da conquista da independência e das lutas obreiras em seus atravessamentos na formação dos novos movimentos sociais com suas novas pautas e reivindicações, buscando a inserção na agenda pública dos partidos políticos dessas demandas. Este capítulo que trata o rasgo histórico é dedicado à professora Nair Fischborn, que nos idos do Ensino Médio me fez perceber a importância da história na construção da consciência crítica ou ingênua, como ela mesma diz. Através da história analisamos as tessituras construídas nessa sociedade atual.

2.1 A história antes da história

O Uruguai dos anos 30 do século XIX era aquele país que jurou sua constituição pela primeira vez, estava saindo do seu período independentista, cujo estalo se dá em 28 de fevereiro de 1811 com o Grito de *Asencio*, e provava do "espírito rebelde que se gestaba en la campaña oriental" (NAHUN, 2016, p. 15). Não obstante, a história antes da história já caracterizava o território da chamada Banda Oriental do rio Uruguai, rio que hoje divide os territórios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e limita os do Brasil e Argentina e Uruguai e Argentina, traços próprios que determinariam a evolução da sociedade uruguaia.

Nahun (2016) relata que, no início do século XVII, se iniciou a colonização do território Oriental com o gado introduzido por Hernandarias, governador autóctone

de Assunção, Paraguai - e posterior governador de Buenos Aires entre 1602 e 1609 (VIVES, 2016) -, com a redução franciscana de índios Chanás em 1624 e a fundação de Colônia do Sacramento pelos portugueses em 1680, com vista a Buenos Aires.

Finalmente, todo el territorio de la Banda Oriental funcionó como "marca" fronteriza entre España y Portugal primero, y luego entre sus herederos, Argentina y Brasil. Largamente sufrió el territorio oriental las disputas por su posesión y varias guerras soportó en su suelo como circunstancia. Ella marcó su periodo colonial [...] y todo el siglo XIX -antes y después de la independencia-, mezclándose sus conflictos políticos con los de los vecinos, y costando mucho "nacionalizar" los destinos del Uruguay como país soberano. (NAHUN, 2016, p. 9).

Aquele espírito rebelde que ecoava pelos pagos¹³ uruguaios depois do "Grito do Ipiranga Oriental" teve de seguir ecoando por muitos anos, ainda; durante 17 anos o país lutou diferentes batalhas para garantir sua definitiva independência. José Artigas, desertor do exército espanhol, lutou com a Junta bonaerense no sítio a Montevideu com o intento de impor derrota ao reinado espanhol. Há a primeira intervenção lusitana com o envio de um exército para cessar o conflito, a pedido do próprio Governador da Junta Montevideana. Frente a tensão aumentada, o exército bonaerense entra em acordo com o Governador da atual capital uruguaia, saindo todos os exércitos daquelas terras. Os orientais liderados por Artigas não são favoráveis a esse arremedo e ocorre um capítulo importante da história uruguaia chamada de Êxodo do Povo Oriental. Homens, mulheres e crianças, ao abandonarem suas posses e migrarem junto a Artigas, denominado Chefe dos Orientais, dão um passo para "la formación de la conciencia nacional del pueblo oriental" (NAHUN, 2016, p. 16).

Enrique Vives (2016) explica que deste episódio nascem dois projetos opostos sobre a organização dessas províncias prateses, que ainda pertenciam ao Vice-reinado espanhol: o projeto portenho, baseado no centralismo buenairense exercendo a autoridade sobre as províncias, e o projeto artiguista, baseado no federalismo das mesmas, constituindo um governo republicano. As lutas em duas frentes, buenairense e oriental, seguem em guerra contra a dominação espanhola e, posteriormente, uma contra a outra. Em 1815, a província se domina Montevideu e Artigas passa a comandar o primeiro governo autônomo daquelas terras, com o general Fructuoso Rivera, aliado de tempos, no comando militar. Artigas propõe uma

¹³ Campos, terras.

reforma agrária nesse estado livre, onde "los más infelices serán los más privilegiados" (NAHUN, 2016, p. 18). Com seu prestígio e adoração, Artigas difunde suas ideias pelas províncias argentinas do litoral e do interior e, assim, se forma a Liga Federal, composta por Corrientes, Entre Rios, Missões, Santa Fé, Córdoba e a própria Província Oriental.

Não obstante, por essa força que tem Artigas, os portugueses invadem a banda oriental no ano seguinte sob a complacência dos portenhos. Tal episódio resulta, após anos de batalha e certas traições dentro mesmo da Liga Federal, no exílio do chefe oriental no Paraguai em 1820 e a criação da Província Cisplatina (territórios atuais do Rio Grande do Sul e Uruguai) pelos governos português e, posterior à independência da colônia, brasileiro. Nesse ínterim, Fructuoso Rivera entra em acordo, cimentando seu poder, com o atual comandante cisplatino abrasileirado Carlos Frederico Lecor, num jogo de troca de terras, garantias de poder e condecorações militares.

La resistencia a la anexión estalló pronto entre los orientales: [...] un pequeño cuerpo expedicionario de no más de cuarenta hombres comandado por Juan Antonio Lavalleja [conocido del movimiento artiguista], conocido por la posteridad como los Treinta y Tres Orientales, desembarcó en el territorio oriental el 19 de abril de 1825 [...] [constituyendo] un Gobierno Provisorio en Florida, el 1 de junio.

Este gobierno designó a Lavalleja como jefe militar y convocó a elecciones para una Asamblea que el 25 de agosto de 1825 proclamó la independencia de la Provincia y su unión a las demás Provincias Unidas del Río de la Plata. (NAHUN, 2016, p. 23).

Nova guerra se instala desde o Brasil às Províncias Unidas. Essa situação só se resolve após três anos, com a intervenção da Grã-Bretanha, feito ocorrido pelos seus interesses comerciais afetados com o bloqueio do porto de Buenos Aires. Ao fim e ao cabo, em 4 de outubro de 1828, se ratifica o convênio entre Brasil e províncias argentinas e, 49 dias depois, se instala a Assembleia Legislativa e Constituinte do Estado uruaio.

2.2 Ximango não dança em baile de maragato

Desde el punto de vista social, el nuevo país tenía un dualismo insoluble: Montevideo-campaña.

La ciudad europeizada frente a una campaña semibárbara, la ciudad comerciante frente al campo productor, eran rasgos generadores de una aguda hostilidad. (NAHUN, 2016, p. 28).

Os primeiros períodos dessa nova república enfrentaram obstáculos diversos, em especial aqueles relacionados à dualidade entre caudilhos em busca de poder. Na primeira eleição uruguaia, onde na constituição de patriciado não votavam nem ocupavam cargos praticamente 95% da população, resultou eleito Rivera, que entregou o poder ao Presidente do Senado anos depois para viver no campo, como bom caudilho que era, ocupando o Comando Geral da Campanha. Em 1835, Manuel Oribe, que também havia lutado com Rivera no exército independentista de Lavalleja, é eleito novo Presidente pela Assembleia Geral. Lavalleja e Rivera, antes disso, já não se viam com bons olhos por questões de administração do país; Oribe acaba destituindo o comando de Rivera, o que resulta em um novo desatar de armada nas bandas orientais.

Cabe ressaltar as alianças internacionalizadas formadas nesse interregno: Rivera se junta com os separatistas sul-rio-grandenses (VIVES, 2016), os Farrapos, liberais federalistas, contra os Caramurus do império brasileiro, com os unitários argentinos e com os franceses, estes que haviam bloqueado o porto de Buenos Aires e não alcançavam a ajuda montevideana de Oribe que almejavam. Do outro lado, o ditador portenho Juan Manuel de Rosas apoiava Lavalleja e, posteriormente, Oribe e sua consigna de defensor das leis e da ordem. Assim:

El país carecía de madurez política [...]. Ningún gobernante uruguayo de estos años llegó a pensar en términos exclusivamente orientales (o uruguayos); de allí la "internacionalización" de los partidos y el hecho de que el partido precediera a la Nación. (NAHUN, 2016, p. 29).

Ainda que Enrique Vives (2016) não considere esse período como de partidos políticos, mas, sim, de bandos, Benjamín Nahum (2016) faz referência a rivalidades partidaristas, e foi a significativa influência estrangeira sobre rivalidades políticas de poderio nacional que fez eclodir a Grande Guerra, período compreendido entre 1839 e 1851. Essa fase é marcada por dois governos paralelos conduzindo o país: de um lado, sitiado em Montevideu, encontra-se Rivera e os membros do Partido Colorado, pois, desde o levante contra Oribe, usavam uma divisa vermelha, vinham apoiados pelos unitários argentinos e pelos companheiros de luta gaúchos, os Farroupilhas, que compartilhavam apoio nas batalhas e ideais libertários; de outro; Oribe, que comandava o restante do país desde o Governo de *Cerrito*, com divisas de cor branca, apoiados por Rosa. Proclamam-se os Governos Colorado, defensor da liberdade, e Branco, defensor da nacionalidade.

Esse episódio me remete à história do fim do século XIX, precisamente à Revolução Federalista, ocorrida no Rio Grande do Sul com a ajuda de uruguaios. Recém o Brasil havia se tornado uma República, e os estancieiros e setores da velha oligarquia padeciam com os governos autoritários nacional e estadual, levantando-se em armas contra estes. Sua insígnia era um lenço vermelho e, justo por receber o apoio de lanceiros de San José, Uruguai, de gentílico maragatos, e também sob o comando de Aparício Saraiva (Saravia, naqueles pagos), essa batalha ficou conhecida como a luta entre chimangos e maragatos. Chimangos eram os centralistas, legalistas, defensores do regime republicano e detentores do poder no Rio Grande do Sul, com lenço de cor branca, a mesma cor que representava o bando do qual fazia parte Aparício, no lado de lá da fronteira. Nomes e designações vão sendo herdadas e mudadas ao longo da história, mas o ideal farroupilha, de certa forma, seguia presente na trindade de guerras (1835, 1893 e 1923), como conta o pesquisador tradicionalista Antônio Augusto Fagundes à José Weis (2013). Estranho aqui é perceber que os brancos, da outrora de Oribe, apoiado pelo centralista Rosas, defensores da soberania e dos interesses nacionais, agora lutam com insígnias vermelhas contra um governo nacional centralista no lado de cá.

Pode ser que César Oliveira nos explique, com seus versos cantados, esse reboliço:

Quando um vanerão fronteiro
Chega metendo os encontro
O chinaredo escramuça
E a farra vira um confronto
Entre os machos se destaca
A estampa de um fronteiroço
Que até parece o "demônio"
Quando sai "campeá" serviço

Vem na volta o bate casco
Erguendo a poeira da cancha
E ali tenteando um namoro
A bugrada se acarancha
Num entrevero de malos
Nuca falta um desacato
Porque um chimango não dança
Nos bailes do "Maragato" [sic] (OLIVEIRA, 2005)

O período que se seguiu a Grande Guerra foi denominado por Benjamín Nahum (2016) como a Política de Fusão. Era uma etapa de escassez de mão-de-obra e dificuldades na recuperação ganadeira¹⁴. Culpavam-se os caudilhos e suas

¹⁴ Referente a gado, rebanho.

divisas pela desastrosa situação interna, propondo-se uma política que primasse pelos interesses nacionais sobre os partidários. O país começa a crescer em quantitativo de pessoas, com nascimentos e imigrações. O censo de 1860 estima em 33% a população de imigrantes, segundo publicação da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República (2013).

Entretanto, parece difícil manter calma nesses tempos. Em anos de tentativas de se estabelecer a paz, os interesses dos países vizinhos sobre o território uruguaio seguem falando mais alto e, aliado a esse espírito rebelde de poder e divisas e o descontentamento da Igreja Católica sobre o governo inovador de Berro, Venancio Flores toma o poder num golpe. Em 1868, ocorrem os assassinatos de Berro e Flores: "Desaparecidos los conductores a nivel nacional, el predominio de los caudillos regionales y locales acentuó la anarquía interna del país." (NAHUN, 2016, p. 52). As seguintes graves crises financeiras e políticas resultam na criação da Associação Rural do Uruguai em 1871 pelos estancieiros modernizadores do país. Ainda que não se registre um movimento operário organizado, percebe-se a organização da sociedade civil em defesa dos seus direitos. Também os universitários montevidéanos se organizam em um Partido Radical, culpabilizando os partidos políticos e seus caudilhos formadores pela crise que a sociedade atravessava. Porém, essa ação resultou na primeira intervenção respaldada pelo exército sobre a presidência do país.

Mudanças significativas ocorrem no governo com respaldo militar do Coronel Lorenzo Latorre. Uma destacável foi a imposição do cercamento das propriedades rurais, que pelas suas regras acabou forçando a desaparecimento de pequenos estancieiros e, conseqüente, a desocupação tecnológica do país.

Al eliminar estampidas de ganado y sus pérdidas, también fue eliminado a peones, puesteros y agregados de las estancias. [...] De hecho, esto significó la desaparición del gaucho y la transformación de la mano de obra en peones asalariados. (NAHUN, 2016, p. 63).

O governo de Latorre provoca, ainda, uma modernização do país e logra êxitos financeiros através do aforro¹⁵. A mudança advém de exportar mais e importar menos; facilitou essa mudança o desenvolvimento de pequenas indústrias nacionais, oficinas antes de indústrias. Como afirma Nahum (2016), artesanatos, no sentido da construção manual com pouco ou nulo emprego de processos mecânicos, como

¹⁵ Aforro, em português, mesmo. Significa guardar dinheiro.

afirma Porrini (2013-2014), que proviam os uruguaiois de produtos até então importados. "En 1879 se fundó 'La Liga Industrial', primer gremio de la industria y defensor del proteccionismo aduanero que le permitió desarrollarse" (NAHUN, 2016, p. 64).

Por estes anos do Governo Militar, associações de variado perfil se firmaram na história, ainda que sem um caráter de classe - não pela falta de defesa direta do seu trabalho contra o patrão, mas pela falta de continuidade de suas ações. Em 1870, 1878 e 1886, se criam associações mutualistas de trabalhadores, como a Sociedade de Tipografia Montevideana, de professores e tapeceiros, que buscavam o apoio mútuo em serviços médicos, funerários e desenvolvimento técnico-profissional. "Con el tiempo algunas de ellas se transformaron en sociedades de "mutuo y mejoramiento", las que además de atender las tareas 'mutuales' se preparaban para la acción reivindicativa, eventuales conflictos y huelgas." (PORRINI, 2013-2014, p. 6). Ainda, já se registravam movimentos paredistas em 1876, 1878 e 1880, exigindo a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias.

Essa força organizacional das sociedades de ajuda mútua foi sentida pela classe política ao fim do militarismo, resultando numa política chamada de influência diretriz, onde o colorado Herrera y Obes, presidente desde 1890, alegava que o povo não tinha capacidade de escolher os melhores governantes, sendo que essa tarefa caberia ao próprio governo. Clara afronta a democracia.

Dentro del propio Partido Colorado, José Batlle y Ordóñez y su recién fundado diario El Día (1886) se opusieron a esa política excluyente, aspirando a representar aquellos nuevos sectores sociales emergentes. Para ello propusieron implantar la democracia dentro del Partido, haciendo intervenir a todos los simpatizantes en la elección de candidatos y en el programa del gobierno a través de los clubes seccionales. La oposición entre esta corriente popular y el círculo doctoral ("colectivismo") de Julio Herrera y Obes se fue profundizando con el tiempo. (NAHUN, 2016, p. 69-70).

Essa ação de Batlle y Ordóñez colhe frutos no começo do próximo século, assim como a de Herrera y Obes, com a influência diretriz que acendeu à presidência Idiarte Borba, colhe o levantamento revolucionário de Aparicio Saravia, o mesmo da história do Rio Grande do Sul, pelo fechamento das portas aos políticos da divisa branca. Borba é morto com um tiro e o presidente do Senado assume a interinamente, dá um golpe, assume constitucionalmente outra vez e divide a condução do país com o caudilho "*brasiguayo*" Saravia.

Las coincidencias en cuanto a intransigencia política y atropellos a los opositores de los gobiernos de Idiarte Borda (Uruguay) y de Castillos (en el poder luego de un golpe de estado en Río Grande do Sul en 1892), fueron un vínculo más entre ambos grupos políticos fronterizos. (PARTIDO NACIONAL, 2013).

2.3 Um novo século, novos (?) movimentos

*Arrinconada*¹⁶, a inquietude política se mantém dentro dos partidos tradicionais, e uma nova revolução, orquestrada por Saravia, se desata em 1904, menos de um ano do governo de José Batlle y Ordóñez. Aquela situação dos cercamentos das propriedades rurais, que desalojou centenas de trabalhadores, os condicionou a viverem no que se denominou *pueblos de ratas*¹⁷. Disputa pelo poder e degradantes condições sociais marcam o início dessa década. Difícil determinar se os movimentos são novos. Os conflitos são, mas o movimento é herdado e refletido até hoje no espírito de luta da população.

Nesse contexto, atua José Batlle y Ordóñez em suas ações pelo desenvolvimento social num estado paternalista. Mesmo assim, "Y hacia 1880 han tenido lugar las primeras luchas obreras. En 1901 y 1902 numerosos gremios realizan huelgas por la reducción de la jornada de trabajo" (CORES, 1989, p. 38).

Desde fins do século XIX, foram surgindo as sociedades de resistência com tendência anarquista, vinculadas, também, com organizações internacionais, entretanto, ressalta Rodolfo Porrini (2013-2014), a nova fase da organização sindicalista alvora em 1905 com a fundação da Federação Operária Regional Uruguiaia - FORU, no cenário do primeiro batllismo.

Este período, chamado de período batllista, é de profundas mudanças no contexto social uruguaio. Como ressalta Nahum:

Ya se había empezado a desarrollar un movimiento obrero de cierta importancia por la proliferación de industrias modestas pero muy variadas, que con la conducción de inmigrantes europeos de ideas anarquistas (italianos, españoles) empezó a organizarse en gremios y "sociedades de resistencia". Las largas jornadas (de 12, 14 o 16 horas), las duras condiciones de trabajo, los bajos salarios que no alcanzaban a mantener pobremente a una familia, despertaron reacciones que provocaron el estallido de numerosas huelga en 1905: de portuarios, zapateros, tranviarios, ferroviarios y aun las costureras [...]. Tal situación generó la presentación de varios proyectos de ley reguladores de las condiciones de

¹⁶ Encurralada.

¹⁷ Eram definidos assim os povoados cujas pessoas viviam em situações precárias.

trabajo y horario obreros [...]. Ninguno se aprobó en este periodo, pero la inquietud obrera y la disposición política de atenderla se irían incrementando en lo sucesivo. (2016, p. 83).

Com base em uma amostragem feita em jornais de 1905 por Barrán e Nahum, Cores (1989) expressa que neste ano - o ano da FORU - 21 centros de trabalhadores ou sociedades de resistência foram criados. Essa reestruturação da sociedade se explica nas palavras de Hugo Cores:

A fines del siglo pasado y principios de éste nuevas oleadas de población europea llegan al Río de la Plata. Son sobre todo campesinos y obreros españoles, italianos, franceses, alemanes, polacos, rusos. Algunos vienen a "hacer la América". Otros son revolucionarios o sindicalistas perseguidos por su participación en las luchas sociales que sacuden a Europa por aquellos años [...]. Son portadores de la experiencia de lucha y de los anhelos de emancipación social que sacuden a la sociedad europea. (1989, p. 34)

Pela experiência que a classe trabalhadora foi ganhando ao longo desse tempo, debates foram se construindo e a preocupação com a educação, natureza e o futuro se tornaram pautas frequentes. Ainda, movimentos sociais minoritários, mas ativos, usavam de greves, sabotagem e boicotes no marco de políticas estatais para promover justiça social e redistribuição da riqueza (PORRINI, 2013-2014).

Podemos considerar que não existia uma real democracia política, haja vista que a população votante se reduzia a 8% (VIVES, 2016), e, talvez por essa mesma razão, foi deflagrada a greve geral de 1911. Ainda assim, as reformas do período, com mais ou menos atrasos na implantação, dados os contextos patronais, abrangiam jornada laboral de oito horas, aposentadoria, educação integral, divórcio por vontade da mulher, extensão do voto plebiscitário ao operário, à mulher e ao imigrante. No que tange esta última reforma, era a partir do partido político que se definiriam as propostas vindas dos clubes de bairro, integrado pelos cidadãos comuns, até chegar à Convenção Nacional, que redigiria o programa partidário e elegeria os candidatos que o defenderia. Esse sistema gerará, no futuro, movimentos organizados que produzem visualidades políticas pela cidade. "Sin darse cuenta, la población se iba democratizando al participar con apasionamiento en una campaña con una temática que interesaba a toda la sociedad." (NAHUN, 2016, p. 98).

Através dos clubes seccionais, se garantia a participação e o controle popular sobre a gestão do estado e, na concepção *batllista*, as organizações sindicais figuravam como independentes do partido do governo e do estado. Entretanto, a

própria existência da democracia nesse período significava a convivência da burguesia com os sindicatos e suas lutas, "y lo que durante años había sido viable en tanto dio satisfacción de algunas demandas populares sin afectar seriamente los intereses de las distintas fracciones burguesas, se volvió inserto en la medida en que el deterioro económico se acentuó" (CORES, 1989, p. 48).

O reformismo de Batlle vê seu fim na reação conservadora simbolizada nas eleições de 1916. No ano seguinte o socialismo da Revolução Russa inspira movimentos no Uruguai. Posteriormente, constitui-se uma frente comunista e, ainda, a criação da União Sindical Uruguiaia - USU, dissidente da FORU. Porrini (2013-2014) ilustra a boa e ativa imprensa das organizações de trabalhadores, dos grêmios, das anárquicas e das socialistas e comunistas, cujo foco era a nascente classe operária e o povo.

"Durante el decenio de 1920 se produjeron múltiples conflictos y huelgas, algunos con enfrentamientos entre sindicalistas y policías." (Ibidem, p. 12). Não obstante, a fins da década de 1920, marcada por diversos conflitos e greves, a divisão da USU gera a CGTU, Confederação Geral do Trabalho do Uruguai, de orientação comunista. Muitos desses conflitos e pensamentos diversos dos tradicionais uruguaios se deve à imigração intensa que sofreu o país, cuja última grande onda se deu justo nestes tempos, com o ingresso de 180 mil pessoas e "porque las decisiones del año '20 se dan en medio de un incremento relativo de la cantidad de obreros, de algunas huelgas muy importantes, como la huelga portuaria y la de la construcción" (PEREZ, 1996, p. 16). Se percebe o começo de uma inversão da concentração populacional do país, presente até hoje, onde 41% do total de mais de 1,6 milhão de pessoas em 1929 vive na capital (NAHUN, 2016).

Entretanto, apesar da evolução econômica e consequente melhoria para a população trabalhadora ter sido positiva devido ao engrandecimento do país pelas flutuações externas, no futuro não soprariam bons ventos.

La crisis mundial de 1929 se expresó con crudeza en el Uruguay de 1932-1933, con una disminución brutal de las exportaciones y una agudización de las contradicciones sociales y políticas. Desde el Estado se desplegó una fuerte represión antisindical y contra el Partido Comunista [...]. (PORRINI, 2013-2014, p. 13).

O presidente desta época era Gabriel Terra, colorado. Eleito constitucionalmente, exerceu seu mandato por dois anos e deu um golpe de Estado.

Sua intenção era alterar a Constituição para um sistema presidencialista. Assim o fez com a dissolução do Conselho Nacional de Administração. Vives (2016) reforça que não houve clausura de Partidos Políticos nem ilegalização de suas atividades, porém, houve prisões, deportações, torturas e censuras de imprensa. Cabe lembrar que, em julho de 1928, um em cada cinco habitantes da capital protestou por nova Constituição e leis democráticas.

En el plano político, a la dictadura de Terra (1933-1938) sucedió un proceso de transición y "redemocratización" bajo el gobierno del Gral. Alfredo Baldomir (1938-1943). Este militar dio un golpe de Estado en febrero de 1942, profundizándose el alineamiento pro-aliado y pro-estadounidense en el contexto de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945). (PORRINI, 2013-2014, p. 14).

A história parece se repetir. Esse golpe permitiu a reformulação da Constituição e o governo que o sucedeu reimplantou as políticas sociais de proteção, a exemplo da criação do Conselho de Salários, numa composição entre Estado, patrões e trabalhadores. "En esos años nació un nuevo tipo de organización muy distinta del sindicalismo 'finalista' o de 'oposición' y de 'oficios' predominante en el período previo" (PORRINI, 2013-2014, p. 15). Os sindicatos e federações por ramo de atividade apareceram, assim, como uma tentativa de unificação dos mesmos em uma central única de trabalhadores. Nasce a União Geral de Trabalhadores - UGT, entretanto, a situação internacional com a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria não formaram bons campos para essa unificação, para além das divergências ideológicas internas, do surgimento de diversos sindicatos autônomos e associações católicas e das já sem forças FORU e USU.

No final dos anos quarenta do século XX, sustenta Porrini (2013-2014), no marco do governo Neobatllista, aumenta o grau de desencontro ideológico dessas organizações. Neste período, aponta Hugo Cores (1989), as reformas sociais e a modernização não encontram a resistência enfrentada pelos governos de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, já que o Estado oligárquico latino-americano clássico já havia sido derrotado no Uruguai na virada do século pelo primeiro período batllista. De todas maneiras, na década de 1940 se percebe a emergência da classe operária como força social. "Esto se expresó tanto en los conflictos y en la formación de nuevos sindicatos como en la vida de los barrios obreros de la capital (La Teja, Cerro, Nuevo París y Maroñas)." (PORRINI, 2013-2014, p. 17).

O intranquilo mundo pós-guerra, cita Nahum (2016), resumia o papel do governo neobatllista em intervir nas soluções dos conflitos laborais e sociais e na economia. Ao suceder a Berres, Andrés Martínez Trueba implanta o governo colegiado. A partir de 1952, se delega o comando do país a um Conselho Nacional de Governo. As seguintes problemáticas econômicas do país se traduziram em exigências sociais e trabalhistas. A ação de grupos sindicais, anarco-sindicais, anarquistas e marxistas independentes do fim da década de 1940, conta Cores (1989), traduziram-se em greves em 1951 e 1952. A ação do Governo foi baixar Medidas Prontas de Segurança, que implicavam "la clausura de locales sindicales, arresto de dirigentes y destitución de funcionarios." (NAHUN, 2016, p. 138).

A princípios da década de 1950 se funda a Confederação Sindical do Uruguai - CSU, mas sua relação com as centrais norte-americanas fez fracassar o idealismo da unificação do movimento operário. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a economia ocidental, diz Nahum (2016), era conduzida por organismo internacionais que impunham ideias desde os Estados Unidos. Esses vínculos internacionais não eram bem vistos e se refletiam já nos muros da cidade, como vemos nas imagens a seguir.



Figura 10: Mural en calle Paysandú esquina Tacuarembó. Año 1953 (aprox.). (Foto: 1112FMHB.CDF.IMO.UY - Autor: S.d./IMO).

A crise econômica de meados de 1950 empurrou a operários a práticas de defesa como paralisações e greves, além das tentativas de unificação dos sindicatos. Em 1958 "coincidieron reclamaciones obreras con la petición de una Ley Orgánica para la Universidad por los estudiantes. Se encaró una movilización conjunta que conmovió a la capital [...]" (NAHUN, 2016, p. 153). "“Los estudiantes estamos junto a los trabajadores del mundo”, diz o manifesto de 1944 da FEUU, fundada em 1929, para o 1º de Maio (PORRINI, 2013-2014, p. 41). O movimento estudantil organizado de importância, na opinião de Porrini, remonta de 1868 com o Clube Universitário.

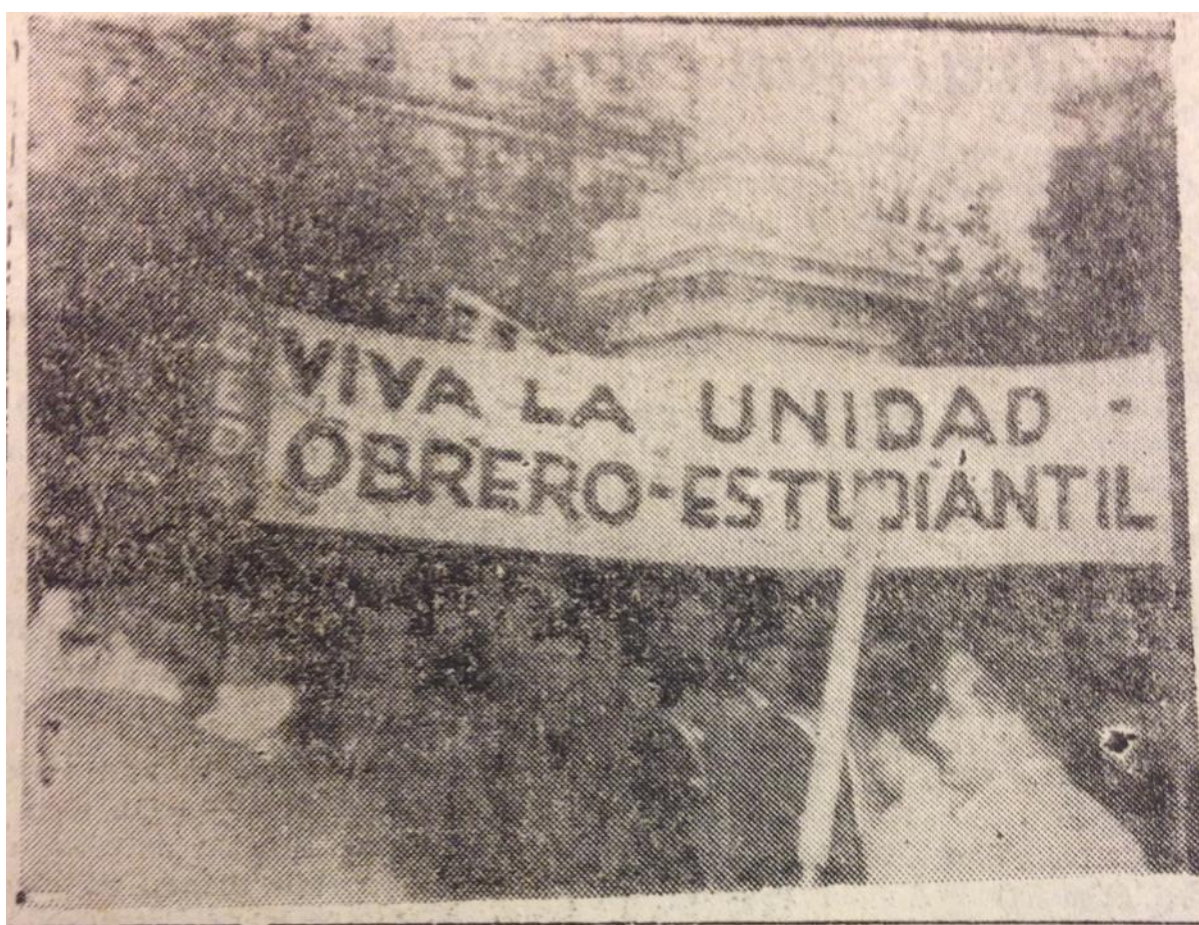


Figura 11: Protesto obreiro/estudantil. Montevideu, 11 de junho de 1958. (Foto: Recorte do Jornal "el Popular" - Autor: S.d.).

Entre 1959 y 1961 se conformó la Central de Trabajadores del Uruguay (CTU). Su Congreso Constituyente culminó en 1961, disolviéndose antes la UGT (1959). Importantes huelgas rurales y la primera marcha de los cañeros –organizados en UTAA, Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas– en 1962, mostraron “otro” Uruguay. Se vivió el endurecimiento de los gobiernos –del Partido Nacional, entre 1959 y marzo de 1967– aplicando repetidamente Medidas Prontas de Seguridad ante conflictos gremiales [...]. Los trabajadores realizaron importantes huelgas y emergieron nuevas tendencias y formas de lucha sindical [...] y el proceso de pasaje de una

fase de división y fragmentación a la unificación sindical. (PORRINI, 2013-2014, p. 18).

No revezamento de poder entre colorados e blancos através dos Governos Colegiados, o desemprego e a inflação estavam presentes. Para reprimir os trabalhadores e seus movimentos organizados, o Governo impunha sempre as Medidas Prontas de Segurança. "En los años sesenta se crearon mecanismos de coordinación y unificación como la Mesa Sindical Coordinadora de Entes Autónomos y la Confederación de Organismos de Funcionarios del Estado (COFE) [...]" (Ibidem, p. 19), gerindo plenárias solidárias com agremiações em greve, estreitando a colaboração sindicalista. Esses processos levam a criação da Convenção Nacional de Trabajadores e, entre 1964 e 1966, a CNT passa de mecanismo de coordenação a órgão unificado. A população não se calava, especialmente nos muros da cidade.



Figura 12: Cartelón pintado frente a "La Autora" llamando al acto del Partido Comunista. Montevideo, 25 de junho de 1962. (Foto: Recorte do Jornal "el Popular" - Autor: S.d.).

En los años cuarenta y cincuenta, junto con el conformismo y contra él, en Uruguay se sembró la semilla de una vida intensa y plena. Después, mucho de lo mejor fue amenazado y agredido: libertades, calidad de vida y por eso los años sesenta fueron tiempos de resistencia. También de sueños y de lucha por una sociedad distinta, con más justicia y libertad. Al principio unos pocos y después muchos miles de uruguayos también se aplicaron a esos quehaceres y a esos sueños. (CORES, 2002, p. 10)

O começo da década de 1960 foi de resistência, com importantes lutas, como opina Porrini (2013-2014). Direitos sindicais, contra o congelamento de salários, fontes de trabalho, direitos trabalhistas... Foi também um meado de década de temor com o Golpe Militar que batia a porta vizinha. Em 1967, se aprova a reforma

Constitucional que reimplanta o Poder Executivo em substituição ao CNG. Oscar Gestido assume a presidência por poucos meses. Diante do seu falecimento, assume Jorge Pacheco Areco, com um caráter antipopular, ilegaliza organizações de esquerda e fecha jornais. No entanto, afirma Cores (1989), o movimento operário não deu as costas para a problemática nacional ante a crise de 1968-73. As correntes anarquistas e marxistas que atuavam nos movimentos populares desde começos do século conformaram uma tradição de luta sindical independente dos governos. "En su Concepción anticapitalista y antiestatista los anarquistas hacían del sindicato un instrumento de lucha finalista para la emancipación social de los trabajadores." (p. 131).

Numa possível definição do porquê agir dos movimentos operários, políticos e sociais, o órgão Aurora, da Federação de Trabalhadores da Madeira, em 1912, escreve que:

Las organizaciones obreras no deben vivir exclusivamente para la inmediata conquista de mejoras. Su misión debe ser la propaganda ideológica entre sus afiliados, contribuyendo así a la emancipación moral e intelectual de los individuos, predisponiéndolos a vivir en una sociedad más libre e igualitaria que la contemporánea. (Ibidem, p. 131-132).

Esse período de 60, que culmina no Golpe de 1973 e na implantação da Ditadura Militar no Uruguai, é marcado, além das lutas sociais, pelo crescimento da guerrilha armada, impulsionada pela Revolução Cubana. Alguns setores acreditavam que somente com a luta armada seria possível a liberação nacional. Destaca-se o Movimento de Liberação Nacional - MLN - Tupamaros, que teve aceitação grande entre os jovens. No começo de 1971, ainda nas inscrições de Nahum (1989), convoca-se a constituição de um *Frente Amplio* como nova força política. Partidos de esquerda, agrupações derraigadas dos partidos tradicionais e grande parte da juventude se unem nessa Frente, rompendo com o tradicional bipartidarismo.

A partir de 1968, destaca Cores (2002), a existência dos primeiros presos políticos nesse Estado semi-autoritário e o crescente número de sindicalistas presos e sem julgamento e a quantidade de estudantes feridos e mortos em confrontos com as Forças Armadas do Estado geravam um clima de irritação e incômodo. Ao mesmo tempo, grandes massas foram se desinteressando pelas questões políticas e sindicais. Por medo ou cansaço, a questão é que:

El desinterés por las cuestiones políticas, la indiferencia, la patilla frente a las propuestas realizadas desde los ámbitos sociales barriales, culturales o profesionales fueron creando un sector, con amplia base popular, que resultó fácilmente manejable desde el poder.

Esa masa fue que en 1971 se pronunció a favor de la reelección de Pacheco, la que llevó a Bordaberry a la presidencia, la que asistió pasivamente el golpe de 1973 y luego a la entronización del terrorismo de Estado. (CORES, 2002, p. 91).

Ainda, recém assumido Bordaberry, a desvalorização drástica da moeda fez a inflação explodir, ato respondido pelos movimentos operários com aumento das lutas coordenadas pela CNT. Vários autores apontam o grande mal-estar social: Hugo Cores (2002); Benjamín Nahum (2016); Enrique Vives (2016); Rodolfo Porrini (2013-2014). "'Ésta guerra es contra el pueblo. Hoy nos toca y la enfrentamos', la enorme pancarta colocada frente a la planta de la calle Corrales señaló quizá uno de los puntos más altos alcanzados en la lucha en defensa de los derechos humanos de los uruguayos" (CORES, 2002, p. 122). Os estudantes eram os novos sujeitos da revolução, o que os condicionou ao controle e orientação das Forças Armadas.

As ações/mobilizações sociais tinham vínculos políticos e a sociedade civil organizada se destacava por ações vinculadas a questões trabalhistas e de mudanças políticas. Mudanças, sobretudo, a partir do surgimento do FA como alternativa esquerda em tempos semiditatoriais.



Figura 13: Muro pintado em chamamento a paralisação. Montevideú, 29 de maio de 1972. (Foto: Recorte do Jornal "el Popular" - Autor: S.d.).

Em 27 de junho de 1973, Bordaberry dissolve as Câmaras. Está dado o Golpe de Estado. Instaura-se a Ditadura Militar.

2.4 "La vida es lucha y, mientras viva, el hombre debe luchar"

Tempos sangrentos numa (des)necessária aproximação das realidades. “A vida é luta e, enquanto viva, o homem deve lutar” é uma frase que, conta Vives (2002), estava presente na vida dos uruguaios em períodos negros de democracia. Em homenagem a todos que viveram a, lutaram contra e morreram na tirania, e também como protesto, as páginas deste subtítulo trarão uma listra negra.

No dia 30 do mesmo mês do golpe, o presidente dissolveu a CNT, que seguiu com a atividade da greve na ilegalidade. Com os graves enfrentamentos nas ruas, estudantes começaram a serem mortos. O presidente do *Frente Amplio*, Seregni, que hoje dá nome a uma praça na capital uruguaia, foi preso na manifestação de 9 de julho, convocada pela representação dos estudantes, dos trabalhadores e dos partidos de esquerda e Nacional. Coincidência ou não, 9 de julho é o dia da declaração de independência da Argentina. Por 15 dias, o país viveu uma grande greve geral. A resposta do Governo foi prender, matar e permitir a demissão por justa causa dos grevistas.

Um dia antes, 8 de julho, mataram o *botija*¹⁸ Medina. Estudante de 16 anos, militante socialista, baleado por um sargento da Guarda Republicana enquanto pintava em um muro "Consulta Popular", em reclamação à ditadura que se instaurava no país (SECRETARÍA DE DERECHOS HUMANOS PARA EL PASADO RECIENTE, 2016).

La Huelga General se extendió a lo largo de 15 días y fue acompañada por distintas acciones del movimiento popular: manifestaciones relámpago (la más significativa de ellas fue la realizada el 9 de julio sobre la avenida 18 de julio), reorganización inmediata de las ocupaciones luego de los desalojos, volanteadas, pintadas; llegando a realizarse el simbólico acto de apagar la llama de la refinería de ANCAP, ubicada en el barrio La Teja. (LARROBLA, [2017?]).

As imagens a seguir são intercaladas com as citações de Hugo Cores (2002), cujo conjunto é tido como um painel de memórias da luta e da resistência contra a ditadura, pois, ainda que tentassem calar a voz do povo, "Los muros sí seguían hablando" (CORES, 2002, p. 130).

¹⁸ Do espanhol, menino.



Figura 14: *Pintada* em ônibus: resistir a ditadura militar fascista. Montevideú, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).

A fines de 1973, en uno de los viajes de regreso, vía Colonia, recuerdo la impresión de la ciudad vista a la distancia: apagada, silenciosa, casi desierta. Los muros sí seguían hablando. Abajo la dictadura. Libertad para Seregni. Basta de torturas. Viva la CNT. (CORES, 2002, p. 130).

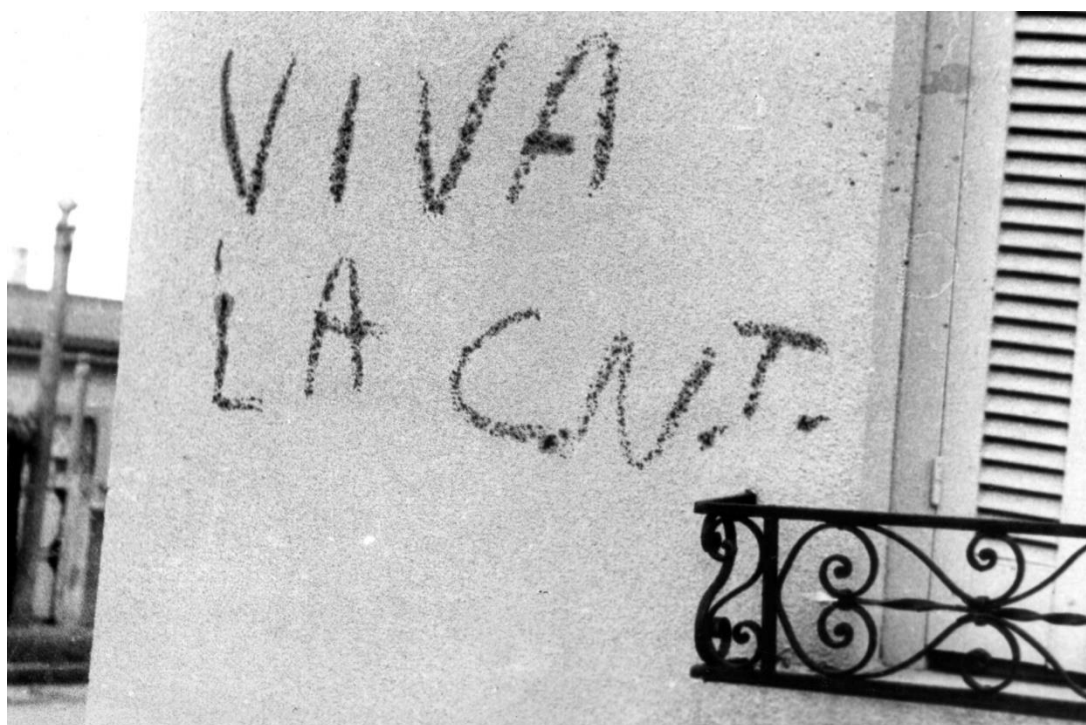


Figura 15: *Pintada*: viva a CNT. Montevideú, década de 1970. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).



Figura 16: *Pintada de operários*. Montevideú, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).

No obstante, en 1974 estaba lejos de haber fraguado totalmente la lápida que la dictadura intentaba instalar sobre la sociedad uruguaya. Había rescoldos de la resistencia obrera y popular en muchos lugares. [...] En las calles siguieron apareciendo pintadas contra la dictadura y desde innumerables centros de acción sindical, estudiantil y política se difundieron volantes y octavillas de todo tipo. (CORES, 2002, p. 148).



Figura 17: *Pintada: a ditadura cairá*. Montevideú, década de 1970. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).



Figura 18: *Pintada* de exaltação a classe operária. Montevideu, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).



Figura 19: *Pintada* em portão de fábrica: oficinas ocupadas. Montevideu, julho de 1973. (Foto: Cedida del archivo del semanario El Popular - Autor: S.d.).

O uso dos muros com intuito de difusão e impregnação da marca e de ideais políticos tem respingos no plano de aparição do Partido da Vitória Popular. "La preparación de la campaña de aparición en la que la publicidad contratada fue complementada por la difusión de volantes, folletos y la realización de pintadas, siguió hasta el mes de mayo y sólo se suspendió cuando sucedió el secuestro de Gerardo [en 1976]" (CORES, 2002, p. 177). O ano de 1976 também foi o que a ditadura destitui seu golpista Bordaberry a fim de impor nova institucionalidade.

Entre fines de 1975 y 1977 se vivió uno de los períodos más negros del país y de la región, con una intensa represión por parte de la dictadura: cárceles, muertes en prisión y desapariciones. La resistencia estudiantil, sindical y popular adoptó formas más sutiles y clandestinas. (PORRINI, 2013-2014, p. 46).

A paralisia que um governo militar causa gera ódio. No entanto, apesar de transitoriamente ter conseguido cumprir alguns de seus objetivos, de dominar a atividade política e controlar a sociedade através de torturas, prisões sem julgamentos, mortes, destituições e proibicionismos, não conseguiu enterrar as ideias e os sentimentos de convivência democrática (VIVES, 2016). Ironicamente, em 30 de novembro de 1980, data tradicional das eleições no país, o comando ditatorial plebiscita uma nova Constituição. Com sufrágio massivo, ganha o Não, com 57% dos votos. Um dia esse regime teria de acabar. A ideia do plebiscito foi vista por muitos como uma forma de democratizar um regime dessa envergadura. O ápice é que, como afirma Nahum (2016, p. 187), "pocas dictadura han llamado a elecciones limpias y acatado sus resultados adversos". Iniciaria um período transicional que duraria quatro anos. Frente a autorização da criação de associações de trabalhadores, organiza-se a Plenária Intersindical de Trabalhadores - PIT, que mais tarde se vincula a CNT, permanecendo até hoje como PIT-CNT. Em 27 de novembro de 1983, a força social se mostra no maior ato da história do país frente ao Obelisco de Montevideu. Em 25 de novembro de 1984, se realizam as eleições e, em 1º de março de 1985, a ditadura está fora do poder.



Figura 20: Mural en apoyo al Frente Amplio y en oposición al gobierno dictatorial. S.I. Año 1985. (Foto: 0070_10FPCT.CDF.IMO.UY - Autor: Agencia fotográfica Camaratres).



Figura 21: : Intersección de las calles Obligado y Maldonado, durante el "paro cívico" convocado por la Intersectorial y la Multipartidaria. 27 de junio de 1984. (Foto: 0055_39FPCT.CDF.IMO.UY - Autor: Agencia fotográfica Camaratres).

Porrini (2013-2014) e Nahum (2016) destacam a saída do regime ditatorial com a reorganização dos movimentos operários, sindicais, estudantis e o surgimento de novos movimentos sociais. O capítulo pós ditadura mais importante talvez seja a lei de Caducidad, que isenta os militares e a polícia de responsabilidades pelos crimes cometidos. Inclusive, o plebiscito para derrubar tal lei também sofre uma derrota. 55,9% decidem pelo NÃO. A lei permanece, assim, válida. Para Vives (2016), essa decisão cidadã mesclou medo e indiferença. Os anos que se seguiram ao retorno da democracia faziam dos muros seus quadros de avisos.

A partir dos anos 1990, organizações sociais vão surgindo ou ressurgindo. Conforme Porrini (2013-2014), no transcorrer do século, as sociedades de ajuda mútua, os sindicatos, as agremiações, as associações de mulheres, as cooperativas de vivendas, as associações de vizinhos, o movimento afrodescendente, vão se organizando e reorganizando, tendo espaço, ainda, os novos movimentos sociais de ambientalistas, de direitos humanos, de diversidade sexual etc. Nesse ínterim, Alfredo Falero ([2016?], p. 3) sustenta que na "salida de este período, [años 80 y 90], la apertura hacia proyectos de transformación social tiene como protagonista no a los partidos políticos sino a un amplio abanico de organizaciones y movimientos sociales". Dentre estes, os movimentos em prol da regulação da cannabis.

Ainda que os partidos políticos não protagonizem as transformações sociais nesse novo período, por assim dizer, os setores da sociedade se expressando como sociedade civil organizada tampouco existem às margens daqueles. É certo, sustenta Porrini (2013-2014), que esses movimentos sociais mostram sua sensibilidade e seu poder, sua margem de autonomia e vida própria. Não por menos, no ano de 1998, aparecem os primeiros autocultivadores que buscavam informações através de fóruns *online*. Culminam, em 2005, em uma espécie de organização virtual cujo propósito é compartilhar saberes sobre cultivo de cannabis.

Nos moldes que avalizam Aguiar e Muñoz (2007), há agrupações de formação propriamente social, outras como agrupação de amigos e, ainda, as de cunho político, porém, liderada por jovens, que retomam a já histórica forma de comunicar-se com a sociedade através de expressões urbanas, intervindo nas ruas e parques, provocando uma mudança visual na paisagem.

¿TE MOLESTA SI ARMO UN PORRO?

Aluguei um rincãozinho para servir de guarida durante dois, dos quatro meses que passei em Montevideu. Sentados à mesa, uma participante da pesquisa e eu, numa tarde indefinida de abril, não se decidia se fazia frio ou calor, tomando um mate e conversando sobre *pintadas*, ela me pergunta se eu me incomodo em ela preparar um cigarro de maconha. Respondo que não. Ela dexava¹⁹ algumas flores e arma seu cigarro. A pergunta seguinte eu já sabia qual seria: ¿*Vos querés?* Agradeço. Sigo a entrevista, que sempre as faço suando em bica, mesmo nos dias mais frios que enfrentaria no maio uruguaio. "Incomoda-te se fecho um baseado" é um capítulo que busca apontar e discutir o incômodo que essa planta causou e causa em algumas mentes no contexto da nova lei de drogas que a torna legal e, de certa forma, estatal. Busco o histórico da chegada da planta ao país, algumas relações com o Brasil e o vínculo do tema com questões políticas e de militância. Além disto, "¿*querés?*" era outra pergunta ouvida constantemente durante as andanças pelo campo, e nada melhor do que repassar a pergunta para frente.

3.1 Uma flor proibida

No Brasil, muitos crescemos com o suposto perigo das drogas rondando nossas casas. O estigma dos bairros periféricos sempre foi constante. Ser de um bairro periférico e pobre era sinônimo de desgraça, presente e futura. Quando alguém caía nessa situação, ou melhor colocado, quando alguém saía dessa inegável condição de futuro, era tido como exemplo da/para a comunidade. Essa realidade não é apenas brasileira, é, para se dizer no mínimo, latina.

De acordo com Garat (2015), nos idos dos anos 1980, o tema drogas açulava as narrativas *rojas* e as páginas *amarillas* dos jornais uruguaio. As primeiras são crônicas jornalísticas que destacam o caráter sangrento dos feitos que narram, em detrimento de outras informações importantes da matéria. A segunda são as seções primeiras dos jornais que destacam crimes e catástrofes tendendo ao sensacionalismo. "Crimen, prostitución, pérdida de valores, angustia y muerte"

¹⁹ Dexavar, dixavar, dechavar, dichavar trata-se de um neologismo da língua portuguesa, não definida formalmente pelos dicionários e que consiste em triturar uma substância.

(Ibidem, p. 9-10) eram as consignas²⁰ desde os anos 1930 dispersadas por aquele Governo para o uso das substâncias denominadas psicotrópicas através do rádio e do cinema. Na última década do século passado, o tema drogas seguia sendo o monstro da sociedade. O demônio na Terra, como suscita Garat (2015). Um passaporte para os delitos, internações, prisão e morte.

A principios del siglo XX, la prohibición cayó sobre algunas drogas de uso recreativo en Uruguay. Entonces ocurrieron dos cosas: la primera, fueron abiertamente demonizadas ciertas prácticas del ámbito privado, en muchos casos sin conocimiento profundo de los efectos de las drogas y de su relación con el usuario; la segunda, hija de la primera, la información difundida durante decenios descansó en una serie de prejuicios que justificaron el accionar de un aparato represivo, aplicando a los consumidores, en muchos casos, los peores tratos. (Idem, 2016, p. 9)

Antes disso, na San Felipe y Santiago de Montevideo, o cânhamo havia sido introduzido pela conquista dos territórios. A América foi descoberta graças ao cânhamo, inclusive, alvitra Guillermo (Ibidem), em função da fabricação das velas e encordoamentos das naves advirem dessa planta. Cânhamo, determina o Senado e a Câmara de Representantes do Uruguai, são plantas do gênero cannabis com até 1% de THC - tetraidrocanabinol (URUGUAI, 2014), logo, sem efeito psicoativo.

Em 1778, o Rei da Espanha, Carlos III, ditava a abertura dos portos que permitia o intercâmbio de cânhamo:

Como desde mi exaltacion al Trono de España fue siempre el primer objeto de mis atenciones y [...] y atendiendo ahora, à que en dictamen de mi Supremo Consejo de las Indias, y de otros Ministros zelosos de mi servicio y del bien comun de la Nación, ocurren iguales, ò mayores causas para comprehender en la misma libertad de Comercio à los Reynos de Santa Fé y Goatemala, he venido en resolverlo asi despues del mas prolixo y maduro examen; y en su consecuencia he mandado formar un Reglamento completo que contenga todos los puntos de las anteriores concesiones no revocados en ésta; las nuevas gracias que ahora dispenso; y dos Aranceles de avalúos, y derechos de quanto generos, efectos, y frutos se embarcaren para la America, y los que de ella vinieren à España [...] [sic]. (ESPANHA, 1778, p. 1-3)

Fica, então, a partir do novo regulamento ditado pelo Rei, oficialmente permitido esse intercâmbio de cannabis-cânhamo entre o Novo e o Velho Mundo. "CAÑAMO EN CERRO: Hasta ahora no se ha trahido: Queda libre de todos derechos à la entrada: Pagará quince por ciento à la salida segun el avalúo que de él se haga" [sic] (ESPANHA, 1778, p. 186).

²⁰ Palavras de ordem.

Diz Gustavo Villela (2014) que, muito antes, a Coroa Portuguesa já enviava sementes de cânhamo para Colônia do Sacramento, hoje pertencente ao Uruguai; inclusive, o embargo ao porto de Buenos Aires pelo Rei Felipe III se deu em função, justamente, das disputas travadas desde antes do Tratado de Madrid de 1750 pela dominação daquele território entre as duas Coroas. A abertura do porto do Rio da Prata em 1778 pelo Rei foi possível pelos tratados de Madrid e Idelfonso.

Entretanto, o uso de cannabis como forma entorpecente deriva de outro caminho. O chamado pito do pango foi introduzido no Novo Mundo através dos negros escravos vindos da África, assim interpreta, na edição de Alaôr Scisínio do Dicionário da Escravidão, de 1997, Liliana Reis (2006, p. 13). O "cânhamo entorpecente", cultivado como planta mística e usado, mesclado com tabaco, em candomblés e xangôs, enquanto o Uruguai jurava a sua Constituição, era proibido pelo Código de Posturas da Ilustríssima Câmara Municipal do Rio de Janeiro (PAINS (2015); VILLELA (2014); BURGIERMAN e NUNES (2002)). Em 1858, novamente, o mesmo código, em nova edição, informa sobre a proibição do pito do pango e suas punições em seu §7º do Título 2º: "É proibida a venda e uso do pito do pango, bem como a conservação delle em casas públicas: os contraventores serão multados, a saber: o vendedor em 20\$000 rs., e os escravos, e mais pessoas que delle usarem, em 8 dias de cadeia [*sic*]." (RIO DE JANEIRO, 1854, p. 9).

"Compañelo di candombe. Pita pango e bebe chicha" [*sic*] (FIGUEROA, 1835, apud GARAT, 2016, p. 14). Esses eram os versos da canção da liberdade de ventres dos negros escravos do novo Uruguai independente. Por esses tempos, muitos escravos fugiam para o território uruguaio para terem seus filhos livres. A relação entre os dois países ia além das trocas de apoio em guerras. Os bandos políticos, as lutas por posse de terras, os pertencimentos e despertencimentos influenciaram nos, ou sofreram influências dos costumes de ambas nações.

Guillermo Garat (2016), vai trazendo uma série de informações a respeito do que ele chamou de "os anos loucos". Cocaína, ópio e maconha em tintura, extrato oleoso, cigarros ou em flor eram vendidas em farmácias e indicadas para dores no geral, gripe, ansiedade, insônia, faringite, laringite, amidalite, anginas ou simplesmente para um esquecimento passageiro dos problemas cotidianos. Usados para diferentes fins e por diferentes pessoas, o uso dos estupefacientes por prazer era mais bem direcionado a uma classe artística e de jovens de boas famílias, além

de estudantes e enfermeiros, conforme relata José Massera, no Projeto de Lei relativo a importação, exportação, comércio, detenção e uso de substâncias entorpecentes (1931 apud GARAT, 2016, p. 19).

"Em 1912, a Convenção Internacional sobre o Ópio, em Haia, recomendou aos estados signatários que avaliassem tornar crime a posse de ópio, morfina, cocaína e seus derivados" (VILLELA, 2014). Em 1914, o Uruguai aderiu à convenção e, em 1921, o Brasil também passou a combater os perigos das toxicomanias. Nessas décadas, o consumo da cannabis era relegado às classes marginais; no Brasil era "coisa de negro" e nos Estados Unidos, de mexicanos, conforme Burgierman e Nunes (2002). Já no Uruguai, conforme Garat (2016), não se definia uma classe social para o consumo de maconha. De fato, a imprensa partidária julgava e condenava o comerciante como envenenador e o usuário como enfermo passível de isolamento, já que enlouquecia e contaminava com sua loucura o restante da população.

A imprensa, inclusive, teve um papel forte no proibicionismo desde os Estados Unidos, na figura do magnata William Randolph Hearst e seu sobrinho Henry Anslinger, que chegou a chefiar a *Federal Bureau of Narcotics*, assim como no Uruguai, com os periódicos partidários que denunciavam casos ocorridos no exterior, pela ausência de relatos locais. Ademais da imprensa, no Brasil e no Uruguai, os discursos eugenistas e higienistas dos médicos de pureza de raça e asseio teve forte impacto no combate às drogas como o mal da sociedade. Arguia o médico uruguaio Bernardo Etchepare sobre os problemas alcoólicos/sociais; "convidar con una copa de licor dulzón al visitante, advertía, podía ocasionar alcoholismo" (GARAT, 2016, p. 30). Toda droga não prescrita por profissionais degenerava a raça.

[...] o médico Pernambucano Filho afirmou que 'a maconha é mais perigosa do que o ópio'. [...]. Já o uso da cannabis era intenso, e, no Brasil, especialmente por negros escravos. Esta era uma associação bem enraizada, então muitos médicos eugenistas, como Pernambucano Filho, viam isso como um atraso para o país. (PAINS, 2015)

Os discursos contra a maconha deixavam à mostra o preconceito enraizado numa sociedade branca europeizada, ao mesmo tempo em que tentavam esconder a disputa econômica da indústria do tecido sintético e do papel, como elucidam Burgierman e Nunes (2002). Esses discursos sem relacionam com a dominação

norte-americana sobre o terceiro mundo. Relacionam-se com o rechaço de uma religião para com a outra a partir do momento em que o proibicionismo presente nos discursos se sustenta em inferiorizar e desprezar as pessoas. Mas, independentemente da raiz, o fato é que o sistema proibicionista venceu por muito tempo no Uruguai e ainda vence no Brasil. Ao longo dos anos, as leis foram enrijecendo a permissibilidade da posse, consumo, plantio e venda. O divisor de águas no Brasil se dá com o Decreto-Lei nº 891 de 1938, que proíbe o plantio sem autorização (BRASIL, 1938). Em 1940, o Código Penal brasileiro criminaliza o tráfico de drogas e só em 2006 abranda as punições para o dito consumo pessoal (BRASIL, 2006).

No Uruguai, conta Garat (2015 e 2016), a ditadura terrista iniciou um rigoroso controle de produção, importação, venda e consumo das substâncias entorpecentes no País. "Poco antes del Golpe de Estado de 1973, el Parlamento creó una comisión para estudiar el tema de las drogas" (Idem, 2015, p. 10), ratificando, em 1974, o Acordo Sul-americano de Estupefacientes e Psicotrópicos, através do Decreto-Lei nº 14.294 (URUGUAI, 1974), entretanto, em seu Artigo 31, não criminalizado o consumo de drogas.

El que, sin la debida autorización legal, importara, exportara, introdujera en tránsito, distribuyere, transportare, tuviera en su poder, fuere depositario, almacenare, poseyera, ofreciera en venta o negociar de cualquier otro modo las materias primas, o las sustancias mencionadas en el artículo anterior, será castigado con la misma pena establecida en el mismo. **Quedará exento de pena** el que tuviera en su poder una cantidad mínima, destinada exclusivamente a su consumo personal. (grifo nosso).

O Artigo 3 da Lei nº 17.016 (URUGUAI, 1998) adiciona a responsabilidade ao juiz sobre o julgamento moral do possuidor. "[...] con arreglo a la convicción moral que se forme el Juez a su respecto, debiendo fundamentar en su fallo las razones que la han formado". Seria esse arremedo na legislação uruguaia uma reverberação dos tempos democráticos ou das lutas sociais pela regulação da cannabis?

Já em 1995, a Câmara dos Deputados uruguaia debatia, nas palavras do médico e político Luis Gallo, o fenômeno do consumo de drogas. O deputado pedia mente aberta nos debates sobre o tema, especialmente sabendo que o álcool e o tabaco influenciam mais negativamente na morbidade e mortalidade no país. Não seria esse o momento de debater outros caminhos dos trilhados até o momento? Perguntava-se o parlamentar. A desinformação fazia da liberdade de escolha uma

porta trancada e sem chaves. "También existió cierta discusión a la interna del Partido Socialista y en algunos sectores liberales del Partido Colorado. Algunos en el movimiento juvenil conocido como Coordinadora Anti Razzias [...]" falavam de legalização (GARAT, 2015, p. 14).

Sebastián "Tati" Sabini (2017), professor de história e militante político do MLN-T, MPP (*Espacio 609*) y *Frente Amplio*, em depoimento a esta pesquisa, conta que, no final de 2010, um legislador da oposição do Governo *Frente Amplio* apresentou um projeto de lei para permitir o autocultivo, porém, que aumentava as penas ao narcotráfico. Neste ínterim, Alicia Castilla, professora argentina aposentada, radicada no Uruguai, e Mauricio Balitzki, artesão e pai solteiro, são presos por cultivarem plantas de cannabis em suas casas e esse ato provoca uma reação popular através de grandes mobilizações pela capital uruguaia. O tema autocultivo começa a crescer para além da proposta de legalização.

Dessa forma, a questão entra na agenda pública do governo e políticos da situação e da oposição se juntam para escrever um projeto que abarca clubes de cultivo, autocultivo, uso medicinal, industrial e pesquisas científicas. No desenrolar dos trabalhos, o governo de José "Pepe" Mujica propõe regular o mercado de cannabis no País a fim de combater o narcotráfico. De certa forma, era trilhar outros caminhos, como já havia discutido Gallo em 1995.

Tati analisa que a sociedade civil se organizou em torno do eixo autocultivo, enquanto o governo se organizou em torno do combate ao narcotráfico como forma de melhorar questões relativas à segurança no País. O Parlamento tratou de unir as duas visões num único projeto que, após meses de trabalho, resultou na aprovação da Lei nº 19.172, Maconha e seus Derivados, controle e regulação do Estado da importação, produção, aquisição, armazenamento, comercialização e distribuição, em 31 de julho de 2013 pela Câmara de Representantes, em 10 de dezembro do mesmo ano pelo Senado, com promulgação pelo Presidente dez dias depois, e vigor a partir de 2014.

Em seus Artigos 1º e 2º, a lei diz:

Artículo 1º.- Decláranse de interés público las acciones tendientes a proteger, promover y mejorar la salud pública de la población mediante una política orientada a minimizar los riesgos y a reducir los daños del uso del cannabis, que promueva la debida información, educación y prevención, sobre las consecuencias y efectos perjudiciales vinculados a dicho

consumo, así como el tratamiento, rehabilitación y reinserción social de los usuarios problemáticos de drogas.

Artículo 2º.- Sin perjuicio de lo dispuesto por el Decreto-Ley Nº 14.294, de 31 de octubre de 1974 y sus leyes modificativas, el Estado asumirá el control y la regulación de las actividades de importación, exportación, plantación, cultivo, cosecha, producción, adquisición a cualquier título, almacenamiento, comercialización y distribución de cannabis y sus derivados, o cáñamo cuando correspondiere, a través de las instituciones a las cuales otorgue mandato legal, conforme con lo dispuesto en la presente ley y en los términos y condiciones que al respecto fije la reglamentación. (URUGUAI, 2014).

Estavam permitidos, mediante registro prévio junto ao órgão regulador criado, IRCCA - Instituto de Regulação e Controle de Cannabis, o autocultivo, a criação e associação em clubes de plantação de cannabis e a aquisição em farmácias de até 40 gramas mensais da flor para uso não medicinal. Porém, não foi tão simples lograr a maioria parlamentar, nem dentro do próprio partido da situação, onde alguns legisladores não queriam votar. Mais uma vez, os muros falam na capital e no interior do País.

3.2 Uma democracia em movimentos pela flor

O debate dos anos 1980, na saída da ditadura, centrava-se na consolidação da democracia associada aos partidos políticos e certas ideias. Entretanto, anos depois, percebe-se que a discussão sobre democracia também estava enraizada nos novos movimentos surgidos desse achar a chave e destrancar a porta que foi a saída do período ditatorial. Dos movimentos sociais, dos sindicatos e de atores novos também partiam discussões sobre o tema, atores que antes dessa abertura nunca tiveram participação (SILVA e LAGOS, 2015).

Diferentes atores da sociedade percebiam esse novo período democrático desde o ponto de vista da restauração ou da refundação dela. Outros, ainda, sequer percebiam diferença; até o século 21 travestis e outros grupos sociais seguiam sendo perseguidos pela polícia. Não há, então, restauração ou refundação de uma democracia real, explica Diego Sempol (Ibidem). Independente, o Uruguai que nascia em meados dos anos 80 era diferente do Uruguai que sucumbiu à ditadura no começo dos 70. Dois movimentos marcam essa diferença: o voto verde e a *Coordinadora AntiRazias*. Aldo Marchesi, em entrevista publicada no *La Diaria*, fala sobre a dinâmica de mobilização social criada pelo voto verde.

Creo que el voto verde marca una dinámica de movilización social que va a ser nueva y que va a hacer escuela. Va a marcar una relación entre movilización social y actores políticos que se mantiene hasta ahora. Hay muchas instancias, desde la ley de privatizaciones de 1992 hasta el no a la baja, en las que hay una forma de movilización social, una estrategia, una forma de construir alianzas, que claramente se instala en la experiencia del voto verde. Si bien perdió, el voto verde inició el fenómeno de movimientos que presionan y marcan agenda sin identificarse con partidos. La idea de un movimiento que exceda a los partidos parte del voto verde. (SILVA e LAGOS, 2015).

Diego Sempol, por sua vez, sinaliza outra dinâmica, também muito importante para ele, no movimento de pressão social.

El otro movimiento importante es el de la Coordinadora Anti Razias, cómo esa presión social logra desarticular un aparato de control social sobre la población. Es otro antagonismo que se resuelve exitosamente y de acuerdo con lo que el movimiento social está planteando. También pesó en eso el clima electoral que se vivía en 1989, la pugna entre batllistas y no batllistas en el Partido Colorado, que provocó la caída de [el ex ministro del Interior, Antonio] Marchesano y que después [su sucesor, Francisco] Forteza dijera que terminaba con las razias. El voto verde y la Coordinadora Anti Razias son ejemplos de dinámicas nuevas, que se vienen construyendo desde 1983. (SILVA e LAGOS, 2015).

"Se parece más bien dictadura que democracia estando con razias", reclama uma jovem nos primeiros anos da democracia uruguaia; junta-se mais gente para ir ao shopping center que para protestar pela passagem de ônibus, expressava outro no documentário de Casanova, *Mamá era Punk* (1988). O descrédulo do logro do seu espaço nessa sociedade que se ressignificava implicava debates nos movimentos emergentes dessa época. Implicava, ainda, por um lado, o abandono do seu país pelos jovens, desacreditados do futuro, por outro, os movimentos que acreditavam que lutar pelas mudanças era o caminho.

A pluralidade presente nos movimentos sociais do renascente Uruguai permite maior fluidez de articulação com diversos setores. Lembra Guillermo Garat (2016, p. 127) o primeiro de março de 1985, onde a principal avenida de Montevideú, a 18 de julho, foi tomada pela alegria da festa. O primeiro de março é o dia da posse do novo governo no ano seguinte ao de qualquer eleição no país. Em frente à Esplanada da Prefeitura, tocavam artistas e, na plateia, o público acendia seus baseados. Aquele público reprimido por anos de ditadura militar e social, pelas proibições sofridas desde o Governo, e social pela repressão contra gays e drogados pela comunidade militante e política através de expulsões e proibicionismos das pessoas de suas agrupações, destrancaram a porta do cômodo em que se mantinham presos. "De un día para el otro se destapaba la olla [...]".

Sob a consigna "liberar presos por fumar", a Juventude Socialista do Uruguai - JSU, do *Frente Amplio*, pintava muros e debatia dentro da agrupação política o tema. Diferente do que acontecia em anos anteriores, onde alguém era expulso por ser usuário de drogas ilícitas, o destampar a panela que suscita Garat nunca fez tanto sentido. Ainda,

La Coordinadora Antirazias puede haber sido un parteaguas. Durante la transición, mientras las juventudes de los partidos de izquierda encontraban dificultades para abrirse paso en sus estructuras y muchas veces se aislaban de las nuevas generaciones, surgieron respuestas a las políticas de razias del primer gobierno de Julio María Sanguinetti, que apelaron a las culturas juveniles como seña de identidad dando vida a un movimiento inédito en estos pagos. [...] Esta generación de movimientos se diferencia, a grandes rasgos, por el papel destacado de la identidad y la cultura, en el amplio sentido del término, y por presentar estructuras organizativas más laxas y, sobre todo, relaciones no jerárquicas con los partidos políticos y el sistema institucional. (ZIBECHI, 2015, p. 98-99)

Ademais de lutar contra as razias²¹ em Montevideu e, conseqüentemente, no País, essa Coordenação propunha conversas com a população sobre os "novos" temas sociais, dentre eles, cannabis, uma vez que

La relación de los uruguayos con la marihuana tiene una larga historia. Después de su prohibición y a partir de la apertura democrática, el consumo se extendió, probablemente auspiciado por factores culturales aún poco explorados en la bibliografía nacional. La consolidación de culturas «alternativas» y su necesidad de desmarcarse, la incorporación de las drogas en las letras del rock nacional y posteriormente en cumbias y plenas, su aparición en ciertas literaturas y, seguramente, el descubrimiento del placer que provoca fumarla asociado a bajos impactos fisiológicos, hicieron que la marihuana se consumiera cada vez más. Con los años la marihuana se impuso entre los jóvenes y en sus espacios públicos. Recitales, estadios de fútbol, centros educativos y de esparcimiento nocturno, todos fueron invadidos por el aroma a zorrillo que desprenden los terpenos y los flavonoides, dos de los compuestos orgánicos que ocasionan ese olor tan particular que se fue instalando en Montevideo, en la costa y de a poco en el resto del país en los últimos 15 años. (GARAT, 2015, p. 24-25).

Em termos de sociedade civil organizada, três agrupações se concentraram, entre 2005 e 2007, em um *Movimiento por la Liberación del Cannabis*, cujo objetivo era explorar o tema junto à comunidade em um espaço articulador entre diferentes organizações. Se bem que cada uma das três agrupações tinha objetivos pontuais que divergiam entre si, conduzindo o movimento à consolidação de uma organização em si mesma, basicamente composta por integrantes do *Laplacita*, abrindo espaço para uma *Coordinadora por la Regulación del Cannabis* nos anos prévios a lei de regulação, explicita Florencia Lemos (2014), também participante

²¹ Ataque de um grupo sobre outro.

desta pesquisa, em publicação no jornal *El País*, referenciando o livro editado por Damián Collazo, *Uruguay se planta. Manual de cultivo y uso de la marihuana legal*.

Ya con el debate planteado surgen nuevas organizaciones en el interior del país como las movidas cannábicas de Florida, Tacuarembó, Rivera, Young, Lavalleja y Legaliza Paysandú, así como la Red de Usuarios de Drogas en el Cerrito de la Victoria; que se integran a la Coordinadora por la Regulación de la Marihuana junto con organizaciones ya existentes como el MLC/Laplacita y Pro-legal/Proderechos, a las que además se suman el Abrojo, Ovejas Negras, el PIT-CNT, la FEUU y juventudes partidarias del Frente Amplio, entre otros colectivos. Además, con integrantes de Plantatuplanta y otros, en 2011 se conforma AECU, la Asociación de Estudios Cannábicos de Uruguay. (Ibidem).

No relatório do Grupo de Estudos Urbanos e Gerações da Universidade da República, em pesquisa realizada sobre o movimento pela legalização da cannabis em 2007, "El agente colectivo presenta entonces dos niveles de funcionamiento relativamente independientes: la Coordinadora y las tres organizaciones que la constituyen." (AGUIAR e MUÑOZ, 2007, p. 7). Isso demonstra as diferentes visões da população sobre o mesmo tema, porém, que logra lutar juntos pelo objetivo comum: uma nova visão sobre a política de drogas no País. Segue no relatório que

[...] las reivindicaciones relativas a esta droga "blanda" tienen varios antecedentes. Tras la apertura democrática, grupos aislados comenzaron a plantear la temática: algunas organizaciones como la Coordinadora Anti Razzias, tímidamente al interior de algunos partidos políticos (un dirigente del Partido Socialista –en adelante PS– entrevistado para esta investigación remonta a los años 80 los primeros planteos en ese sector), varios graffiti, canciones de música popular, fueron los primeros emergentes. Pero la campaña electoral de 1999 significó un claro punto de inflexión: dos sectores plantearon la necesidad de un debate en la materia, aunque sin que fuera recogido el desafío: por una parte, una lista del Partido Colorado, "Los liberales", publicitaron su posición favorable a la legalización; por otra, la juventud de una facción del Frente Amplio, la Vertiente Artiguista –en adelante VA– situaba la demanda en el contexto de su consigna de "Basta de hipocresía". (Ibidem, p. 6)

José Batlle, no seu primeiro governo, no ano de 2000, declarou que todas as drogas deveriam ser legalizadas, continua o relatório. Assim, a sua administração deixou de perseguir o pequeno tráfico de drogas brandas. Até que, em 2005, houve a primeira concentração pública pedindo a legalização da maconha. A origem dessa convocação, afirma o relatório, teve sua origem difusa. Algumas centenas de pessoas se concentraram no *Parque Rodó*, em Montevideu, em pequenos grupos. Já em 2006,

[...] la demanda comenzó a crecer. Las juventudes de dos sectores políticos, el PS y la VA, resolvieron trabajar el tema, y lograron posicionamientos al respecto de las directivas; en el primer caso, un apoyo explícito, y en el segundo una "promoción del debate que propone la juventud". Las

declaraciones llevaron a que en setiembre el presidente Tabaré Vázquez, del PS, señalara que el país “se debe una discusión” sobre el tema, y a que la ministra de Salud apoyara el mismo extremo. [...]. Desde los partidos de oposición se elevaron algunas críticas (el diputado Javier García, del Partido Nacional, señalaba por ejemplo que “desde ya que no compartimos legalizar la marihuana. Ese modelo de sociedad no es el que queremos, que en definitiva de eso es que estamos hablando”).

En noviembre, desde el sitio web de keep smoking (desarrollado por un referente de Laplacita, una las organizaciones), se convocó a una “fumata” en la céntrica Plaza Independencia; la actividad fue recogida por las agencias internacionales de noticias poco antes, lo que contribuyó a publicitarla, y más de 600 personas se hicieron presentes sin que hubiera discursos ni proclamas en un ambiente festivo y sin ningún tipo de inconvenientes. (AGUIAR e MUÑOZ, 2007, p. 7)

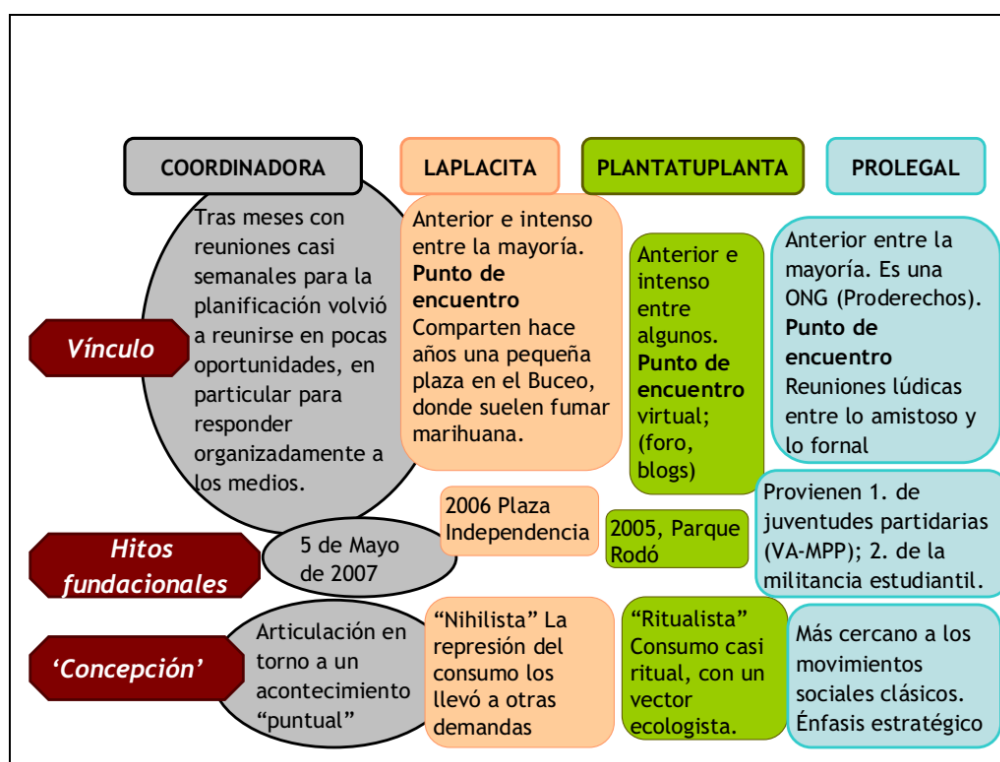


Figura 22: infográfico do Movimento por la Legalización del Cannabis, Montevideu, 2007. (Foto: Retirado do Relatório sobre Movimentos Sociais Juvenis no Uruguai. Autor: (AGUIAR e MUÑOZ, 2007, p. 9)).

No infográfico construído no relatório sobre os movimentos sociais juvenis no Uruguai, onde a chamada Coordenadoria reunia os três movimentos independentes de luta a partir dos anos 2000, é possível agregar um outro movimento desdobrado em duas instâncias: o político, em movimento político e visual. Apesar de não pertencer diretamente à Coordenadoria, uma vez que o viés de trabalho era colocar na agenda pública o que era planteado pela sociedade civil organizada, alguns legisladores assumiram o projeto e levaram adiante os diálogos que culminariam na aprovação da Lei nº. 19.172. Por outro lado, grupos jovens vinculados aos partidos

políticos que trabalhavam no Projeto de Lei iniciavam um movimento visual pelos muros da capital.

O deputado Sabini explica que, no Uruguai, os movimentos sociais pela legalização sempre estiveram ligados às juventudes políticas de esquerda e, nos últimos anos, também, às organizações juvenis no geral.

A fines de 2010, hay un legislador de la oposición que presenta un proyecto que pretendía permitir el autocultivo, pero a su vez aumentaban las penas al narcotráfico. Un poco como reacciona eso y otras cosas que estaban pasando: dos casos de allanamiento de cultivadores, una era Alicia Castilla, que tenía 30 plantas, y a Mauricio Balitzki, un artesano de Canelones, que rompían un poco, digamos, los estereotipos de que sean los que cultivaban. Hay una gran movilización y una cuestión pública muy fuerte en la opinión publica de intentar regular de alguna forma el autocultivo y empieza a crecer por sobre la propuesta de la legalización. Así nos juntamos con varios legisladores de la oposición y articulamos un proyecto nuevo que no otorgaba las penas y que implicaban los clubes, el autocultivo, el uso medicinal, el uso industrial, el uso científico, y todo eso fue un trabajo bastante arduo, digamos, de previamente un año y medio, y cuando vamos a empezar a trabajar de tratar en comisión el proyecto, el gobierno de Mujica plantea que hay que regular el mercado como forma de combatir el narcotráfico, mejorar la seguridad, si se quiere el eje de la sociedad civil estaba más centrado en los derechos y el eje del gobierno más centrado en la lucha contra el narcotráfico. (SABINI, 2017).

Desde então, inicia-se um trabalho junto ao Parlamento. O objetivo era unificar os projetos e incluir a temática vinculada a questões de saúde pública. Aí, continua Sabini,

[...] trabajamos previamente un año recurriendo el país, debatiendo sobre el proyecto. En ese periodo de dos años se recibieron, yo creo que alrededor de 50 delegaciones en el Parlamento, que plantearon su punto de vista sobre la legalización, sobre las adicciones, sobre las drogas en general, y paralelamente a eso, a esa discusión pública, generó un ámbito con la Presidencia, con las organizaciones sociales para presentar un texto definitivo, que fue el que finalmente se terminó aprobando en la Cámara que implicaba la negociación de diferentes aspectos del proyecto, y al tiempo que íbamos negociando con la propia bancada, que habían unos legisladores que no querían votar. [...] y quien en definitiva propone que se legalice la venta es el Ministro, Huidobro, de Defensa, como un mecanismo de empezar a combatir el narcotráfico con una perspectiva diferente. (SABINI, 2017).

Em 19 de abril de 2017, me reúno com Nicolas Nuñez, deputado pelo Partido Socialista, na *Casa del Pueblo*, Bairro *Sur* de Montevideu, com o intuito de entender mais o processo que antecede a aprovação da nova lei de drogas.

Yo creo que el proceso de la ley es uno y el proceso de instaurar ese tema en la agenda, de generar hechos políticos, o sea, la génesis de eso arranca [...] a fines de los 80, una brigada de la juventud socialista, se llamaba brigada Luca Prodan, Luca Prodan era cantante de una banda argentina llamada Sumo, un tipo con una concepción muy liberal de la vida [...], esa brigada estaba compuesta por muchos intelectuales, gente universitaria, de

la juventud, pero con una característica de tener una cabeza muy parecida a de Luca Prodan en el sentido de ser radical en los planteos, de estar conceptualmente ubicado, bien aparados, aún que parezcan unos loquitos [...] y dentro de la juventud, a fines de los 80, se planteó el tema de la regulación de marihuana, algo que sonó mucho, hizo un ruido muy importante [...]. Luego, los gurises de la vertiente Artiguista, ellos también empiezan a plantear el tema de la política de drogas; ya en el 2004, y anterior creo que también toda la generación [...], toda la gente que estuve vinculada a Proderechos, por lo menos en su génesis, esa barra tenía un slogan que era sacar la cabeza abajo de la tierra, viste el avestruz... bueno, ellos tenían un avestruz, un avestruz grande y ellos dibujaban un avestruz con la cabeza abajo de la tierra y el slogan, yo no lo recuerdo muy bien ahora porque ya se pasaron más de diez años, mucho más, pero el slogan decía algo así como sacar la cabeza debajo de la tierra [...]. (NUÑEZ, 2017).

Em 2006, 2007, continua Nicolás, a Juventude Socialista propõe, na interna do Partido *Frente Amplio*, a discussão da reformulação da lei de drogas e, então, cria-se a primeira coordenação, ou primeiro movimento, e se convoca, a partir de diversas organizações, a primeira marcha mundial pela maconha, que aconteceu no Molino Pérez. Percebe-se, no decorrer das falas dos interlocutores, um enaltecimento pelo trabalho realizado por cada um. Muitas histórias, inclusive, chocam-se em termos de datas, porém, a pesquisa recebe esses cruzamentos como expressão do orgulho dos interlocutores em terem feitos parte desse marco histórico.

Desse momento até a aprovação da lei, passam-se anos, continua Nuñez, indicando o amadurecimento das organizações envolvidas, inclusive, porque desse momento em diante, o movimento pela legalização, deixa de ser simples encontros de poucas pessoas e passa a grandes eventos, reunindo dezenas de centenas de pessoas. Mais tarde, esse movimento foi denominado Regulação, cujas campanhas se organizam em torno da Regulação Responsável. Outras organizações, complementa Nuñez, passam a integrar o movimento, inclusive a Juventude Socialista passa a ter um deputado na Câmara, que é ele próprio e

[...] entonces ya no teníamos excusas para plantear el tema, porque no teníamos que andar dependiendo de nadie que lo plantara; ya ahí estábamos nosotros, llega el Tati Sabini a la Cámara, que se suma a la idea, y se empieza ahí a configurar la cuestión y pasa lo Mauricio y Alicia Castillo, que lo llevan presos, y ese es el comienzo de la segunda etapa, que es básicamente **la etapa parlamentaria** (NUÑEZ, 2017, grifo nosso).

Nesse contexto frisado na fala de Nicolas Nuñez, da etapa parlamentária que se inicia com a chegada desses deputados *frenteampelistas* à câmara de representantes do Uruguai, é que se localiza o cerne das produções analisadas neste trabalho: as *pintadas* políticas no contexto da campanha de Regulação da

cannabis no Uruguai. Assim, entendo essa etapa, a de produção de visualidades, como um desdobramento da etapa parlamentar ao mesmo tempo que a complementa, como veremos adiante.

3.3 — ~~Uma pifn]tada por mil palavras~~

Assim como *La Placita*, *Pro Legal* e *Plantatuplanta* tiveram seus caminhos trilhados desde perspectivas próprias diferentes, as imagens, ou a fotografia do texto de Sylvain Maresca (2012), trilham perspectivas próprias diferentes e silenciosamente. Ora, nos diz Maresca, a propositura de uma fotografia da visão em silêncio é rotineiramente investida de traduções ou legendagem. "Até o próprio *slogan*, aparentemente elogioso, que repete "uma imagem vale mil palavras", continua considerando o texto como sendo a única medida do valor da imagem" (Ibidem, p. 37). Daí o tachado no subtítulo apresentado. A imagem enquanto organismo vivo, pensante, gritando no silêncio sentido, e, por ser silêncio, ouvido somente pela alma. Como entender o processo?

Laura Blanco (2017), integrante da agrupação *Plantatuplanta*, em depoimento a esta pesquisa, conta que 1998 foi um ano muito difícil de se conseguir cannabis no Uruguai. Dessa forma, decidem começar a plantar e, através da *internet*, num fórum espanhol, estudam o ciclo biológico da planta. Sete anos depois, criam o primeiro fórum uruguaio com a intenção de intercambiar conhecimentos e fotos. Apesar de usarem apelidos, encontravam-se regularmente em praças da cidade para conversar e intercambiar insumos. Laura lembra que faziam compras coletivas e usavam esses momentos para repartirem entre todos o que chegava no País. Visibilizar o usuário de cannabis foi o que resultou a convocação de 2007, onde concorreram mais pessoas que no 1º de maio, uma data tradicional de luta no Uruguai, onde praticamente todos os serviços param.

Laura comenta como se deu o processo inicial da formulação do projeto de lei e as incoerências identificadas pelos ativistas que legitimavam aquelas reivindicações.

[...] en febrero de 2001 realizamos una manifestación en frente a la Suprema Corte de Justicia, frente al procesamiento de un padre soltero que tenía un hijo de 5 años y 5 plantas y había sido procesado con prisión, trabajador, una persona totalmente nada peligrosa para la sociedad y

estaba detenida en una cárcel; bueno, nos enfrentamos el hecho de el consumo era legal, entonces si no nos dejábamos cultivar, entonces nos estaban diciendo que había que comprar en el mercado negro; y acusamos directamente a la Suprema Corte de Justicia esa desigualdad, o esa incoherencia. [...] al 2012, cuando fue la ocasión de la marcha del 2012, que fue la primera vez que marchamos en Uruguay, porque hasta entonces siempre habían sido recitales, o toques, o concentraciones de gente en un espacio público, logramos movilizar las personas desde la Suprema Corte de Justicia hasta el Palacio Legislativo, igual después hubo un festival de música, pero fue la única marcha que tuvimos anterior a la ley, porque al mes siguiente el Gobierno decide, o anuncia, con las 15 Medidas por la Convivencia y la Seguridad que estaba dispuesto a regular el mercado de cannabis. Se demora un poco el proceso pero fue la última de las 15 medidas que abordaron, y entonces el Poder Ejecutivo envía un artículo único al Poder Legislativo, que le contesta, pero si ya teníamos una Ley [proyecto] con 68 artículos que la habíamos escrito con Sabini, que Sabini estaba ahí presidiendo la Comisión, entonces retoma el Poder Ejecutivo la misión de redactar esa ley, por lo menos definirla, y entonces fuimos invitados Juan y yo, como directamente representante de los cultivadores a la parte de redactar esta ley, y a un grupo de diferentes personas de diferentes áreas involucradas en el proceso. [...] (BLANCO, 2017).

Plantatuplanta objetivava sempre a liberação do autocultivo, por isso, estiveram integrados por mais tempo no Movimento pela Liberação da Cannabis.

Nuestro primer centro, desde 2007, fue reclamar el autocultivo, porque nos parecía que era la manera más sencilla de abrir una brecha, exceptuar el autocultivo de las penalidades que tenía toda la ley de drogas. Pero ya aparecen, entonces, los clubes de cannabis, eran una idea que nos fue transmitida por Martín Barriuso, el presidente de la Federación de Asociaciones Cannábicas en España, y la Federación de Asociaciones Cannábicas promovía las asociación civil como la organización, o la manera de organizarse socialmente para poder cultivar en colectivo [...] y gobierno decide apostar un paso más y proponer una dispensa a las personas que no se podían cultivar o que no podían se integrar a una asociación civil que también tiene sus requisitos orgánicos. (BLANCO, 2017).

Laura faz uma crítica à construção da imagem do consumidor de *marihuana* plantada pela imprensa, que busca, nos movimentos, as figuras mais excêntricas ou arruaceiras a despeito daqueles que são maioria, os funcionais à sociedade e que apenas fumam um baseado. Na perspectiva desse movimento ativista, definido assim pela própria Laura pela ausência, ou baixa presença, de vínculo político, diferentemente da militância, a solução para deixar a importação ilegal do chamado prensado paraguaio era aprender a cultivar, e assim caminha, então, a proposta desse movimento durante todo o processo de Regulação.

A Associação de Estudos Cannábicos do Uruguai, AECU, nasce da perspectiva de possuir uma pessoa jurídica com poderes de interpelação junto ao Estado, pois, até o momento, aquele grupo era um fórum em linha que se reunia a cada tanto em algum parque de Montevideú. AECU, considera Laura, é um movimento social com estrutura de cotização, mensalidade, cujo intuito é ter fundos

para patrocinar as demandas judiciais dos seus filiados, que estavam sensíveis às não permissões da lei. Ter essa linha verde tornou o grupo mais forte e passava a sensação de segurança num momento ainda delicado para se cultivar cannabis.



Figura 23: Colagem de imagens vinculadas a Plantatuplanta no Museu da Cannábis de Montevideo, Montevideu, 2017. (Foto: Feita pelo autor - Autor: S.d.).

Com outra história iam os integrantes do *Laplacita*. Federico Marin (2017), na primeira conversa que tivemos em abril de 2017, entre um mate e outro, conta que em maio de 2005 houve uma pequena manifestação na capital, da qual ele se inteirou tardiamente. No ano seguinte, no mesmo mês, não houve manifestação. Assim, ele ficou com vontade de ter ido e decidiu fazer algo. Conversou com alguns amigos e decidiram organizar uma junção pela abertura total do uso de maconha, já que não era proibido fumar. Não se podia convidar, plantar, vender e comprar, mas se caísse um baseado do céu, *¡disfrútalo!* Assim, com suas economias, imprimiu cinco mil cópias de um folheto desenhado no *Paint* e, em novembro de 2006, organizaram a primeira *fumata* na Praça Independência. "Y si viene la policía, ¡no vamos a entrar todos en un patrullero!" (Ibidem).



Figura 24: Folheto convocando à primeira *fumata*. Pinamar, 2017. (Foto: Feita pelo autor - Autor: Federico Marin).

A construção do folheto, naquela época, chamou atenção pelo simples fato de ser intitulado como "*Marihuana*". Ocupar um espaço público e dar visibilidade a um ato estigmatizado socialmente repercutiu na sociedade e na imprensa da época. Ao serem perguntados quem eram os que organizavam aquele movimento, a resposta era: somos um grupo de amigos que nos juntamos a fumar maconha... decidiram automear-se *Laplacita*. Federico queria realizar uma boa atividade em maio de 2007. Foi reunindo pessoas de outras agrupações, como o *Pro-legal/Proderechos*, a *Juventud Socialista* e o *Plantatuplanta* e, entre aproximadamente quinze pessoas, organizaram a primeira marcha, que nesse momento eram mais bem eventos que marchas. Denominaram-se *Movimiento por la Liberación del Cannabis*, composto

por diferentes atores, inclusive vinculados a partidos políticos, que não eram permitidos saírem nos cartazes de divulgação.

Ademais dos eventos, conta Federico, começaram a organizar pautas de luta, de reclamações ou de proposituras sobre o que queriam, sobre os ideais do grupo, e isso foi gerando divergências internas que resultaram na separação do grupo, ficando *Laplacita* como Movimento pela Liberação da Cannabis existindo por si só. A competição gerada entre os dois movimentos a partir de então, sobre quem organizava o melhor evento ou quem redigia as melhores pautas, apesar de falarem de autocultivo *versus* venda, maconha *versus* cannabis, unia forças contra o proibicionismo. "Nunca íbamos a hacer el juego a los prohibicionistas" (Ibidem).

De qualquer forma, o jogo de palavras foi relevante na condução do processo. Descarregar o estigma social através do jogo com as palavras foi uma estratégia positiva. Falar de uso ao contrário de consumo, falar de cannabis ao contrário de maconha conduzia o processo a associação de outros conceitos. Outrossim, a aprendizagem que envolve o autocultivo, o feito de ter que cuidar uma planta por muitos meses, estudar seu processo biológico, dedicar-se a essa tarefa, acreditavam eles, te faria mais responsável no consumo. "Si vos tuviste seis meses cuidando la planta, después, no te la vas a fumar en dos días y quedarte sin nada" (Ibidem).

Quando caem presos Alicia e Mauricio, organiza-se um movimento em frente a Suprema Corte de Justiça, com consignas de "Justicia apoya al narcotráfico" (Ibidem). O tratamento grotesco, para Federico, dispensado para com ambos, tratando-os de traficantes por terem plantas em casa, conduziu a reclamação direta aos juízes do País. Nesse momento, e com essa visibilidade, é a primeira vez que efetivamente o movimento sente o apoio dos legisladores com a causa de liberação da cannabis.

O mapa a seguir é um movimento que busca revisitar, junto com Federico, a história da agrupação *Laplacita* nos seus nove anos de existência. A história transcrita foi narrada pelo próprio Federico Marin no ano de 2017.

2005

→ 2014



Mapa 5: Materiais produzidos pelos componenetes do MLC ao longo dos anos prévios a Regulação. (Foto: Montagem feita pelo autor - Autor: S.d.).

¡Mirá!, el primer volante fue como un experimento que quise hacer para ver cuanta gente juntaba a fumar marihuana a la vez, porque acá en Uruguay no era ilegal fumar, pero siempre tenía problema porque no tenía ninguna manera legal de conseguirla. Así nomás por fumar siempre algún problema vas a tener. Y fueron como 500 personas, tuvo bueno, fue lo más grande hasta el momento. Después ahí la prensa nos preguntó que pensábamos hacer y nosotros... ahí nos surgieron ideas, cómo venía el verano, de hacer cosas en Maldonado y Rocha, que son los balnearios acá del Uruguay, e hicimos unos manuales chiquitos, pasamos por algunas radios a tratar de movilizar un poco, no podíamos hacer mucho. Y después sí, para 5 de mayo de 2007, la primera marcha, así grande, y creamos el Movimiento por la Liberación del Cannabis, con Plantatuplanta, Prolegal y Laplacita, que éramos nosotros y los Socialistas estaban también, pero no dejamos firmar porque eran políticos. Y las manifestaciones las queríamos desplegar de un partido político. En noviembre de 2007 tratamos de hacer otra vez la fumata [...]. Y empezamos a hacer los manuales de cultivo, que estaban mucho más detallados de los que repartimos la primera vez en 2007, que éramos unos chiquilines. Y empezamos a hacer también a las marchas, como en el año 2010, esta declaración de prensa más detalladas y profundas, porque al principio era algo más como llamar la atención y hacer un reclamo de que no estábamos molestando a nadie y queremos que legalicen la marihuana, y después empezamos a hacer cosas más profundas, más detalladas, que la prensa extraiga del amplio lo que quiera [...]. Pocos meses después vino la Marcha del 7 de mayo, que fue el mismo día que liberaron a Alicia Castillo, de la manifestación que habíamos hecho anterior, y desde ahí creo que no fue nadie más preso. [...] también tenemos mucho pegotines, acá tengo pocos, que hacíamos para la gente, todos los años se llevaban un pegotín como un souvenir [...]. Y después acá, en el 2012, ya había un proyecto de ley, la discusión había que hacerla más profunda y no alcanzaba con comunicados de prensa y empezamos a hacer talleres, fue que estaba en la facultad, hizo libros, investigaciones, además las organizaciones hacían seminarios; enseñar a plantar y enseñar sobre la legalización, sobre todo los aspectos legales y los aspectos sanitarios del uso recreativo, industrial y médico. Después en el año 2013 la ley había que votarla, nada más, ya no había que modificarla más [...] después está un volante chiquito, también hemos hecho grandes, eran iguales, pero más grandes, de una fiesta que íbamos hacer el 21 de diciembre de 2013, fara festejar que se había legalizado, [pero] que nadie pudimos hacer porque fue la Intendencia con policía a desarmar porque no habíamos sacado un permiso. Y después hicimos, en el 2014, ya era legal la marihuana, hicimos la primera marcha con la marihuana legalizada. ¡Mirá! La primera vez que nos denominamos Movimiento por la Liberación del Cannabis; nosotros después de hacer la primera fumata del noviembre de 2006, y de pasar el verano, llamamos a las demás organizaciones que eran Plantatuplanta, Prolegal y Los Jóvenes Socialistas, entonces entre ellos tres y nosotros, y después se sumó una banda de Reggae, que eran un montón, y empezamos a organizar esa marcha de 2007, y entonces fuimos al Molino de Pérez, que era en donde yo quería hacer la marcha [...] y en un momento en una reunión que estábamos todos y Bolívar Moreira, fue uno que era de Prolegal, dijo que cómo nos llamábamos, movimiento pro legalización, pro liberación, una cosa así, quería poner el pro, y ahí pusimos Movimiento por la Liberación del Cannabis [...]. (MARIN, 2017).

Prolegal, para Aguiar e Muñoz (2007), é a única das organizações que se aproxima aos movimentos sociais de característica clássica, onde rege um conjunto de princípios e tem ênfase estratégica. Florência Lemos (2017), militante do Proderechos, em entrevista à pesquisa, relata a narrativa primeira dessa agrupação, que nasce de uma denúncia que levou a alguns a passar a noite na delegacia por terem duas plantas de cannabis. No geral, aponta ela, o movimento uruguaio pela legalização da maconha nasce como algo central, bastante *cannábico*, mirando os direitos, sobretudo o direito à segurança, que a polícia não entre em casa e leve alguém preso por ter uma planta, no direito de consumir. A ascensão da esquerda *Frenteamplista* significa uma série de reformas de direitos humanos, como a aprovação do aborto, a não redução da maioria penal, a aprovação do matrimônio igualitário, através da adoção, por parte do Governo, das reclamações sociais. Tais direitos

Ya empezaban a encontrar a la gente en la calle, y la gente en la calle en el Uruguay, por lo general, siempre que estaban en la calle era bajo un partido político, somos muy partidocráticos, ¡salado! Y el movimiento sindical era el que movilizaba a la gente, ahora eran organizaciones sociales y gente que se están movilizando por otras cosas; eso también empezó a pasar, empezó a pasar también porque el Frente Amplio permitió y tomó de la sociedad civil estos reclamos y los incorporó a sus agendas por cercanía de ideas y yo creo que también por réditos que podía tener también electoralmente incorporar esas agendas y movilizar esa gente y estar cerca de esos movimientos. Entonces creo que el movimiento en sí va tomando otro perfil en el sentido de que se incluye otras organizaciones que estaban en la calle movilizándose por otros temas, pero también sigue siendo un perfil relativamente distanciado de lo que la media de la opinión pública de la sociedad. Hasta el día de hoy la mayoría de la población uruguaya está en contra de esto [...]. (LEMONS, 2017).

Lemos, que tem seu lugar de fala a partir do Movimento *Proderechos*, continua a entrevista falando que a campanha Regulação Responsável buscava pensar em uma campanha pública que gerasse mudanças no pensamento da população, levando em conta tantos anos de proibicionismo e demonização do tema drogas. A partir do entendimento do aparato de controle que havia sido a política de drogas, Florencia fala sobre as mudanças propostas sobre o estereótipo do movimento *cannábico*.

[...] lo que se hizo fue tratar de cambiar un poco el estereotipo del movimiento *cannábico*, de incorporar más aliados, más gente que no sean sólo los usuarios peleado por su derecho a consumir, sino que tenía que ver con una responsabilidad, con una política de estado, era como un problema que se tenía que hacer cargo la sociedad. Y entonces ahí Regulación Responsable lo que se hace es como llamar a gente de la cultura, gente del arte, periodistas, médicos etcétera, y se arma como también determinados

triángulos discursivos, digamos, empieza como utilizar un poco la planificación de una campaña pública para opinión pública. ¿Cómo eso puede influir en ese momento? El tema se puso en la agenda, la gente empezó a conversar del tema y se empezaron como a disputar discursos, que yo creo que hasta el día de hoy siguen en disputa. Y que creo que hay mucha confusión, como mucho tiempo de desinformación y de acercarse a la temática con montón de prejuicios cargados. (Ibidem).

Assim, com o primeiro movimento de se apropriar de um espaço público para fazer uma grande *fumata* coletiva pelos integrantes do *Laplacita*, "[...] le permitió al colectivo propiciar la visibilidad de los usuarios, así como contribuir a su desestigmatización moral y social" (LEMOS, 2014). O histórico de ocupar os lugares de trabalho e as ruas em movimentos sindicalistas, a comunicação visual das reclamações sociais e operárias através das *pintadas* logram a visibilidade dos desejos e das reivindicações da sociedade. E por aí vai outra grande interrogante: como as *pintadas* políticas do período prévio à regulação da cannabis comunicam o desejo dos movimentos envolvidos na sua produção no intento de ressignificação do espaço urbano? Talvez a resposta seja a desconstrução da própria pergunta; não importa como e o que comunicam, mas de que forma interagem com as ideias dos autores e dos interlocutores, como desbordam e como transitam pelos territórios no intento de ressignificação do espaço urbano através dos movimentos sociais?

¿VAMOS A HACER UNA PINTADA?

Atravessamentos do campo. Atravessamentos no campo. Reflexões sobre a pesquisa. Trago para este último capítulo as inquietações constantes e permanentes da pesquisa. Transvestidas em diálogos e quase devaneios, jorram nesse último capítulo repassando o convite recebido durante uma entrevista no anexo do Palácio Legislativo uruguaio

Discutir o passado e o presente das ações pela Regulação da Cannabis no Uruguai através de movimentos visuais, políticos em especial, na perspectiva da produção das visualidades em muros é o intento, por isso o quase devaneio. Passado, porque me baseio em produções feitas no ano de 2013, e presente porque revivo essa temática no ano de 2017, ainda que ela nunca tenha realmente se encerrado.

A ideia de construir uma *pintada* como título deste capítulo implica nas possíveis construções mentais a partir dos diálogos e das *pintadas* originais trazidas ao longo da dissertação. Sentir, sonhar, pensar, ver de outro modo ou simplesmente não ver o lugar daquele não-lugar, na ideia em que subintitula Adriana Baggio (2013), no artigo que analisa o livro organizado por Etienne Samain, ‘Como pensam as imagens’, é o que proponho, por fim, neste porvir.

4.1 Um breve interior

Sheila Gomez, brasileira de nascimento, mas registrada desde sempre no Uruguai, ativista do Movimento Cannábico de Tacuarembó, interior uruguaio, encontrou-me na Praça *del Entrevero*. Simbolicamente, o encontro nessa praça conflui o entrevero das lutas dos homens do campo, ocupadores daquelas terras, e dos nativos, representado num monumento no centro do chafariz presente nela, com o entrevero das ações da campanha, assunto que tratamos naquele momento, porém, entrevero aqui, enquanto encontro, mistura, braços trabalhando na mesma massa.

Sheila me trouxe as imagens das Figuras 25, 26, 27 e 28. Os estêncis, nas três primeiras, foram produzidos na cidade de Tacuarembó, interior uruguaio. Com

tinta em spray e placas de raios-X, o grupo Movida Cannábica Tacuarembó interviu na cidade, capital do Departamento homônimo, que foi palco da luta que anexou o território da Banda Oriental à Coroa Portuguesa, dando origem à Província Cisplatina, com as consignas de "minha planta cresce em terras uruguaias" e "plante-se". Plante-se, em duplo entendimento de plante você mesmo e se plante nesta luta. Essas terras uruguaias, onde crescem as plantas, quem sabe não ironiza os feitos de uma guerra passada de disputa entre as Coroas Portuguesa e Espanhola?



Figura 25: Stencil: mi planta crece en tierra uruguaya. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).



Figura 26: Stencil: planta de cannabis. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).



Figura 27: Stencil: plantate. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).

A intervenção feita pelo mesmo grupo no busto de Carlos Gardel, numa *plazoleta*²² de mesmo nome, junto a entrada principal da cidade, utilizou materiais compartilhados pelo *Proderechos*. Tais materiais foram enviados a todo País por estes, resultado da campanha do amanhecer verde, orquestrada pela *Coordinadora* do movimento social *Proderechos*, na mesma época em que outros grupos trabalhavam em outras frentes na mesma temática.



Figura 28: Intervenção em busto de Gardel. Tacuarembó, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Sheila Gomez - Autor: S.d.).

En Tacuarembó muchísima gente consume, muchísima gente planta, incluyéndome. [...] Cuándo sentí que habían empezado a movilizarse acá [Montevideo], me conecté con él [Chula, artesano activista de la Red de Usuario de Cannabis], en realidad, para ver si podía me conseguir un poco de folletería, como para empezar a tirar. Ahí surgió la idea de poner en los parabrisas de los autos, tirar por debajo de las puertas, porque el mano a mano, tratándose de ese tema era bastante difícil, la gente te lo tiraba, te lo negaba, entonces queríamos hacer con que llegara a la gente, que llegara seguro. Entonces la idea era esa, y ahí él estaba conectado con otras movidas, como por ejemplo la de Florida, la de Julio Rey, después, en realidad, las pioneras fueron de Julio, el Chula, después surgimos nosotros, y después de Tacuarembó, como que Tacuarembó motivó mucho el interior, porque después de Tacuarembó surgió Paysandú, surgió Rivera, pero igualmente tuvieron poco apoyo, o poca garra, capaz, no sé, porque nosotros, la recepción de la gente no era negativa, era muy loco, y capaz a los gurises de los otros departamentos les faltó un poco de motivación, y

²² Pequena praça.

eso, de animarse, porque nosotros hicimos una movida muy linda en Tacuarembó [...].

Com a conexão do pessoal do *Proderechos* com o movimento no interior, o tema *pintadas* ganhou força. Sob orientações deles, essas intervenções foram orientadas a serem produzidas com o intuito de causar estranhamento a partir da ideia expressada na visualidade e não pelo ato vandálico em si.

Entonces, ahí ellos nos pusieron medio al tanto y que, por ejemplo, monumento y cosas así que no los fuéramos a rayar, o tocar, e incluso el amanecer verde, que tuvo muy bueno, tocamos todas las estatuas y los monumentos, todos, pero decoramos, los pusimos vincha, antifaces, nada de tocar eso, y los estencil los poníamos en los cordones, en la sendita esa que hay para subir en bici o en silla de ruedas, en esos lugares, en cordones, en escalones [...]. Juntó mucha gente y más de uno hacía eso en las placas de radiografías, hicimos la hoja, y después empezaron a surgir ideas, hacer plantas [...] Y después fue como un recurso más en cada movida, siempre se dejaba como el sello de eso, se incorporó ese recurso [...]. ¿Cómo llegamos a hacer estencil? Y esa idea surgió por una gurisada ahí, más joven, que ellos ya hacían anteriormente, pues ellos son skaters, entonces tenían estencil de un hombrecito que hay con un skate, que uno muy común incluso, acá. Tenían ese y tenían otros diseños. Y ellos nos propusieron hacerlo, y además que se unieron al grupo, y más, el grupo ese es del novio de mi hija, el Tito, que eran ellos que lo hacían. Entonces como que éramos de lo mismo, misma gente luchando por una misma causa [...]. (GOMEZ, 2017).

O espaço público, enquanto local coletivo de compartilhamento de atividades, num processo de apropriação, sofre reconfiguração de sua dinâmica no sentido que discute Rogério Haesbaert (2003). Ele propõe que o que acontece hoje no território é um acesso a múltiplos territórios, permitindo sua reconfiguração, a partir das diversas interferências, e, consequentemente, a reconfiguração de suas relações de poder, entendendo que "uma noção de território que despreze sua dimensão simbólica, mesmo entre aquelas que enfatizam o seu caráter eminentemente político, está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros do poder." (Ibidem, p. 14).

Quais territórios, então, se misturam nesses processos de "gente luchando por una misma causa" (GOMEZ, 2017)? Para não incorreremos no erro que aponta Haesbaert (2003), precisamos, antes, definir a que território nos referimos.

- Jurídico-política: a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes visto como o poder político do Estado.
- Cultural(ista): prioriza a dimensão simbólico-cultural, mais subjetiva, em que o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre o seu espaço.

- Econômica (muitas vezes economicista): bem menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho.

Deveríamos acrescentar ainda uma interpretação natural(ista), mais antiga, e pouco veiculada hoje, em que se utiliza uma noção de território com base nas relações sociedade-natureza especialmente no que se refere ao controle e usufruto dos recursos naturais - sem falar na versão "biologicista" que associa a territorialidade (no sentido genérico de "qualidade" necessária à formação de territórios) ao mundo dos animais. (HAESBAERT, 2003, p. 13).

Na intervenção urbana a partir do estêncil e do adorno da estátua de Gardel, nas Figuras 25, 26, 27 e 28, há uma provocação das relações de poder no território de âmbito cultural(ista) de maneira pulsante. Mas, quais são essas relações de poder que sofrem o enfrentamento na arena? As relações de poder moral, enquanto sociedade que se fecha e demoniza o consumo de algumas drogas; as relações de polícia, enquanto perambulam entre a aquisição e posse de substância tida como ilícita, uma vez que o consumo não era ilegal, e a ação de intervir em espaços que, legalmente, não podem ser intervindos, como é o caso do picar, entendida como depredação do patrimônio. Também, as relações interpessoais enquanto coexistência de identidades tradicionais criadas no entendimento de manutenção de signos, costumes e configurações, e rebeldes criadas no entendimento de descontentamento sobre a manutenção dos mesmos signos, costumes e configurações.

Porém, costumeiramente, ambas identidades se tornam tradicionais; a de sentido tradicionalista e a de sentido rebelde, uma vez que ambas discutem os mesmos pontos de perspectivas diferentes, mas criam personagens e signos que perpetuam, na manutenção ou na alteração do propósito com vistas a manter ou alterar a identidade. Ora, tais estratégias identitárias não podem coexistir? Não só podem, como o fazem. O que desborda das visualidades cannábicas, por assim dizer, em Tacuarembó e no restante do interior uruguaio, é justamente o agenciamento do desejo, com uma dinâmica que pode ser e é diferente da capital.

No caminho que Haesbart e Bruce (2002) trilham, no agenciamento do desejo, onde "o desejo cria territórios, pois ele faz uma série de agenciamentos", as visualidades produzidas em Tacuarembó fazem nascer, ou constituir os rizomas. O próprio processo de produção é constituído de uma forma plural. Os materiais enviados por um movimento social são recebidos pelo outro movimento social e utilizados na concepção da visualidade por um terceiro movimento social, o que

termina criando um novo ambiente a partir de um desejo, alterando o cenário público ou gerando o embate numa arena pública no sentido que dá Corrigan (2011).

Timothy Corrigan, em seu livro intitulado 'O filme ensaio', numa tradução livre, estabelece a arena pública do filme ensaio como local de encontros experienciais. Reestabelecendo essa posição, apoio-me na afirmação que o próprio autor faz daquilo que é público, partindo das premissas da "public life as multiple and changing domains of various registers and as a place of contestation through experience"²³ (Ibidem, p. 32). Assim, trato a arena pública como o local do embate entre as subjetividades múltiplas dos atores e do próprio espaço/território enquanto ser pensante, provocando a contestação através da experiência que evidencia Corrigan, numa geração de visualidades que, por sua vez, se tornam parte do processo ou do embate das subjetividades naquela arena. As visualidades não são apenas um produto, mas um elemento vivo da experiência e, como elemento vivo, dotado de força própria.

Como a crescida do rio, que altera o cenário e desaloja os ribeirinhos de maneira temporal, reconfigurando a paisagem no término do processo, realocando coisas abstratas e físicas, reterritorializando aqueles personagens no sentido cultural/existencial, o cenário urbano se altera com as *pintadas*, temporariamente, já que a tinta se apaga ou a visualidade é substituída por outra, de acordo com o assunto em voga. Então, "temos a desterritorialização vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais" (HAESBAERT, 2003, p. 17). Entretanto, esse enfraquecimento não provoca, necessariamente, um desaparecimento da identidade do povo, pois, se tratando de cultura, a entendemos como organismo vivo, portanto, tal enfraquecimento gera uma reconstrução, não a sua desapareição.

Haesbart e Bruce (2002), ainda na constituição do território, afirmam que tal processo é um agenciamento. Nesse caminho, partindo da proposta de Deleuze e Guattari sobre territorialização e desterritorialização. Ambos autores constituem o agenciamento do território em dois campos: o coletivo de enunciação e o maquínico de corpos.

²³ "vida pública como domínios múltiplos e mutáveis de vários registros e como um lugar de contestação através da experiência". (CORRIGAN, 2011, p. 32, tradução nossa).

Partindo, logo, “das relações de corpos em uma sociedade” (Ibidem, p. 7), constituímos os mundos individuais dos atores sociais e os mundos compartilhados dos atores sociais. Atores sociais enquanto pessoas dotadas de subjetividade; individuais enquanto atores com seus desejos, costumes e tradições próprias; e compartilhados enquanto individualidades postas em arena pública, formando um conjunto em via de mão dupla, onde o indivíduo adota elementos do coletivo e o coletivo adota elementos do indivíduo.

Partindo, agora, de um “regime de signos compartilhados”, constituímos a relação comunicacional “efetivada no próprio *socius*” (Ibidem, p.7). Os signos, as letras e as cores presentes nas visualidades apresentadas desde o princípio das produções das *pintadas* confluem-se no agenciamento coletivo de enunciação.

Logo, tais agenciamentos, coletivo de enunciação e maquínico de corpos, agem em confluência, em colaboração mútua, continuam os autores, num movimento recíproco, nunca hierárquico, onde a inter-relação entre um e outro fixa atributos no sentido de provocar sensações (destaque, adiantamento, atraso, profundidade, saciedade, gana...), e, “com esse movimento mútuo de agenciamentos, um território se constitui” (Ibidem, p.8).

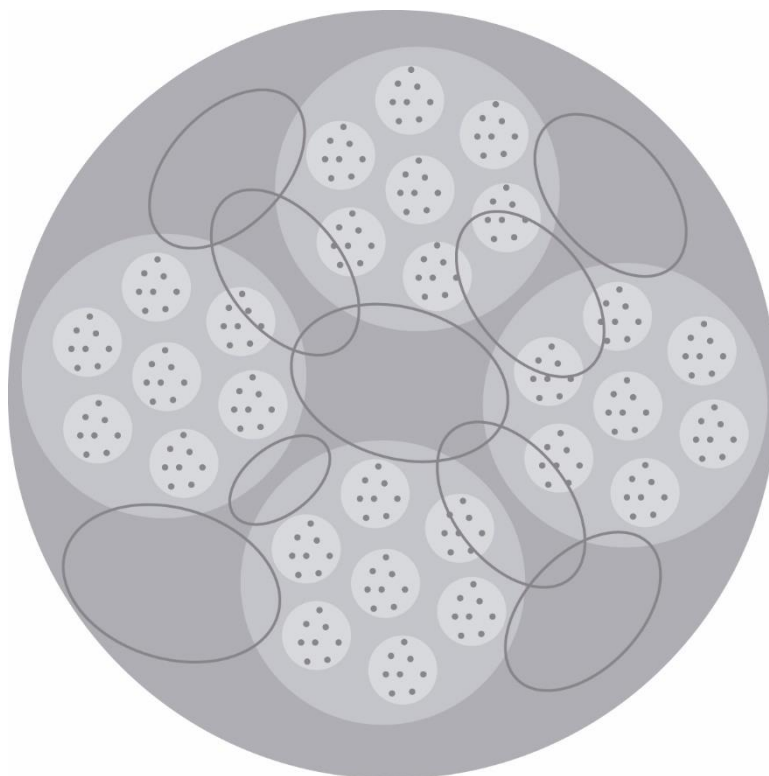


Figura 29: Agenciamentos territoriais. (Foto: feita pelo autor - Autor: criado pelo autor).

E quando um território se constitui, a desterritorialização e a reterritorialização, enquanto processos indissociáveis, complementam a configuração dele; entretanto, múltiplos territórios se apresentam na formação do contexto das *pintadas*. A Figura 29 é a visualização dessa formação dos múltiplos territórios. Os círculos mais claros representam as pequenas arenas individuais, cujo conjunto forma pequenos conglomerados culturais que, dentro de um espaço maior de convivência, entendido como um novo e outro território, constituem a sociedade e, a partir dessa configuração, novos territórios são formados pelos enlaces dos círculos de contorno preto.

Cada elemento, na sua individualidade, com suas crenças, ideologias e visões no campo do subjetivo, compartilha e coabita um espaço mais ou menos comum, cujos diversos espaços mais ou menos comuns constituem e coabitam, então, no que podemos chamar de território, sociedade ou núcleo. Porém, há elementos da classe do agenciamento coletivo de enunciação que fluem pelo grande espaço quando postos nessa arena pública, ou seja, quando geram a tensão entre os subjetivos e o coletivo, fruindo, então, das novas configurações formadas nesse território, num processo de pertencimento, despertencimento e repertencimento.

Logo, o território em sua acepção de domínio ou de apropriação, carrega elementos do poder em diferentes instâncias; o território enquanto espaço-tempo vivido é sempre múltiplo, diverso e complexo, como afirma Rogério Haesbaert (2004). Enquanto “continuum”, segue o autor, no interior desses processos de dominação e apropriação, território e territorialização precisam ser trabalhados em sua multiplicidade de manifestação (manifestações de poder, manifestações de lutas, manifestações culturais...) incorporadas pelos diversos agentes ou sujeitos envolvidos. As acepções de domínio e apropriação, formula o autor, se vinculam aos territórios funcional e simbólico, com os princípios da exclusividade e da multiplicidade, enquanto recurso ou símbolo, respectivamente.

Portanto, o território é ao mesmo tempo funcional e simbólico quando as relações de poder, obrigatoriamente, cumprem dentro do espaço algum papel na construção de significados e na realização de funções, sustenta Haesbaert (2007); por sua vez,

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está

"intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar". (HAESBAERT, 2007, p. 22).

Territorialidade, como uma dimensão ampliada do território, apresenta-se em uma configuração plural; mais que uma armadilha semântica, como aponta Haesbaert (2004), a pluralidade de territórios indica a multiplicidade deles, enquanto os territórios plurais, definidos nesta pesquisa como pluriterritórios, formam-se como "diversos territórios compreendidos no seu interior" somado a "territorialidade, cuja abrangência pode ir além dos seus limites" (Idem, p. 10).

Pluriterritorialidade²⁴, então, compreendida pela formulação de muitas estratégias identitárias que priorizam as interconexões entre múltiplos territórios e a multiterritorialidade, apontando para a não fixação em espaços, ou seja, identidades que transitam constantemente e fluidamente entre os espaços, indo além da formação de multiterritórios, mas constituindo os pluriterritórios, plurais em cultura, plurais em costumes, plurais em vontades, plurais em identidades transitórias.

Nesse caminho, "Minha planta cresce em terra uruguaia" diz muito mais do que fala. Na ideia de Etienne Samain (2012), toda imagem nos oferece algo que pensar, é portadora de pensamento e, por si mesma, é uma forma que pensa. Mas por que as Figuras 25, 26, 27 e 28 dizem muito mais do que falam? Porque, assim como nas outras imagens trazidas nesse trabalho, seus transbordamentos transitam em contextos diversos e complexos naquilo que chamamos vida.

Orgulho, bairrismo, amor, prazer e deleite é o que diz sem dizer a Figura 25. Nela e ao redor dela está todo o contexto de luta e crenças por uma reformulação da lei de drogas. Nela está o grito de "basta de hipocrisia" vindo dos anos 1990. E na associação dela com as outras intervenções produzidas, formam uma narrativa assíncrona capaz de, como um campo magnético, interferir no comportamento dos seres que aquele território habitam. Nessa interferência, os corpos se reorganizam, ressignificam a si e aos seus pares, reformulam as conjecturas e assumem uma posição. Qual posição? Impossível determinar, impossível saber de forma individual. Cada corpo responde de uma maneira distinta a um mesmo estímulo.

²⁴ Este conceito nasce da interpretação de diversos outros vinculados a territórios e suas territorialidades e torna-se palavra-chave a partir da visão da professora Liliam Amaral ao inteirar-se do tema desta pesquisa em uma aula de Arte e Cultura Popular, ministrada pela professora Leda Guimarães no ano de 2018.

Ainda assim, “Nunca desejamos só uma coisa, desejamos sempre um conjunto de coisas” (HAESBAERT e BRUCE, 2002, p. 5). Logo, a narrativa assíncrona criada pela associação das visualidades assim o é desde o entendimento de que elas não contam uma história linear, temporal, ou seja, não há que se percorrer a Via Sacra para entendermos os fatos. Essa narrativa desestabiliza os corpos no território dos múltiplos territórios que apresenta a Figura 29, convergindo na formação de novos ambientes territoriais, cujo processo de produção de novos embates nas novas arenas formarão novas narrativas e comunicarão novas ideias num ciclo constante, com maior ou menor cadência, porém, permanente.

Com a ajuda dos atores dessa pesquisa, entendemos os conjuntos dos vários desejos: há quem deseja a liberação do auto cultivo de cannabis; quem deseja a venda de cannabis em farmácias; quem deseja que o governo regule o tema cannabis; quem deseja lutar por essa regulação virtualmente; lutar por essa regulação presencialmente; quem deseja simplesmente fumar um baseado; produzir *pintadas*; intervir no espaço público de outras formas que não com tinta; engajar-se politicamente na discussão; há quem deseja o debate da cannabis medicinal; quem deseja a proibição; a prisão dos consumidores; quem deseja recusar o acesso a qualquer material que fale de cannabis; e há, também, quem associa dois ou mais desejos.

E por onde as visualidades transitam? Transitam por todos esses desejos, com seus próprios desejos. Como diz Samain (2012, p. 21), “As imagens não são bolas de sinuca”; as bolas de sinuca, apesar de parecerem algo vivo, somente o são quando tocadas, enquanto as visualidades em estudo, e todas as outras, nos levam além. Mas, então, que possíveis trânsitos indicam?

Vejamos as explorações heurísticas em torno da imagem apresentadas por Etienne Samain (2012, p. 22-23):

- Toda imagem oferece o que pensar: ou relembramos o passado ou sonhamos com futuro, da ordem das lembranças ou da ordem do imaginário, as imagens nos permitem realizar sinapses. Ainda quando não nos fazem recordar nem nos fazem sonhar, elas têm um papel de pioneira nos porvires, serão elas pertencentes ao passado, cujas novas imagens as farão recordar;

- Toda imagem é portadora de pensamento: meus e seus, dos autores e dos expectadores. Cada nova interação, cada novo olhar, incorpora um novo elemento que, ao nos afastarmos, permanece nela, dotando-a de nova criação, de nova vivência. Na próxima interação, ela reconfigurará sua existência e, ao nos afastarmos novamente, ela já não é quem foi na primeira vez, e também não é quem será na próxima.
- Toda imagem é uma forma que pensa: dada a sua capacidade de interação e viagem no tempo, carregando símbolos, cores, toque, forma nesses espaços, produzindo novas sinapses ao longo do percurso, ao longo do tempo, ela é capaz de contar histórias, rememorar feitos, combinando-se com outras ou não.

Fazem, então, as *pintadas* das Figuras 25, 26 e 27, remeter-me a minha infância, naquele domingo à tardinha, com o sol entrando pela fresta da janela do quarto da frente, cruzando o cômodo e iluminando a sala. Aquele raio reflete no chão verde encerado e ilumina o vaso de flor no canto, que é aquela peça que faz parte do conjunto de estofados típico dos anos 1990. Caminho até a cozinha, lá há um quadrinho pendurado na parede de madeira que separa a cozinha do quarto, fundo branco, amarelado pelos anos, com as bordas em arabesco e o dizer: 'não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje'.

Não deixe a luta de hoje para o amanhã. Eu sei do contexto da visualidade presente na Figura 25. Você também sabe. Sheila Gomez nos contou. Mas, quantas outras histórias dialogam com essa? Quantas outras memórias essa visualidade carrega? Quantas outras configurações e conexões são geradas a partir das *pintadas* aqui presentes?

Nesse horizonte, diria que a imagem é uma 'forma que pensa', na medida em que as *ideias* por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando a olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia [...]. Ela é a eclosão de significações, num fluxo contínuo de pensamentos [...]. O tempo das imagens é um pouco como o tempo dos rios e das nuvens: rola, corre, murmura, quando não se cala. (SAMAIN, 2012, p. 33-34, grifo original).

Então, cada visualidade dialoga com o subjetivo de quem com ela cruza e por ela é atravessado. Cada interlocutor carrega um agenciamento territorial, onde, ao trocar experiências com a visualidade, reconstrói o conceito dela, nela e em si mesmo. Não esqueçamos, porém, que cada indivíduo é responsável pelo seu

diálogo com as visualidades, podendo interagir mais ou menos de acordo com a sua bagagem experiencial.

4.2 Possibilidades a partir das visualidades capitalinas

O quarto elemento que compõe o movimento de trabalho pela Regulação da Cannabis no Uruguai é o Político, sendo subdividido em Legisladores e Jovens. Esses últimos assumem o papel de comunicar a proposta de Regulação da Cannabis e, num movimento de reconfiguração visual, seguindo preceitos antigos, começam a pintar a cidade.

Há alguns circuitos e grupos definidos para as *pintadas* na cidade de Montevideu. Ricardo Klein, professor da Faculdade de Ciências Sociais - FCS, da Universidade da República, recebeu-me num dia frio de abril de 2017, no pátio da FCS, para me explicar um pouco desse contexto:

Intervenciones en el espacio público tenés: meramente comercial, que son todos los que tiene que ver con publicidad, toque de música, teatro, talleres, lo que sea, tenés toda la línea más política partidaria, que no es solamente, son personas afines a ese partido político, a veces son contratados, a veces sí que son las pintadas políticas directas, digamos, políticas y directas te digo 609 MPP, así, 90 Partido Socialista. Después tenés, ahí sí puede haber movimientos sociales, porque depende un poco de las épocas, eso de lo que vos estás investigando sobre Cannabis, también tiene más vinculadas a memorias, derechos humanos, que mucho tiene que ver con que, no sé si están vinculados, en algunos casos hay ciertas líneas por una cuestión más de izquierda, para derechos, pero no necesariamente tienen que ver con memoria y derechos humanos, sino que están vinculados [...]. Por eso son fechas claves, eso de la línea más social política, que en muchos casos aparecen lo artístico, que no necesariamente está hecho por artistas, eso también, o gente que ha estudiado, digamos, [...] y después tenés gente más de arte, o grafiti, estencil, Street Art, que no son los que hacen pintadas políticas, ni son, tampoco, los que hacen el estencil de cannabis, eso no quiere decir que dentro de la línea de estencil, sobre todo, dentro del Street Art, [no haya] gente que juega con los conceptos de cannabis, o consumo no sé qué, cosas así [...]. (KLEIN, 2017).

Visibilidade e historicidade definiram ao longo do tempo os muros intervindos. A tomada de áreas para expressar reclamos temporários através do *spray* ou da tinta em baldes depende de alguns fatores, como o dono do muro compactuar das ideias da agrupação política e ceder o espaço quase que em caráter permanente para tais expressões. Historicamente, aquele muro é utilizado pela agrupação política para comunicar as suas ideias. Também, os espaços de certos circuitos são utilizados para intervenções visuais, seja por estarem próximo a um edifício de

Governo ou por ser o percurso de linhas de ônibus; ou, simplesmente, aquele muro estava ali, pedindo para ser pintado.

Ricardo Klein ainda atenta para a dominação de certos espaços em determinadas épocas, como durante a campanha política, onde a maioria dos espaços corriqueiros de *pintadas* passam a destinar-se ao fim político partidário. Assim, Klein suscita a dúvida sobre para que(m) se destinam as intervenções artísticas urbanas, como a *chala*²⁵ feita pelo *Proderechos*, que decorou praças, jardins e monumentos como o de Carlos Gardel, na Figura 28. Qual seria o impacto e o fim dessa ação? Político, administrativo, decorativo, continua ele.

Para ampliar a discussão da mesma dúvida, remetendo a um dos vieses de produção que explica Kelin, o político partidário, porém, com um encaixe mais da discussão de direitos e memórias, apresento outras três imagens produzidas pelos *Jóvenes*, movimento de jovens vinculados ao Partido Político *Frente Amplio*, em 2013, no contexto da campanha de regulação da cannabis, precedida por um trecho da entrevista com Tati Sabini.

Pergunto a Sabini (2017) se as manifestações, ou micro manifestações, como as *pintadas* abordadas por Klein, podem ser decisivas para um câmbio do panorama político. Ele me responde que entende tais manifestações mais bem como expressões de uma cultura:

Yo creo que son expresiones de esas culturas con un formato más bien individual. Las organizaciones políticas tienden a ser, o sociales, tienden a ser más profesionales en ese tipo de intervención. Pero creo que más bien hicieron puntualmente, para una hinchada, o para charlas, o para marchas, pero no como una demanda generalizada.

Insistindo na pergunta e sendo mais incisivo, questiono se uma *pintada* em frente ao Palácio Legislativo mudaria a tomada de decisão dos legisladores. Ele me responde enfaticamente que não.

No. Pero es por un tema, ¿no? Por un tema, siempre los muros son espacio de disputa política. En esa ciudad, quizás un poco menos que antes, pero los muros se los disputan los sectores de izquierda, los sectores de derecha, los trabajadores organizados o los artistas. (Ibidem).

Entretanto, ao nos aprofundarmos nos trânsitos das visualidades, é possível perceber que, mesmo que as *pintadas* não interfiram diretamente na tomada de decisão dos legisladores, elas dialogam com o campo onde se inserem, provocando

²⁵ Desenho da folha de cannabis.

alterações significativas no modo como as pessoas operam suas subjetividades, resultando, a partir dessas alterações no subjetivo, os embates territoriais e sua consequente reconfiguração, cujos movimentos que derivam são capazes, aí sim, de alterar o posicionamento dos legisladores.



Figura 30: *Pintada*: el Frente vota, Uruguay regula. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).



Figura 31: Pintada: cultiva tu libertad. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).



Figura 32: Pintada: no más narcos. Marihuana legal. Montevideu, 2013. (Foto: Cedida do arquivo pessoal de Xavier Ferreyra - Autor: S.d.).

Então, no intento de conhecer mais dos trânsitos possíveis nessas visualidades, partimos de três diálogos com membros dos *Jóvenes* sobre as intencionalidades da produção de *pintadas* políticas, para, na sequência, dialogarmos, juntamente com Alberto Manguel (2001), sobre as imagens como narrativas; imagens como memórias e imagens como subversão e resistência.

Xavier Ferreyra, o Pipo, foi integrante da agrupação *Jóvenes* do *Frente Amplio* à época da campanha da pela regulação da cannabis. Ele foi, também, responsável pelo movimento que entrevistou politicamente na cidade.

A grandes rasgos la vinculación más fuerte, más que nada en lo que fue la campaña para que se aprobara [la marihuana], fue a través del núcleo joven que tenía Frente Amplio. Yo, hacía ya años que estaba vinculado con el Frente Amplio a nivel, más que nada, territorial, pero se dio la posibilidad de unos meses antes de arrancar con toda la campaña, empezar a trabajar a nivel central en el Frente Amplio como jóvenes. Entonces desde ahí fue que tratamos de darle el impulso no solamente a la regulación de la marihuana, sino a toda la agenda social que había presentado el Frente Amplio durante el gobierno de Mujica; tratar de apoyarla como jóvenes, más que nada, era un deber; todo lo que era matrimonio igualitario lo que la regulación de la marihuana, lo que era el aborto; tratar de apoyarla como jóvenes porque entendíamos que era una forma de colaborar a que la gente de nuestra misma edad entendieran que eran cambios necesarios y que se sumaran al apoyo de ella. (FERREYRA, 2017).

É possível perceber como o engajamento político jovem se configura dentro da esquerda uruguaia. Pipo faz referência à necessidade deles, enquanto movimento jovem, de apoiar a agenda social adotada pelo partido; agenda social, porém, que nasce dos próprios movimentos populares e retornam para o movimento político. A partir de então, Pipo resume o processo de trabalho enquanto campanha comunicacional da agenda social do partido.

Desde ahí comenzamos a trabajar tanto con coordinación con la organizaciones sociales, como que con nuestros aliados más cercanos que eran los Diputados y Senadores que estaban al fin al proceso de regulación, y desde ahí fue el puntapié, como quien dice, que empezamos a trabajar, más que nada, en esto de la imagen de materia comunicacional, intentamos abarcar dos espectros, que era uno a nivel de redes sociales, en donde hicimos trabajos mucho más cortos [...], y la otra fue el laburo más de militancia de calle, que fue salir con las pintadas y esa imagen que te trajo, creo, acá hasta mi casa.

Pergunto a ele se as *pintadas* presentes nas Figuras 30, 31 e 32, realizadas em 2013, foram feitas no intuito de persuadir mais o próprio *Frente Amplio* que a população sobre a própria agenda, já que havia um embate dentro do próprio partido com um legislador que não queria votar favoravelmente ao projeto, ao que ele responde:

Yo creo que tenía las dos patas, porque tenía una que era hacia la interna del Frente Amplio, que era decir, ¡bo! estamos todos comprometidos con esto, hay que regular porque estamos convencidos además de comprometidos, y la otra también de mostrar para afuera, al resto de la ciudadanía no frenteamplistas, pero tampoco identificada con algún partido, de que, porque venía ya pasando, que se votaba un avance en materia de derechos y libertades, las manos que se levantaban eran las manos del Frente Amplio, no eran las de otros sectores, las de otros partidos, todos los avances que hubieron y que siguen se proyectando a nivel legislativo fueron todos avances en base de que si no estaban los votos del Frente Amplio, no salían [...]. (FERREYRA, 2017).

Sabendo que, historicamente, os muros são utilizados pela classe operária, pelos sindicatos e pelos movimentos de esquerda, como, então, eles estruturavam uma campanha nos muros?

Nosotros primero tuvimos la discusión de que muros sí y de que muros no, porque también entendemos que hay parte de una contaminación visual de la ciudad que tiene que ver con eso. Entonces eso te termina generando efecto contrario, la gente no va a leer lo que dice sino que se va a enojar porque pintaste ese muro y ya eso te genera no solamente un enemigo a lo que hiciste sino a lo que dijiste. Entonces, como que realizamos, a grandes rasgos, de los que estábamos ahí, saber qué muros y en qué lugares en donde vivíamos y en nuestras zonas, se podría hacer. Entonces identificamos unos 15, 20 muros y a su vez los muros que están alrededor del Palacio Legislativo.

A *pintada* da Figura 31 está justamente em uma das esquinas do Palácio Legislativo. Essa esquina é tida como uma espécie de grande quadro negro, sempre com algo desenhado, com algum protesto inscrito. Pergunto-me, então, por que esse muro é tão representativo no circuito das *pintadas* se essas não modificam o voto de um legislador? É aqui que percebemos um dos tantos trânsitos que uma imagem constrói. As imagens desencadeiam processos internos relativos ao sensível, ao subjetivo em cada interlocutor, trabalhando nas memórias, construindo narrativas e figurando resistências nos contextos urbanos. E, nesses processos, as mudanças acontecem.

Esa pintada en particular [Figura 31], es una de las que está en esa esquina, en una de las esquinas del Palacio. Que era como la más grande y visible así, históricamente por lo menos; [...] además, hay como una especie de respeto, o sea, nosotros no pintábamos y la gente no nos tapaba hasta que no pasara lo que estábamos planteando [...], como que existen esos códigos, que más allá que no estén escritos, de respetar. Entonces, cuando logramos más o menos identificar los muros y vimos que las cosas que estaban pintadas en esos muros ya habían pasado de fecha, ya habían vencido, como quien dice, el comunicado, a la vieja usanza salíamos a pintarlos. **A tratar de decir en esos muros lo que de otra forma no se nos permitía, porque no es que tú no tengas acceso a los medios de comunicación, o no existen; más allá del muro en sí, creo que la mayor llegada que tubo fue después, también, ¿no?, qué tal muro lo pintamos y la gente que pasa por ahí y los políticos que van al Palacio Legislativo lo ven. Pero, aprovechando también un poco las redes sociales fue las fotos de**

esos muros las que logramos hacer circular también por las redes, amplificando ese mensaje como si fuera un muro dentro de las redes sociales. (FERREYRA, 2017, grifo nosso).

Ao dizer que não é que não se tinha acesso aos meios de comunicação para expressar aquela demanda que estavam presentes nos muros, Pipo nos permite perceber o caráter de resistência e subversão que essas *pintadas* possuem. As *pintadas* subvertem o espaço ao dialogarem e instigarem interações que um simples processo de comunicar não daria conta, especialmente nos meios tradicionais de comunicação. E elas resistem a partir do processo histórico envolvido na sua produção e a partir da permanência, pelo respeito de outros grupos, da própria *pintada* nos seus espaços até o término do período da luta expressada nelas.

Logo, durante o processo investigado, fui convidado por Camila Martínez a ir coletar materiais no comitê de base do Deputado Pacha, no bairro Peñarol, pois lá havia uma *pintada* realizada para um evento dos *Gurises* do MPP. Percebi a presença de elementos da mesma linha das pintadas de 2013, feita pelos *Jóvenes*, e decidi entender melhor o novo contexto das *pintadas* políticas e, para além desses contextos, os possíveis conflitos, entendendo, como Ronaldo Entler (2012), a imagem como um lugar não só de articulações, mas também de conflitos.



Figura 33: Pintada: flor de debate. Montevideu, 2017. (Foto: feita pelo autor - Autor: Gurises MPP).

Diego Reyes (DR) e Pablo Acosta (PA) (2017), no Gabinete do Deputado Tati Sabini, numa tarde chuvosa de maio, conversaram comigo por uma hora e meia sobre os processos envolvidos na construção da Figura 33. Essa *pintada* convida a gurizada²⁶ para o acampamento da juventude política do MPP, cujo tema de uma das oficinas que seriam realizadas nos três dias de evento era o debate sobre a nova lei de drogas, especialmente no que tangia à cannabis. Entretanto, centro-me aqui no porquê do uso dos muros para esse convite.

DR: Cualquier organización tiende, además de comunicar, expresarse, o sea, por fuera de plantear una idea para comunicarla a la población, expresarse en decir lo que piensa, pero no solamente con el fin de 'vamos a comunicar', sino lo que decir. Y que los muros, en Uruguay por lo menos, siempre fueron una herramienta de las organizaciones más populares de utilizarlo como manera de expresarse. Alguna de ellas realizan expresiones más... desarrollan más las técnicas del impacto visual que tiene el muro, que eso creo que, que es algo que hay que profesionalizarse en cada organización, en el resultado de lo que quiere expresar con eso y la repercusión que tenga también, ¿no? Con una imagen tratar de tirar todo un concepto, pero creo que con un murito pintado en un barrio al lado de las pancartas gigantes que hay sobre las avenidas, las pantallas, la televisión con la publicidad totalmente concentrada en bueno, que hay que pagar para

²⁶ Rapazes, jovens.

para llegar a dar un alcance, nos lleva a, como organizaciones populares, también, bueno, a arreglar en lo, como una organización que intenta ser participativa, su manera de comunicarse, y, bueno, en esos territorios, encontrar los espacios para poder plantear alguna idea. Y está en disputa, también, tampoco que sobran muros por todos lados [...].

Questionado sobre a escolha dos dois locais onde a visualidade da Figura 33 foi produzida, *Peñarol* e *Casabó*, Diego me diz que escolheram locais onde sabiam que a *pintada* duraria pelo menos entre um e dois meses, em se tratando de um trabalho mais prolixo, no que Pablo (2017) complementa:

PA: Es verdad que el MPP como organización política, hay barrios en donde es más fuerte su mensaje. Su, digamos, su planteo tiene más cabida, porque se plantea ser, bien es un movimiento popular y se define por su última definición congresal, es que trata de expresar políticamente a todos aquellos que viven de su fuerza de trabajo, entonces no tienen corte dogmático, doctrinario, sino que tiene una definición muy amplia, pero sí, en la vía de los hechos, es verdad que hay también la definición clara de trabajar con aquellos más excluidos, y dentro de lo más excluidos, los más excluidos, que por x motivos, por uno o por otro, su voz no tiene cabida en otras organizaciones, no se escucha sus planteos. Me parece que el barrio Peñarol también a dónde están la mayor cantidad de jóvenes [...]. Entonces un muro es algo que está pensado para tener un impacto directo, rápido, pero también si vos tenés un lugar donde hay gente que está un ratito, todos tendemos, ¿verdad?, si estamos en un lugar mucho tiempo, mirar alrededor, entonces también hay que cuidar ese aspecto. Me parece que los compañeros en eso acertaron que estaba ofrecer a la vista, también, algo atractivo.

Quais outros entendimentos advêm dessas imagens, então? Penso na fala de Diego, onde as organizações não só comunicam, mas dizem, no sentido literal de comunicação da Figura 31, 'Cultive tua liberdade' fazendo uma analogia entre o cultivo da planta e a luta pela liberdade de decidir plantar e consumir, ou não, maconha. Com a aprovação da lei, 31 de dezembro de 2013 seria o último dia em que ter uma planta de maconha no quintal de casa seria razão para ser preso. Ao menos em teoria, pois inúmeros casos de prisão no pós aprovação da lei 19.172 aconteceram. O muro escolhido para a visualidade da Figura 31 foi em uma esquina do Palácio Legislativo do Uruguai, não por menos, como forma de pressionar os legisladores, como contou Pipo.

'Não mais *narcos*, maconha legal', da Figura 32, se aproxima do que disse José Mujica, em 2013, ao portal equatoriano *El Universo*:

Pretendemos regular un mercado que ya existe y prohibirlo es dejarlo al mundo clandestino. **El verdadero problema no es la marihuana sino el narcotráfico**, porque el consumo existe en nuestra sociedad. Si al narcotráfico no le arrebatamos el mercado, inducimos a la multiplicación del mundo delictivo y el narco termina prostituyendo las sociedades y arrasando con todos los valores. (2013, grifo nosso).

Esse dizer literal da visualidade se relaciona com uma ideia surgida durante o processo de regulação, de que o Governo, ao não regular ou liberar a cannabis, pois, naquela época, anterior ainda ao Governo Mujica, não se havia definido bem o termo e a abrangência do mesmo, optava por dar espaço ao narcotráfico em detrimento de liberar a maconha. De qualquer maneira,

Com o correr do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos, mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la [...]. (MANGUEL, 2001, p. 25).

Assim, como narrativa, essas visualidades contam a história do processo de regulação da cannabis no Uruguai, para além de suas inscrições literalmente presentes. Através delas, acessamos a história; de forma individual, cada uma nos traz um contexto e, de forma associada, podemos entender o panorama da situação política em 2013.

Como memória, essas mesmas imagens nos permitem rememorar histórias de vida, de guerrilha, da ditadura, das lutas sindicais. Elas se associam às imagens trazidas no capítulo II, repetindo histórias, narrando novas histórias. O contexto de produção da Figura 17, que foi a década de 1970, em meio a ditadura, com clara ameaça ao regime, num processo de resistência, de desejo de liberdade, entrecruza-se com o da Figura 30, onde há o mesmo desejo, onde há a mesma certeza de mudança. A Figura 10, que traz inscrita a ordem de expulsão dos americanos, dialoga com a Figura 32, a partir do contexto de recusa à química estrangeira. Esse é o poder das imagens, acessar essas memórias e contar histórias, transitando entre os tempos.

Ao transitar entre memórias e contextos, as *pintadas* são capazes de articular desejos e reconstruir verdades. Articulam os desejos de um conjunto de coisas num espaço múltiplo de verdades e, ao mesmo tempo que esses desejos se encontram, as múltiplas verdades entram em conflito nas suas certezas. Assim, obrigam ao interlocutor a sua reconstrução, a reconstrução das suas verdades nesses novos contextos nascidos do enfrentamento das memórias e das narrativas criadas, configurando novos múltiplos territórios, num processo de resistência das *pintadas* em articular esses trânsitos, subvertendo a ordem instaurada desde sempre.

Entretanto, quando olhamos as imagens e não conseguimos realizar conexões, "A culpa por essa escassez de leitura pode estar menos no monumento em si do que em seu espectador" (MANGUEL, p. 274). Por isso que a imagem arde em silêncio. É o agenciamento do espectador, baseado em seu interesse, em sua sensibilidade, que permite assoprar as cinzas, despertando-as para o embate, fazendo-a arder não mais em silêncio.

Quando lemos imagens - de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou escaneadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p. 27).

Então, quando decidimos ver essas *pintadas* a partir da sua época ou dentro da sua época e não pelos registros posteriores, elas também adotam um caráter de resistência e subversão ao provocar tensões no cotidiano. Elas subvertem os meios por se apresentarem em telas proibidas. Não estão na televisão, não estão no rádio nem nos jornais. Estão em muros, nas ruas, sem espaço comprado ou patrocinado. São feitas na calada da noite ou longe dos olhos dos demais, na clandestinidade.

As imagens que se tornam murais vêm desses processos de debate com a sociedade, fazendo-se uso de uma ferramenta histórica, que são os muros, com a intenção de comunicar uma ideia. Porém, nesse processo vivo que são, transcendem a dimensão dos autores e tornam-se instigadoras da transformação, da reconfiguração territorial através dos seus elementos comunicacionais associados aos corpos maquínicos (HAESBAERT e BRUCE, 2002).

Não simplesmente uma *pintada* em um muro, mas formas de construção de significações presentes e constantes, mais que os meios tradicionais de comunicação, rádio, TV e jornal. Essas visualidades, inicialmente surgidas da força dos movimentos sociais e políticos, não são produções ingênuas e ganham força a cada interação, sendo capaz de agir sobre a reconfiguração da sua territorialidade cultural, pois quando olhamos para elas uma vez, temos que olhá-las verdadeiramente, pois ela nos olha de volta e nos provoca a constituí-las (DIDI-HUBERMAN, 2014).

Os que decidem virar a cara, certamente o fazem com mil memórias e associações, num processo de luta interna, de discordância, sob alegação de

desobediência daquela visualidade e do tema daquela visualidade. De qualquer maneira, ali está ela, a imagem, presente mesmo quando não é bem-vinda, provocando, suscitando, ardendo.

O que as imagens, então, provocam? Ao arderem, provocam a fagulha em quem com elas cruza e interage, transformando as relações territoriais com os embates gerados no que se concebe como espaço público, essa grande arena de embates. Elas forçam à reflexão nesse processo de ação e ocupação que desorganiza as relações estáveis do cotidiano, narrando fatos e feitos, rememorando o passado e levando memórias para o futuro, chamando para a briga através de seus discursos e signos como tática de fazer política. Resistindo e subvertendo.

A reconstrução identitária, na baixada das águas do rio, vem carregada de novos significados, de novas ideias, de novos costumes, onde, passados os processos de desterritorialização e reterritorialização, gera uma pluriterritorialidade. Cada território socialmente, culturalmente e ideologicamente plural terá sua nova e única identidade, que passará a ser território tradicional e sofrerá, no porvir, todo o processo de reconfiguração identitária outra vez.

"EL MUNDO DEBE UNA A LA MARIHUANA"

"Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante". (SAMAIN, 2012, p. 31).

Trago aqui questões de tradução. Inicialmente, o campo me pareceu uma grande areia movediça, logo, senti confiança no trabalho que fazia e adotei uma postura de visão soberana. Já conhecia a história, já conhecia o local, queria apenas que me respondessem o que faziam com aqueles muros ou o que faziam para fazer aqueles muros. A cada resposta, pensava, "pintam muros sem saber de onde tudo isso se originou!" Ledo engano, subestimei a todos.

No processo de tradução do que é vivido em campo, Fernando Hernández (2013) discute a agência da verdade que não é dita por inteiro, com base em Lacan, na relação viver/observar/relatar. Vou além, trago para o campo o processo de tradução, reconfigurando-o em vivência. Não somente o relato passa a ser sensível, mas a própria observação e interação passam a ser sensíveis. Numa tentativa de neutralidade, ou melhor, num entendimento de neutralidade enquanto abertura corporal e mental para ver, ouvir, questionar e sentir as imagens, as palavras e os silêncios advindos daquele escrutínio.

Não se tratava mais de discutir o que aquelas pessoas faziam com os muros, mas o que aquele fazer com os muros provocava; a partir dos muros, naquele contexto da campanha de regulação da cannabis no Uruguai, nascendo de uma comunicação política, o que se comunicava e o que se provocava para além de uma comunicação.

Para tanto, as conversas se centraram, sim, em saber como os muros eram produzidos, como as cores eram escolhidas, como as frases eram definidas, porque escolhiam aqueles meios de expressão, o que representava aquela produção para cada um deles... Mas a tradução disso tudo, começando pela forma como recebi toda aquela informação, já não se centra no "eu", mas no "a partir do eu".

A visualidades que visitei ao longo desse trabalho estão, em maior ou menor grau, vinculadas a debates políticos na esfera do protesto e da resistência. Protesto

enquanto rompimento do tabu do que se concebe como droga, equiparando-a às demais drogas como tabaco, álcool e fármacos. Protesto enquanto grito de basta de hipocrisia, afinal, a maconha se enquadra no aspecto cultural geracional, pois o desenho da folha de cannabis é constante e vem desde sempre, mesmo antes de se fumar maconha pela primeira vez (ACOSTA e REYES, 2017); resistência enquanto falar de algo não falado, mas existente (PEREZ, 2017). Lutar contra forças que dominam o espaço comum e o espaço do estigma. Resistência, também, enquanto processo, pois não se abria espaço, até então, em outros meios para o debate de possibilidades sobre o estudo de cannabis, muito mais que seu uso recreativo.

Questões de território: Charo Bogarín, da banda argentina Tonolec, em entrevista a Hernán Scandizzo (2006), conta sobre seu processo de ver desde fora a si mesmo. Ao estar fora do quadro, diz Charo, o olhar se torna diferente sobre si mesmo e sobre seus processos, então, torna-se mais fácil ver onde nos situamos nesse grande mapa. Mas a questão do território nessa pesquisa foi além, foi o processo de sair do quadro original, o Brasil, para visualizar não só a origem, mas o destino, ou seja, sair do Brasil para visualizar o Brasil e o Uruguai. Esse processo de trânsito foi o que me permitiu dialogar com as visualidades estudadas, tornando possível o envolvimento sensível com aquelas produções.

Me seguro para não adentrar nas minhas memórias, pois vejo essa pesquisa não sobre mim, mas a partir de mim. Essa pesquisa é sobre a pergunta lançada em seu título, é sobre Montevideu, mas, também, é sobre o Uruguai. Por isso ela é a partir de mim, a partir do meu deslocamento territorial, da minha desterritorialização no âmbito do território político trazido por Haesbaert (2003), para a reterritorialização no âmbito cultural. É possível sair de um território e entrar em outro, de outra natureza? Sim. Assim como a memória nos desloca sem nos mover fisicamente, como nas visitas às fotografias apresentadas na pesquisa de Fabiana Bruno (2012), cujas imagens ofereceram espaços de diálogos com outros suportes da nossa comunicação, a fala e a escrita, eu transito entre definições de territórios para buscar dúvidas às dúvidas que já tenho.

Estar fora te permite ver de forma diferente teu próprio território, mas, qual fora eu estou quando vejo de forma diferente o Uruguai? Estando no Brasil, não estou fora do meu território, assim, parece contraditório querer perceber, sentir e expressar um dentro quando se está fora, mas estando dentro. Por isso o nascer do

lado errado, o despertencimento ou o superpertencimento. Não despertengo ao Brasil e ao Rio Grande do Sul, também não despertengo ao Uruguai. Richas e topetes a parte, de ser gaúcho antes de ser brasileiro, ser brasileiro antes de ser latino, gosto de comunicar as latinidades. Quando estou em Goiás, gosto de contar causos do Sul, quando estou no Uruguai, gosto de contar causos do Brasil. Quando estou no Rio Grande do Sul, gosto de encontrar as conexões com a Argentina. Seja erva mate ou *yerba mate*, seja churrasco ou *asado*, seja tomada de três plugues em linha reta ou padrão brasileiro.

Meu posicionamento na pesquisa, o pesquisar e traduzir a partir do eu, e não o eu mesmo, parte do conceito de território jurídico-político, onde se vê o território como um espaço delimitado por jurisdições de poder político do Estado e rizoma com o cultural(ista), de dimensão simbólica, onde o território é resultado de apropriações e derivações culturais por determinados grupos, sentindo as discussões de poder presentes nas visualidades em tela.

Questões de direito social: Por que no Brasil não entendemos como direito social fumar maconha? Ou entendemos? Conversando com o Deputado Sabini (2017), no Uruguai, ele me diz que a Constituição enuncia que todas as ações privadas não são objeto dos Magistrados, logo, o consumo de cannabis, figurando no marco das ações privadas, se constitui como um direito.

Do plano pessoal, cada um de nós, como seres pensantes que somos, temos o direito de escolher o que fazer com nosso corpo em termos de consumo, balizados e limitados no que a lei nos permite ou não nos proíbe. Daí um ponto diferentemente importante em termos de permissões entre os dois países: No Uruguai, o consumo de maconha nunca foi contravenção, enquanto que no Brasil é, pelo menos desde 1940. Então, enquanto a lei uruguaia não estabelecia um mecanismo seguro e legal de acesso à cannabis, o próprio sistema negava o direito ao consumo, uma vez que ele mesmo não proibia.

Nas discussões de direito social, ainda, permeiam as questões de classe, pois, mesmo o consumo não sendo criminalizado nem contraversivo, conta Sabini (2017), quem acabava sendo preso por fumar maconha eram as pessoas de menores posses, uma vez que muitos juízes entendiam que, por estarem marginalizados, conseqüentemente e automaticamente a posse de maconha seria,

também, para venda. O mesmo não acontecia com pessoas de melhores condições financeiras.

Conquistar um direito pode, ainda, estar relacionado com afetar algum interesse, seja do mercado, do narcotráfico, do político... Mais que isso, o vínculo entre afetar interesses na conquista de um direito e a configuração do objeto em si como direito está muito relacionada com a cultura dominante. Temos no Brasil uma cultura proibicionista muito forte com relação à maconha, e isso pode afetar o entendimento de direito social e de luta social pelos movimentos vinculados a esse tema.

Questões de ressignificação: o acesso à memória e os conflitos gerados no processo foi o intento no primeiro subtítulo do capítulo 4, com Sheila Gomez. Ao visitar as imagens trazidas por ela mesma, pude estabelecer os territórios onde as visualidades transitam e as relações de conflitos que se expressam a partir delas, e por onde elas transitam. Na sequência, com a ajuda de Ricardo Klein, logro definir a ideia de circuitos e relações entre os personagens que realizam intervenções visuais na capital, deixando que uma dúvida pairasse no ar: Para que(m) servem as intervenções visuais? Trazendo quatro outras imagens, dialogo com o silêncio delas.

Com Pipo, Diego e Pablo, logro dialogar sobre a maturidade dos processos de tensões criados na arena pública que é o espaço urbano, e posso, a partir do diálogo deles e do meu mesmo, compreender, afinal, para que e para quem servem as imagens: Servem para o espaço urbano, para a história e para memória, servem para instaurar processos de ressignificações que nunca cessarão.

Os processos de reconstrução identitária não ocorreram somente dentro do território onde as *pintadas* estiveram e ainda estão presentes. Eu, enquanto intermediário entre *corpus* e escrita, sofri um processo de reconfiguração do sensível. Aquela inquietação que originou esse trabalho, 'o que é isso nos muros?', é parcialmente acalmada quando enfrento essas imagens no campo, buscando suas origens, seus percursos e seus autores; parcialmente acalmada porque ela dá lugar a novas inquietações, a novas perguntas, novos problemas surgidos a partir do diálogo com elas mesmas. Então, por onde essas imagens, depois de inscritas, transitam?

Na tentativa de encontrar respostas, trilhando o rastro deixado pelo voo delas mesmas, percebo que eu transito entre novos espaços. Reconstruo certezas culturais sobre o *locus* investigado e encontro eco em outras investigações vindas de outros países, compartilhadas em seminários e colóquios na Argentina e no próprio Uruguai; mas percebo também que já não pertenço a lugar algum, pertenço ao mundo ou aos vários lados errados de muitos rios. Não é que eu perca minha identidade, eu a construo e reconstruo em um vai e vem de balsas e turbulências.

Mas, se preciso assumir um lado do debate, se preciso atravessar esse rio que nasço do lado errado, protestarei junto às imagens nas margens de cá e nas margens de lá, pois, como diz Sheila Gomez (2017), "el mundo debe una a la marihuana".

Então, que caminhos permanecem abertos em todos esses processos? Todos os caminhos permanecem abertos. Esses trânsitos, meu e das *pintadas*, deixam muitas possibilidades de interações. Onde, novamente, podemos nos encontrar com as *pintadas*? Como as receberemos e como elas nos receberão? E para onde, juntos, poderemos ir?

Poderemos ir em direção ao que propõe Fernando Hernández (2013) na análise das propriedades da representação visual que faz Elizabeth Chaplin. Poderemos desdobrar esse trabalho nas delimitações da forma pelo conjunto de convenções e códigos das imagens ou na inserção e instituição de processos sociais; ou, ainda, poderemos desdobrá-lo nos agenciamentos do autor e do visualizador possíveis com as *pintadas*. Tudo é questão de escolha.

ĩtovéke, aña memby!²⁷

²⁷ Que assim seja, droga! Numa tradução livre da língua Guaraní.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, J. P.; REYES, D. **Diego Reyes. Jorge Pablo Acosta**: depoimento [mai 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideu, 2017. 1 arquivo.mp3 (98 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

AGUIAR, S.; MUÑOZ, C. **MOVIMIENTOS SOCIALES JUVENILES EN URUGUAY. INFORME DE LA SITUACIÓN TIPO 2: MOVIMIENTO POR LA LEGALIZACIÓN DEL CANNABIS**. Grupo de Estudios Urbanos y Generacionales (GEUG). Montevideo, p. 1-44. 2007.

ALBO, F. **Derrotero del viaje de Fernando Magallanes en demanda del estrecho desde el paraje del cabo de San Agustín [1519]**. Madrid: Archivo Museo Naval de Madrid, 1783. Disponível em: <<http://bibliotecavirtualdefensa.es/BVMDefensa/i18n/consulta/registro.cmd?id=35890>>. Acesso em: 25 Fevereiro 2017.

ALBORAN, P. M. D. **Pablo Alborán - Dónde está el amor**. Madri: Warner/Chappell Music, Inc, 2012.

BAGGIO, A. T. Imagens que pensam, que sonham, que sentem. Uma proposta ousada? **Galaxia**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 211-216, jun 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a18.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BLANCO, L. **Laura Blanco**: depoimento [mai 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideu, 2017. 1 arquivo.mp3 (42 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?.

BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 891**, de 25 de novembro de 1938. Legisla sobre a regulação e fiscalização de entorpecentes. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del0891.htm>. Acesso em: 29 junho 2017.

_____. **Lei nº 11.343**, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao trá. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm#art75>. Acesso em: 29 junho 2017.

BRUNO, F. Uma antropologia das "supervivências": as fotobiografias. In: SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 91-106.

BURGIERMAN, D. R.; NUNES, A. A verdade sobre a maconha. **Super Interessante**, 2002. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/a-verdade-sobre-a-maconha/>>. Acesso em: 28 junho 2017.

BUSQUÉ, S. **Sabrina Busqué**: depoimento [set 2015]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Goiânia. 2015. E-mail. Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

CORES, H. **La lucha de los gremios solidarios (1947-1952)**: Neo-battlismo, protesta social y Fuerzas Armadas. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, v. I, 1989.

_____. **Memorias de la resistencia**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2002.

CORRIGAN, T. **The essay film**: from Montaigne, after Marker. New York: Oxford University Press, 2011.

DIDI-HUBERMAN, G. **Lo que vemos, lo que nos mira**. Buenos Aires: Manantial, 2014.

DREXLER, J. **Al otro lado del río**. Madrid: Warner Music Latina, 2004.

_____. **Movimiento**. [S.l.]: Warner Music Spain, 2017.

EL PAÍS. La plaza que fue fuerte y hoy es tumba del prócer. **El País**, 2016. Disponível em: <<https://www.elpais.com.uy/informacion/plaza-fuerte-hoy-tumba-procer.html>>. Acesso em: 4 abril 2018.

ENTLER, R. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. In: SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 133-151.

ESCUDERO, M. G. G. **Abriendo Puertas**. Universidad de la República. Montevideo, 2003. Disponível em: < <http://www.rau.edu.uy/fcs/dts/Mip2/lavilla.pdf> >. Acesso em: 25 janeiro 2018.

ESPAÑA. **Decreto-Real de 12 de Outubro de 1778**, de 12 de outubro de 1778. Reglamento y Aranceles Reales para el comercio libre de España a Indias. Disponível em: <<http://www.mcu.es/archivos/lhe/servlets/VisorServlet.jsp?cod=004939>>. Acesso em: 28 junho 2017. Imprensa de Pedro Marin.

FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES. Universidad de la República. **Censo Nacional de 1860**, Montevideo, 2013. Disponível em: <<http://cienciassociales.edu.uy/wp-content/uploads/sites/8/2013/archivos/1.%20CENSOS%201852%20Y%201860.XLS>>. Acesso em: 14 Junho 2017.

FALERO, A. **Movimientos Sociales y la Recreación del Campo Popular en Uruguay**: Desafíos Urgentes, [2016?]. Disponível em: <http://www.extension.edu.uy/sites/extension.edu.uy/files/articulo_rel_mov_sociales_y_campo_politico_alfredo_falero.pdf>. Acesso em: 03 outubro 2016.

FERREYRA, X. **Xavier Ferreyra**: depoimento [mai 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideo: 2017. 1 arquivo.mp3 (53 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

FIGUEROA, F. A. D. El Parnaso Oriental o Guirnalda Poética de la República Uruguay (1835). In: GARAT, G. **Marihuana y otras yerbas**. 2ª. ed. Montevideo: DEBOLSILLO, 2016.

GARAT, G. **El camino**. 1ª. ed. Montevideo: Friedrich Ebert Stiftung, 2015.

_____. **Marihuana y otra yerbas**. 2ª. ed. Montevideo: DEBOLSILLO, 2016.

GAROIAN, C. R. Performance artística como pedagogia de resistência. **Revista Aprender**, Portalegre, n. 27, p. 61-65, maio 2003.

GOMEZ, S. **Sheila Gomez**: depoimento [mai 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideu: 2017. 1 arquivo.mp3 (40 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 1-15, 2002.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, jan-jun 2003.

_____. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, set. 2004. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

HERNÁNDEZ, F. Investigar con imágenes, investigar sobre imágenes: desvelar aquello que permanece invisible en la relación pedagógica. In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa na Educação da Cultura Visual**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 77-95.

KLEIN, R. **Ricardo Klein**: depoimento [abr 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideu: 2017. 1 arquivo.mp3 (30 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

LARROBLA, C. La dictadura cívico militar (1973-1985). **1811-2011**, [2017?]. Disponível em: <<http://www.1811-2011.edu.uy/B1/content/la-dictadura-c%C3%ADvico-militar-1973-1985?page=show>>. Acesso em: 21 junho 2017.

LEMONS, F. De las cuevas al Palacio. **El País**, 2014. Disponível em: <<http://www.elpais.com.uy/que-pasa/cuevas-palacio.html>>. Acesso em: 01 julho 2017.

_____. **Florencia Lemos**: depoimento [mar-maio 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideu: 2017. 3 arquivos.mp3 (1h 39 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

MAMÁ era Punk. Direção: Guillermo Casanova. Produção: Marisol Santelices e Hernán Dinamarca. [S.l.]: CEMA. 1988. 35 min. Cor. Disponível em: . Acesso em: 30 junho 2017.

MANGUEL, A. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Tradução de Rubens Figueiredo; Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARESCA, S. O silêncio das imagens. In: SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 37-40.

MARIN, F. **Federico Marin**: depoimento [abr 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideu-Pinamar: 2017. 2 arquivos.mp3 (1 h 13 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

MASSERA, J. P. Proyecto de ley relativo a la importación, exportación, comercio, detención y uso de estupefacientes (1931). In: GARAT, G. **Marihuana y otras yerbas**. 2ª. ed. Montevideo: DEBOLSILLO, 2016.

MAZETTI, H. M. Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, Brasília, 2006. **Anais...**

Brasília, 6-9 setembro 2006. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf>>. Acesso em: 02 outubro 2016.

MITCHELL, W. J. T. **¿Qué quieren realmente las imágenes?** México: COCOM, 2014.

MOREIRA, C. Movimientos populares y luchas sociales en el Uruguay contemporáneo. Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 3, Londrina, 2008. **Anais...** Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/carlos_moreira.pdf>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

MUJICA, J. José Mujica: «El verdadero problema no es la marihuana, sino el narcotráfico». **El Universo**, Guayaquil, 02 junho 2013. Disponível em: <<http://www.eluniverso.com/noticias/2013/06/02/nota/978416/jose-mujica-verdadero-problema-no-es-marihuana-sino-narcotrafico>>. Acesso em: 04 julho 2017. Entrevista concedida à agência EFE em Madrid.

NAHUN, B. **Breve História del Uruguay Independiente (1999)**. 9ª. ed. Montevideo: Banda Oriental, 2016.

NUÑEZ, N. **Nicolás Nuñez**: depoimento [abr 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideo: 2017. 1 arquivo.mp3 (49 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

OLIVEIRA, C. **Cesar Oliveira e Rogério Melo - Nos Bailes do "Maragato"**. [S.l.]: ACIT, 2005.

PAINS, C. Atualmente marginalizado, o uso da maconha já foi feito por escravos e até intelectuais renascentistas. **O Globo**, 22 outubro 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/atualmente-marginalizado-uso-da-maconha-ja-foi-feito-por-escravos-ate-intelectuais-renascentistas-17269652>>. Acesso em: 28 junho 2017.

PARODI, T. **Teresa Parodi - Apuráte José**. Buenos Aires: Sony - EPIC, 1995.

PARTIDO NACIONAL. Editoriais. **Partido Nacional**, 2013. Disponível em: <<http://partidonacional.org.uy/portal/index.php/component/content/article/10-editoriales/1258-gumercindo-saravia-heroe-de-frontera?highlight=WyJzYXJhdmlhll0=>>>. Acesso em: 14 Junho 2017.

PEREZ, J. **El ocaso y la esperanza**. Montevideo: Fin de Siglo, 1996.

PEREZ, P. **Paula Perez**: depoimento [mar 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideo: [s.n.], 2017. 1 arquivo.mp3 (27 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

PORRINI, R. **Movimientos Sociales**. Montevideo: IMPO, v. 4, 2013-2014.

RAMÓN AYALA, R. G. C. **Posadeña linda**. Buenos Aires: DISCOS REDONDEL, 1976.

REIS, L. M. Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 11-23, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1749/1894>>. Acesso em: 28 junho 2017.

RIO DE JANEIRO. [Município]. **Código de Posturas da Ilustríssima Câmara Municipal**, 1854. Dispõe sobre o código de posturas na Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00591600#page/6/mode/1up>>. Acesso em: 28 junho 2017. P. Brito - Impressor da Casa Imperial.

SABINI, S. **Sebastián Sabini**: depoimento [abr 2017]. Entrevistador: M. F. Schneider Kist. Montevideo: 2017. 1 arquivo.mp3 (35 min). Entrevista concedida à pesquisa Montevideo, ¿qué es eso en los muros?

SAMAIN, E. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora Unicamp, 2012. p. 21-36.

SCHINCA, M. **Boulevard Sarandí**. 9ª. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2017.

SCHNEIDER KIST, M. F. INTERVENCIONES MONTEVIDEANAS: AS FRASES DESENHADAS PELOS MUROS DA CIDADE, SEUS AUTORES E SUA RECEPTIBILIDADE. In: MIRANDA, F.; VICCI, G.; ARDANCHE, M. (Orgs.). **V C Q Internacional Educación, Visualidad**: investigaciones pedagógicas en contextos hiper visuales. Montevideo: UdelaR, UFG, CSIC, 2017. p. 207-217. Disponível em: <<https://nucleodeculturavisual.files.wordpress.com/2015/08/0.pdf>>. Acesso em: 05 julho 2017.

SECRETARÍA DE DERECHOS HUMANOS PARA EL PASADO RECIENTE. Investigación histórica sobre asesinados políticos por responsabilidad y/o aquiescencia del Estado. **Secretaría de Derechos Humanos para el Pasado Reciente**, 2016. Disponível em: <<http://sdh.gub.uy/wps/wcm/connect/sdh/f832d72f-e577-42dc-87ea-c561f336149b/MEDINA+DELGADO%2C+Walter+Eduardo.pdf?MOD=AJPERES&attachment=true&id=1418830833946>>. Acesso em: 21 junho 2017.

SILVA, L.; LAGOS, J. G. ¿El nuevo año cero? **La Diaria**, Montevideo, 10 abril 2015. Disponível em: <<https://ladiaria.com.uy/articulo/2015/4/el-nuevo-ano-cero/#!>>. Acesso em: 30 junho 2017. Entrevista realizada com Aldo Marchesi, Mauricio Bruno e Diego Sempol.

SILVA, V. G. Entre a poesia e o raio X: uma introdução à tendência pós-moderna. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 145-158.

TAVARES, A. M. Intervenções Urbanas. **ARS**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 1-9, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v6n11/08.pdf>>. Acesso em: 02 outubro 2016.

URUGUAI. **Decreto-Lei nº 14.294**, de 11 de novembro de 1974. Se regula la comercialización y el uso de estupefacientes y sustancias sicotrópicas y se establecen medidas punitivas contra el comercio ilícito de las drogas. Disponível em: <<https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp1072875.htm>>. Acesso em: 20 junho 2017.

_____. **Lei nº 17.016**, de 28 de outubro de 1998. Dictanse normas referentes a estupefacientes y sustancias que determinen dependencia física o psíquica. Disponível em:

<<https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp1518462.htm>>. Acesso em: 29 junho 2017.

_____. **Ley N° 19.172**, de 07 de janeiro de 2014. Control y regulación del estado de la importación, producción, adquisición, almacenamiento, comercialización y distribución. Disponível em: <<https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp7647539.htm>>. Acesso em: 10 junho 2017.

VALENÇA, A. **Alceu - Valença - Girassol**. São Paulo: RCA, 1987.

VILLELA, G. 'Pito do Pango' na década de 30, maconha era vendida em herbanários do Rio. **Acervo O Globo**, 23 julho 2014. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/pito-do-pango-na-decada-de-30-maconha-era-vendida-em-herbanarios-do-rio-13352181>>. Acesso em: 28 junho 2017.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temática**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 201-218, ago/dez 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>>. Acesso em: 09 janeiro 2018.

VIVES, E. M. **500 años: Lo esencial de la Historia Uruguay** (2014). 3ª. ed. Montevideo: Banda Oriental, 2016.

WEIS, J. Chimangos X Maragatos. **Extra Classe**, 2013. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2013/04/chimangos-x-maragatos/>>. Acesso em: 13 junho 2017.

ZIBECHI, R. Movimientos sociales bajo gobierno progresista. El orgullo de ser Uruguayo. In: CARTONERAS, P. **DEVENIR CASTA: Otras políticas ante nuevos gobiernos**. Oaxaca: Pensaré Cartoneras, 2015. p. 95-104. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/zr3bhla2sqi44n6/20160503%20DEVENIR%20CASTA%20interior%20c%C3%B2pia.pdf?dl=0>>. Acesso em: 30 junho 2017.

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Montevideo, ¿Qué es eso en los muros?

Pesquisador: Maurício Schneider

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 64164017.0.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Artes Visuais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.934.942

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: Montevideo, ¿Qué es eso en los muros? Pesquisador Responsável: Maurício Schneider. N. CAAE: 64164017.0.0000.5083. Instituição Proponente: Faculdade de Artes Visuais. Pesquisa qualitativa etnográfica experimental. Propõe um estudo através de imersão no contexto das produções (graffites e pichações) que delimitam o corpus da pesquisa na cidade de Montevideu, aproximando, gradativamente, dos produtores de tais visualidades. Serão aproximadamente 6 produtores indicados pelos próprios participantes, considerando que o primeiro contato será feito com uma amiga que foi militante no contexto em que a pesquisa propõe estudar.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estudar as pichações e graffites, produzidos por movimentos sociais durante a campanha pela liberação do uso, cultivo e venda da cannabis na cidade de Montevideu – Uruguai.

Objetivo Secundário:

Analisar os registros fotográficos das pichações e graffites; Contextualizar, com a ajuda de teóricos, os atores envolvidos nesse estudo; Conhecer, através das narrativas individuais, os conceitos envolvidos no processo de ação e reação dessas

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.934.942

produções; Estudar, com a ajuda de teóricos, a amplitude do produto gerado pelas ações nos campos de cultura visual, movimentos sociais e contextos urbanos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Considerando o tipo de pesquisa, aponta-se como risco o desconforto psicossocial aos participantes no desenvolvimento da mesma, considerando que o tema envolve ações ilegais (pichação/graffite), políticos e de estigma social. Entretanto, caso haja algum tipo de desconforto para algum dos participantes, estes poderão desistir a qualquer momento.

Benefícios:

Acredita-se que ao longo do desenvolvimento da pesquisa os participantes poderão refletir sobre suas ações durante o período de manifestações em prol da legalização da cannabis em todas suas instâncias, permitindo, no desenrolar desta análise pessoal, elencar pontos de acertos e erros numa estratégia de comunicação de ideias, culminando, no desfecho da pesquisa, no reconhecimento do seu papel na regulação do uso, venda e plantio da cannabis em seu país, percebendo, ainda, a (re) construção do espaço urbano através de suas ações.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Hipótese:

Admite-se que o consumo, o cultivo e a venda de cannabis em território uruguaio é um direito social, logo, o Estado não tendo garantido esse direito, formam-se agrupamentos sociais que vão às ruas para reivindicar pelo que acreditam ser justo e correto fazendo uso de elementos artísticos como o grafite nas suas performances, (re) configurando o espaço urbano a partir desse movimento. Busca-se, então, a partir dos graffies/pichações/pintadas produzidas durante a campanha em prol da regulação/lei da cannabis, responder à pergunta: como os movimentos sociais configuram o e se configuram no espaço urbano montevidense?

O estudo dessas visualidades são formas de protesto, de lutas, que são performances no sentido de prática crítica de cidadania e democracia radical. A pesquisa participante deverá levar em conta as múltiplas vozes presentes em torno da produção das visualidades.

Durante o campo coletará notas pessoais, as impressões subjetivas, notas de observação, concretude do que vê, notas metodológicas, conexões do que for observado com as teorias já

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.934.942

visitadas.

Participarão seis (6) pessoas que tiveram envolvimento direto com as produções visuais, durante a campanha de regulação da maconha promovida por movimentos sociais para pressionar o governo uruguaio a sancionar a lei da cannabis. A forma de acesso a essas pessoas será pela metodologia de bola de neve.

Será construído o diário de campo com notas pessoais, assegurando o cumprimento da decisão sobre o anonimato, entretanto, o diário de campo será construído com base no roteiro apresentado.

Os encontros serão gravados em áudio para posterior transcrição, conforme explicado ao participante no TCLE.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Folha de Rosto devidamente assinada.
- Instrumento de coleta de dados.
- Termo de Compromisso da equipe de pesquisa.
- TCLE em espanhol.
- TCLE em português: Menciona a Gravação de áudio e vídeo. Mencionam que participação que a utilização da voz e imagem para a produção dos documentários só poderá ser feita mediante a expressa autorização, por isso, antes do campo para a assinatura, no final deste documento, há um espaço para ser assinalado. Poderá permitir ou não o uso da imagem, voz e opinião. Poderá optar por não permitir o uso de voz e imagem e ainda assim participar da pesquisa. E também no documentário a possibilidade da distorção da imagem. Garante o direito de recusar a responder qualquer pergunta em caso de constrangimento, bem como de retirar da pesquisa a qualquer momento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise dos documentos postados somos favoráveis à aprovação do presente protocolo de pesquisa, smj deste comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.934.942

importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para fevereiro de 2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_836673.pdf	28/01/2017 10:30:22		Aceite
Outros	instrumento_coleta_dados_cep_ufg_mauricio_f_schneider_kist.pdf	25/01/2017 18:41:29	Maurício Schneider	Aceite
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	consentimiento_libre_previo_e_informado_clpi_tcle_espanhol_mauricio_f_s_kist.pdf	25/01/2017 18:40:51	Maurício Schneider	Aceite
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_tcle_portugues_mauricio_f_s_kist.pdf	25/01/2017 18:40:44	Maurício Schneider	Aceite
Outros	termo_compromisso_cep_ufg_mauricio_f_schneider_kist.pdf	25/01/2017 18:39:08	Maurício Schneider	Aceite
Folha de Rosto	folha_de_rosto_cep_ufg_mauricio_fernando_schneider_kist.pdf	25/01/2017 18:37:03	Maurício Schneider	Aceite
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	pre_projeto_cep_ufg_mauricio_fernando_schneider_kist.pdf	22/01/2017 22:28:37	Maurício Schneider	Aceite

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 21 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador)

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131
Bairro: Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com